



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELLE CERCI MOSTAGI

**O USO DE RECURSOS MEDIADORES NA FORMAÇÃO
CLÍNICA EM PSICOTERAPIA FAMILIAR
PSICANALÍTICA:
UM ESTUDO QUALITATIVO**

Londrina
2020

DANIELLE CERCI MOSTAGI

**O USO DE RECURSOS MEDIADORES NA FORMAÇÃO
CLÍNICA EM PSICOTERAPIA FAMILIAR
PSICANALÍTICA:
UM ESTUDO QUALITATIVO**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina, na Linha 1.

Orientadora: Profa. Dra. Maíra Bonafé Sei

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de
Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

D185 Mostagi, Danielle Cerci.

O uso de recursos mediadores na formação clínica em psicoterapia familiar psicanalítica: um estudo qualitativo / Danielle Cerci Mostagi. - Londrina, 2020. 153 f. : il.

Orientador: Maíra Bonafé Sei.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Formação de terapeutas. Psicoterapia familiar psicanalítica. Uso de recursos mediadores - Tese. I. Sei, Maíra Bonafé. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

DANIELLE CERCI MOSTAGI

**O USO DE RECURSOS MEDIADORES NA FORMAÇÃO CLÍNICA EM
PSICOTERAPIA FAMILIAR
PSICANALÍTICA:
UM ESTUDO QUALITATIVO**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito para defesa em nível de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina, na Linha 1.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Máira Bonafé Sei
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Maria Elizabeth Barreto Tavares dos
Reis
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes
Universidade de São Paulo – USP

Londrina, 27 de fevereiro de 2020.

Mostagi, D. C.. (2020). **O uso de recursos mediadores na formação clínica em psicoterapia familiar psicanalítica**: um estudo qualitativo. 152 f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

A formação em psicologia na área clínica se inicia na graduação e tem no estágio curricular a experimentação do lugar de psicoterapeuta. Há, em algumas universidades, a formação clínica do estagiário de psicologia na modalidade de casais e famílias, dentro da abordagem psicanalítica. Contudo, o que se constata na prática clínica é que essa modalidade de atendimento pode vir a mobilizar diversas emoções ligadas a experiências vinculares pretéritas com a família de origem ou atual do terapeuta. Desta maneira, mostra-se pertinente trabalhar questões de ordem familiar, com o objetivo de propiciar a elaboração de conteúdos que possam interferir nos atendimentos realizados. Esta pesquisa empregou a metodologia de pesquisa qualitativa e entende-se ter sido realizada uma pesquisa em psicologia clínica. Teve como objetivo investigar a utilização de recursos artísticos-expressivos enquanto uma estratégia terapêutica que poderia contribuir para a formação de terapeutas em psicoterapia familiar psicanalítica. E, também, verificar se o grupo psicanalítico de discussão mediado por recursos artísticos-expressivos seria capaz de favorecer a emergência de conteúdos psíquicos ligados à trama inconsciente familiar. Para o desenvolvimento desta investigação, propôs-se a participação de três integrantes. Foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista individual semidirigida (inicial e devolutiva) e foram realizadas quatro atividades em grupo, a saber: genograma, espaçograma e desenho-estória com tema em dois momentos distintos (“Sua família” e “O atendimento psicanalítico de casais e famílias”). O tratamento dos dados foi referendado no aporte teórico psicanalítico de casal e família. Inicialmente, foi feita uma breve síntese de cada participante. E em um segundo momento, foram apresentados os dados dos quatro encontros realizados, com a produção subsequente, e discutidos os aspectos abordados por cada um. Os instrumentos utilizados proporcionaram às participantes reflexões sobre suas famílias e também sobre o atendimento de casal e família. Portanto, os resultados encontrados apontam para a relevância desta estratégia de intervenção, pois favoreceu a emergência de alguns conteúdos psíquicos ligados à trama inconsciente familiar das participantes, o que pode auxiliá-los em futuros atendimentos clínicos.

Palavras-chave: Formação de terapeutas. Psicoterapia psicanalítica. Recursos mediadores.

Mostagi, D. C. (2020). **The use of mediating resources in clinical training in psychoanalytic family psychotherapy**: a qualitative study. 152 p. (Masters Dissertation in Psychology). State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

The training in psychology in the clinical area begins at the undergraduate level and has the experience of being a psychotherapist in the curricular internship. In some universities, there is the clinical training of the psychology intern in the modality of couples and families, within the psychoanalytical approach. However, what can be seen in clinical practice is that this type of care can mobilize various emotions linked to past experiences with the therapist's original or current family. In this way, it is pertinent to work on family issues, with the objective of enabling the development of content that may interfere with the services provided. This research used the qualitative research methodology and it is understood that a research in clinical psychology was carried out. It aimed to investigate the use of artistic-expressive resources as a therapeutic strategy that could contribute to the training of therapists in psychoanalytic family psychotherapy. And, also, to verify if the psychoanalytic discussion group mediated by artistic-expressive resources would be able to favor the emergence of psychic contents linked to the unconscious family plot. For the development of this investigation, the participation of three members was proposed. The following instruments were used: semi-directed individual interview (initial and feedback) and four group activities were carried out, namely: genogram, space chart and drawing-story with a theme in two different moments ("Your family" and "The psychoanalytic service of couples and families"). The treatment of the data was supported by the theoretical psychoanalytical contribution of the couple and family. Initially, a brief summary of each participant was made. And in a second moment, the data of the four meetings held, with the subsequent production, were presented and the aspects discussed by each one were discussed. The instruments used provide the participants with reflections on their families and also on the care of couples and families. Therefore, the results found point to the relevance of this intervention strategy, as it favored the emergence of some psychic content linked to the participants' family unconscious plot, which can assist them in future clinical care.

Keywords: Psychology training. Psychoanalytic psychotherapy. Mediating Resources.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Genograma Participante 3	60
Figura 2 – Genograma Participante 2	64
Figura 3 – Genograma Participante 1	67
Figura 4 – Espaçoograma Participante 3 (térreo)	76
Figura 5 – Espaçoograma Participante 3 (Primeiro andar).....	79
Figura 6 – Espaçoograma Participante 1	83
Figura 7 – Ilustração do terreno de sua primeira residência Participante 1	86
Figura 8 – Espaçoograma Participante 2	87
Figura 9 – Desenho estória com tema “A sua família” Participante 1	94
Figura 10 – Desenho-estória com tema “A sua família” Participante 3	98
Figura 11 – Desenho-estória com tema “A sua família” Participante 2	102
Figura 12 – Desenho-estória com tema “Atendimento Psicanalítico de Casal e Família” – Participante 3.....	107
Figura 13 – Desenho-estória com tema “Atendimento Psicanalítico de Casal e Família” – Participante 1	113
Figura 14 – Desenho-estória com tema “Atendimento Psicanalítico de Casal e Família” – Participante 2.....	118

SUMÁRIO

Capítulo 1 O processo de formação do psicólogo nas universidades	09
1.1 A formação do psicólogo no Brasil	09
1.2 O processo de formação em terapia familiar de casal e família	14
Capítulo 2 Terapia familiar psicanalítica.....	19
2.1 Pressupostos teóricos da psicanálise de casal e família.....	19
2.2 Recursos artísticos-expressivos utilizados na terapia de casal e família	23
Capítulo 3 Grupos Terapêuticos e o emprego de recursos mediadores	31
3.1 Grupos: percurso histórico.....	31
3.2 Grupos de mediação: o uso de recursos mediadores em situações grupais	34
JUSTIFICATIVA	38
OBJETIVOS	40
Objetivo geral	40
Objetivo específico	40
METODOLOGIA.....	41
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	48
Síntese Participante 1.....	49
Síntese Participante 2.....	51
Síntese Participante 3.....	53
Primeiro encontro: o genograma	55
Segundo encontro: o espaçograma	75
Terceiro encontro: desenho-estória com tema “A família do terapeuta”	92
Quarto encontro: Desenho-estória com tema “O atendimento psicanalítico de casal e família”	107
O uso de recursos mediadores como instrumento potencializador na formação de terapeutas de casais e família	132

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
	REFERÊNCIAS.....	141
	ANEXOS.....	152
	ANEXO A – Termo de consentimento	153

Capítulo 1 O processo de formação do psicólogo nas universidades

1.1 A formação do psicólogo no Brasil

No Brasil, a psicologia atravessou vários processos históricos, no início sem uma formação específica em território nacional. Assim, em um primeiro momento, situado em meados do século XIX, os conhecimentos psicológicos foram introduzidos no país, principalmente pela classe médica, a partir de cursos realizados na Europa. Em um momento posterior, no início do século XX, houve a criação de cursos destinados a diplomados advindos de outras graduações, com a psicologia tornando-se, deste modo, uma especialização. É na década de 1950 que os primeiros cursos de graduação acabaram por se constituir, com sua regulamentação enquanto profissão tendo ocorrido em 1962 (Damasceno, et. al., 2016).

Dois documentos importantes são deste período, o anteriormente citado, que dispõe sobre a normatização da profissão, e o do Currículo Mínimo dos cursos de psicologia. Este determinava que houvesse nas graduações de psicologia três modalidades de formação: bacharel, licenciatura e formação de psicólogo, incluindo as áreas clínicas, da educação e do trabalho. Logo, o proposto foi que os cursos deveriam oferecer estágios supervisionados nestes campos possíveis de atuação, compreendidos como período de treinamento prático necessário ao exercício da profissão. Eles estariam concentrados no último ano da graduação e eram de caráter obrigatório para a obtenção do grau de formação do psicólogo (Cury & Neto, 2014).

Portanto, com a implantação do currículo mínimo houve a institucionalização dos estágios como uma atividade de natureza prática, com qualidade formativa, necessários para a diplomação (Neto & Lima, 2019). Além de serem obrigatórios, também deveriam ser supervisionados, concebidos como imprescindível para atuação futura neste campo. Destarte, este momento era entendido como o desenvolvimento de modos de atuação, que nada mais seria do que a aplicação dos conhecimentos teóricos

adquiridos durante a trajetória percorrida na graduação (Cury & Neto, 2014).

Contudo, nas últimas décadas, novas exigências foram feitas à profissão, com a demanda de um perfil profissional mais ampliado, preparado para atuar em novos mercados de trabalho. Houve, por exemplo, a inserção da psicologia nas políticas públicas, o que ocasionou a criação de cargos para este profissional no Sistema Único de Saúde (SUS). Por conseguinte, ocorreram expansões no âmbito laboral, já que, além das áreas citadas anteriormente (presentes no currículo mínimo), outros campos surgiram, como jurídico, saúde, trânsito, entre outras áreas. Estas transformações provocaram novas necessidades no processo de formação, resultando na publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de graduação em psicologia. A primeira publicação foi em 2004, porém houve uma alteração em 2011, com a inclusão da normatização da Licenciatura em Psicologia (Damasceno et al., 2016).

Em vista disso, ocorreu uma reformulação do currículo da graduação para atender às normas presentes neste documento, que busca ser mais consoante às políticas públicas e às necessidades sociais (Abdalla, Batista, & Batista, 2008). Há uma mudança de foco, no qual em vez de a formação se alicerçar na transmissão de conteúdos pelas disciplinas, propõe-se uma educação fundamentada na aquisição de competências e habilidades. Assim, entre suas diretrizes, além da ênfase em eixos estruturantes e núcleo comum, também dispõe sobre habilidades específicas e a inclusão de aspectos culturais locais. Ainda, estabelece uma lista com diversas atividades formativas para a graduação, que vai desde as aulas expositivas até os estágios supervisionados (Cury & Neto, 2014).

Deste modo, esta legislação trouxe mudanças significativas, particularmente em relação aos estágios, que deixaram de se concentrar no último ano da graduação para serem distribuídos durante todo o curso. Foram, por conseguinte, decompostos em duas categorias, básico e específico, cada qual apresentando características e carga horária distintas. Como o propósito do estágio é colocar o discente em situações e contextos que permitam uma atuação profissional, essas atividades práticas devem ser supervisionadas por professores da instituição formadora, tendo como propósito a implementação de habilidades e competências profissionais (Neto & Lima, 2019).

Discorrendo sobre o assunto do estágio supervisionado, Neto e Lima (2019) salientam que muitos questionamentos ocorreram no Brasil, no decurso das últimas décadas, referentes à construção e consolidação de uma psicologia enquanto campo de conhecimento. Apontam que “O desafio de construir a unidade entre teoria e prática é essencial para que a psicologia possa ser uma ciência e campo profissional a serviço do acolhimento das necessidades da maioria da população brasileira” (Neto & Lima, 2019, p. 20). Assim, entendem a supervisão como um instrumento fundamental que possibilita a discussão sobre a experimentação e a produção de maneiras de pensar/atuar o fazer psicológico.

Entre as múltiplas ocupações de que dispõe o psicólogo no exercício da sua profissão, a psicologia clínica é uma das áreas possíveis de atuação deste profissional. E, para uma formação nesta área, o estágio supervisionado se apresenta como uma importante estratégia de formação (Zaslavsky, Nunes, & Eizirik, 2003). À vista disso, além da experiência prática proporcionada pelo estágio, outros aspectos devem ser mencionados, pois estão intrinsecamente relacionados à capacitação de futuros psicólogos clínicos.

Em primeiro lugar, há uma profusão teórica que possibilita a utilização da palavra psicoterapias, o que acentua seu caráter múltiplo. Desta maneira, a psicologia, enquanto área de conhecimento, não é um campo uno, em virtude da sua diversidade de abordagens teóricas, traduzida em inúmeros métodos, técnicas e modalidades de atuação (Quayle, 2010). Pode-se citar algumas abordagens presentes na graduação - humanista, analítica, psicanalítica, comportamental, cognitivo comportamental, centrada na pessoa, gestalt-terapia - e, portanto, afirmar que há diversos tipos de psicoterapias.

Com isso, pelo fato de haver diferentes teóricos que embasam a prática clínica, com múltiplas proposições técnicas, isso acarreta ao graduando a necessidade de efetuar também uma escolha que fundamente sua atuação clínica (Barreto & Barletta, 2010). Essa também é uma questão importante no caminho de construção de uma identidade própria como profissional na área da psicologia. Outro aspecto mencionado quando se trata de formação clínica é a análise pessoal dos discentes.

Deste modo, para uma formação em psicologia, e especificamente na área clínica, o graduando deve percorrer um caminho que se inicia na graduação e tem no estágio curricular a experimentação do lugar de psicoterapeuta. Vários estudos trataram desta questão (Lopes & Castro, 2018; Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008; Aguirre, 2000), retratando o papel do estágio enquanto primeira vivência e um ensaio prático para a atuação clínica, que desencadeia sentimentos de angústia e de despreparo dos graduandos. Isto acontece porque o estudante se depara com os desafios presentes na prática da psicoterapia e deve se apropriar deste novo lugar (de psicoterapeuta) (Lopes & Castro, 2018).

Acerca do tema, Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008) realizaram uma pesquisa com alunos que estavam vivenciando sua primeira prática clínica, já que em

suas experiências enquanto supervisoras clínicas observavam a dificuldade do aluno neste contato inicial com os pacientes. Ao destacar este como um período importante, no qual acontece a passagem entre a teoria e atuação prática, ressaltaram os sentimentos despertados nesta situação, como a sensação de despreparo e ansiedade envolvidos nesta primeira atuação clínica. Portanto, apontam a relevância desta vivência emocional, que pode desencadear reações defensivas e também podem imobilizar os graduandos emocionalmente. Apresentaram, então, a importância do papel da supervisão enquanto espaço de *holding*, posição também defendida por Sei e Paiva (2011) que, ao discutir este tema, colocam que:

... o espaço de supervisão deva também ser um ambiente de holding, de respeito e de acolhimento das angústias do estagiário, onde ele possa colocar-se verdadeiramente, sem defesas. Só em um ambiente de supervisão em que exista esse holding é que o estagiário poderá desenvolver sua identidade profissional a partir de um efetivo pensamento autônomo (Sei & Paiva, 2011, p. 14).

Assim, estes dois estudos abordaram o espaço da supervisão, indicando que ele deve possibilitar aos alunos falarem sobre suas dificuldades, sobre os sentimentos experimentados nos atendimentos, seus medos e inseguranças (Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008; Sei & Paiva, 2011). Em consonância, Aguirre (2000, p. 4) ressalta que “levar em conta os sentimentos que a situação de atendimento e de supervisão despertam é parte essencial. Contar com o supervisor e com os colegas para acolher e compartilhar as ansiedades ligadas ao atendimento pode ser uma experiência reconfortante e esclarecedora”.

Nos grupos de supervisão, portanto, o professor responsável tem um papel fundamental, já que deve acolher as angústias e eventuais conflitos dos graduandos,

entender os mecanismos que possam estar ocorrendo, como a transferência presente no próprio grupo e fornecer *feedbacks*. Contudo, é indispensável fazer uma distinção com a terapia pessoal, já que, diferente desta, que trabalha com interpretações ligadas ao processo do autoconhecimento do graduando, o supervisor deve trabalhar com os conteúdos latentes que possam emergir nos atendimentos, trabalhando com a transferência. A análise pessoal, neste cenário, auxilia no desenvolvimento de um raciocínio clínico, entretanto na graduação em psicologia ela não tem caráter obrigatório e, frequentemente, poucos alunos tiveram esta experiência quando chegam aos estágios (Sei & Paiva, 2011).

Especificamente no campo da psicanálise, abordagem teórica deste estudo, o processo de formação clínica apresenta três pilares: o estudo teórico, a supervisão dos casos clínicos e a análise pessoal do terapeuta (Fernandes & Gomes, 2018). No que se refere aos cursos de psicologia, a maioria das instituições oferece duas dessas bases, que seriam o embasamento teórico e a supervisão, ficando a cargo do aluno a busca de uma psicoterapia individual. E para quem está percorrendo os caminhos dessa trajetória de formação clínica, há outra modalidade de atendimento disponível em algumas universidades, que seria o atendimento clínico de casais e famílias.

1.2 O processo de formação em terapia psicanalítica de casal e família

A psicologia clínica, conforme discutido acima, é uma área extensa e que pode se focar em diversas modalidades, e neste capítulo nos deteremos no processo de formação presente em algumas universidades, com projetos voltados para a formação de terapeutas de casais e famílias. Uma busca da literatura científica produzida em território nacional encontrou poucos estudos que se centrassem neste tema específico.

Referente à abordagem psicanalítica, Ramos (1992) discorreu sobre o lugar do terapeuta na terapia de casal e família. A prática clínica psicanalítica com casais e famílias mostra-se distinta de um tratamento individual, já que o atendimento em grupo, nele compreendido o atendimento familiar, possui algumas particularidades em relação a este modelo. Uma dessas especificidades refere-se ao enquadre, no qual os pacientes podem ver qualquer gesto do analista, deixando-o num lugar mais evidente (Ramos, 1992).

Deste modo, há um bombardeio de informações, que podem ser tanto verbais quanto visuais. Além do mais, no enfoque grupal, o terapeuta deve corresponder à demanda de atenção de duas ou mais pessoas ao mesmo tempo, já que participa de uma cena familiar, de um grupo interligado anteriormente por fortes laços, que tem um funcionamento inconsciente compartilhado (Ramos, 1992).

O vínculo terapêutico, nesta modalidade de psicoterapia, também pode trazer complicadores para quem está iniciando seu percurso clínico. Conceito fundamental na psicanálise, a transferência, presente na relação estabelecida entre paciente e seu terapeuta, é considerada como uma reatualização de desejos, uma repetição dos modelos infantis, que são dirigidos ao analista, isto é, vivenciados no *setting* terapêutico (Correa, 1992). Contudo, no enquadramento familiar, há uma ampliação dos fenômenos transferenciais, já que a transferência não é apenas dirigida ao terapeuta, mas também se estende a todos os presentes na sessão (membros familiares), como também há transferência sobre o grupo, como entidade e sobre o mundo exterior (Zuanazzi & Sei, 2014).

Outro fenômeno presente dentro do *setting* analítico familiar é a contratransferência, definida como as emoções, sensações, que são despertadas no terapeuta, dentro do contexto do atendimento, pelo paciente, e no caso do atendimento familiar, pelos membros individuais e a família, como um todo (Zuanazzi & Sei, 2014). Assim, nesta modalidade clínica, há uma série de sentimentos contratransferenciais que podem estar ligados a dificuldades inconscientes do terapeuta, o que, possivelmente,

ocasionam a estagnação do processo terapêutico, impossibilitando a compreensão do material clínico (Correa, 1992).

Em vista disso, é imprescindível a análise pessoal do terapeuta, orientação presente já nos ensinamentos do criador da psicanálise, que salienta que o instrumento de trabalho do indivíduo que exerce a psicanálise é o seu próprio inconsciente, portanto, ele deve passar por uma purificação analítica (Gomes, 2005). De acordo com Gomes (2005, p. 309), “todo o processo de formação clínica, principalmente nessa área específica de casal e família, deve garantir que o terapeuta consiga perceber e elaborar essas vivências contratransferenciais”. Neste sentido, o que se constata na prática clínica é que essa modalidade de atendimento pode vir a mobilizar diversas emoções ligadas a experiências vinculares pretéritas com a família de origem ou atual do terapeuta. Conforme coloca Aguirre (2000, p. 28):

Os obstáculos e dificuldades encontrados na situação de atendimento são elementos valiosos para a compreensão do que se passa com o cliente. Assim como os sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, despertados no aluno em relação ao cliente, que têm o nome técnico de *contratransferência*, elemento essencial do trabalho numa abordagem psicanalítica.

Referente à formação clínica do estagiário de psicologia na modalidade de casais e famílias, dentro da abordagem psicanalítica, Gomes (2005) descreveu como funcionava um projeto centrado no atendimento desta população em uma clínica-escola

de uma universidade pública. Além do estudo teórico, um aspecto bastante debatido foi a supervisão, seu caráter pedagógico, e, quando ocorrida em grupo (como no caso deste projeto), possibilitou o contato dos alunos com variados materiais clínicos. Ainda sobre a supervisão, também salientou o objetivo de “estabelecer no grupo um espaço de continência das angústias do estagiário” (Gomes, 2005, p. 314), sentimento este presente no processo de formação, neste momento de transição do lugar de aluno para terapeuta. Além disso, a supervisão seria um espaço de aprendizado de um raciocínio clínico, imprescindível para a atuação nesta área.

Outro exemplo deste tipo de formação foi retratado por Almeida, Franco, Sei, & Zanetti (2016), a partir de um projeto de extensão realizado também em uma universidade pública, que ofertava atendimento clínico psicanalítico a casais e famílias. Realçaram a relevância desta modalidade de projeto, pois viabilizou uma intervenção diversa da psicoterapia individual, abarcando um outro público. Neste estudo, discutiram sobre a formação em psicologia clínica, apontando os estudos teóricos e o atendimento de casais e famílias, junto com as supervisões em grupo, como estratégias fundamentais para uma capacitação destes estudantes. Deste modo, demonstraram a importância deste tipo de projeto para o treinamento do psicoterapeuta, contribuindo para uma formação nesta área.

Igualmente tendo como foco a formação clínica em casais e famílias, Zanetti e Gomes (2016) realizaram uma pesquisa com graduandos de psicologia que participavam de um projeto de extensão que tinha como finalidade o atendimento dentro deste modelo. Por meio de um grupo terapêutico de mediação, trabalharam questões de ordem familiar, com o objetivo de propiciar a elaboração de conteúdos que pudessem interferir nos atendimentos realizados. Finalizaram demonstrando a relevância de discutir e

investigar a formação dos estagiários de psicologia, ao também destacar o grupo como um cuidado aos estudantes e como maneira de aprimorar seu percurso clínico.

Capítulo 2 Terapia familiar psicanalítica

2.1 Pressupostos teóricos da psicanálise de casal e família

Partindo dos pressupostos teóricos da psicanálise, pesquisadores psicanalíticos, a partir da década de 1940, tentaram compreender os relacionamentos familiares, estudando questões de conjugalidade e familiaridade. Partindo do atendimento de pacientes esquizofrênicos e sua família, iniciou-se a construção de uma teoria que abarcasse a complexidade desse campo. Por conseguinte, surgiram as primeiras teorizações acerca do funcionamento fantasmático inconsciente partilhado entre os membros do grupo familiar, isto é, começaram a especular sobre um psiquismo familiar (Gomes & Levy, 2009).

Neste percurso histórico, houve uma ampliação do enquadre clássico, desenvolvido por Freud, que se pautava na relação analista-paciente, para uma inclusão na cena analítica do grupo familiar e do casal. Essa é uma abordagem que coloca em relevo a intersubjetividade, e que viabilizou a construção da teoria psicanalítica do grupo ou da plurissubjetividade (Correa, 2018). Todavia, existe uma diversidade de abordagens presentes também na psicoterapia psicanalítica familiar. Há, por exemplo, as vertentes inglesa, francesa e argentina. No Brasil, constata-se a influência destas três linhas, apresentando-se como um campo ainda em construção (Gomes & Levy, 2009).

Deste modo, a família passou a fazer parte do campo de estudos psicanalíticos. Como a psicanálise, em seus primórdios, apresentava como objetivo de estudo o inconsciente, o enfoque era direcionado para o campo intrapsíquico. Houve, com isso, a construção de uma teoria sobre o aparelho psíquico individual, embasadas em dados clínicos provindos do *setting* terapêutico, em pacientes atendidos individualmente.

Logo, neste primeiro momento, os grupos não foram amplamente estudados, entre estes incluídos o grupo familiar (Magalhães & Féres-Carneiro, 2005).

Entretanto, pautando-se na teoria freudiana, o tema dos grupos ganhou relevância nos autores pós freudianos, que foram aprofundando a teoria relativa a esta temática (Gomes & Zanetti, 2009). Um psicanalista que vai ampliar esta vertente é Winnicott, que põe em evidência o ambiente externo, numa posição voltada para o intersubjetivo. Esta teoria aborda o desenvolvimento emocional individual e a influência da família neste processo. Como o bebê humano nasce em um estado de total desamparo, necessita de cuidados, encontrando-se em um estado de dependência absoluta dos cuidados maternos (Winnicott, 1960/2007).

Assim sendo, Winnicott vai localizar no ambiente e nas trocas primárias o papel de maior organizador do *self* do bebê. A criança depende fundamentalmente do ambiente (mãe) para se organizar (Winnicott, 1960/2007). Deste modo, as relações mais primitivas da infância terão papel fundamental no desenvolvimento individual, tendo a família papel primordial, enquanto grupo primário responsável pela formação da “matriz intersubjetiva do nascimento da vida psíquica” (Kaës, 1998, p. 14).

A família é, desta maneira, o lugar das primeiras relações interpessoais, como também é encarregada da transmissão de crenças, valores, aprendizados. A partir do momento da concepção, o indivíduo já é marcado pelo olhar dos pais, pelos seus ideais e mitos familiares, que estruturam o seu desenvolvimento desde as primeiras vinculações (Scorsolini-Comin & Santos, 2016). É o grupo familiar que investe neste novo ser, lhe proporcionando os cuidados necessários. Conseqüentemente, é no investimento narcísico dos pais, nesta intersubjetividade, que sucede a transmissão da ancestralidade (Magalhães & Féres-Carneiro, 2005).

Este processo de transmissão psíquica foi apresentado e discutido por Freud, assim desde o princípio da construção teórica da psicanálise há observações e análises sobre o que viria a se tornar, posteriormente, este conceito (Azevedo, Féres-Carneiro, Brandão & Lins, 2016). Deste modo, em diversos momentos de sua obra, Freud discutiu aspectos da transmissão psíquica, como por exemplo em “Para introduzir o narcisismo”, ao retratar os investimentos paternos, no qual

... o infante é o depositário, o servidor e o herdeiro dos sonhos e dos desejos não realizados dos pais; ele é quem dará lugar e sentido a estas predisposições que o precedem, que o violentam, mas que são as condições de sua concepção propriamente psíquica (Kaës, 1998, p. 7).

Portanto, o material da vida psíquica é transmitido no interior de uma família, isto é, há a transmissão do inconsciente, de suas formações e de seus processos, afetos, pensamentos (Gomes & Zanetti, 2009). O conceito de transmissão significa que qualquer evento pode ser passado de uma geração a outra, independente de possuir características traumáticas ou não. Em relação a esta transmissão, Kaës argumenta que “o inconsciente de cada indivíduo leva a marca, na sua estrutura e nos seus conteúdos, do inconsciente de um outro, e, mais precisamente, de mais de um outro” (Kaës, 1998, p. 14).

Porém, há duas maneiras nas quais as transmissões podem ocorrer: intergeracional e transgeracional. Na transmissão psíquica intergeracional acontece um trabalho de ligações e transformações entre gerações, o material transmitido é elaborado, representado. O indivíduo estaria, em vista disso, vinculado a um grupo, como elo de transmissão, herdeiro de desejos anteriores ao seu nascimento, já que

situações vivenciadas em sua pré-história são transmitidas, mas como há um trabalho de elaboração, há possibilidade de transformações (Trachtenberg, 2013).

Neste primeiro modelo, a mãe cumpriu sua função de metabolizadora, de porta-palavra das experiências da criança. Assim, ocorreria uma transmissão que, nas palavras de Kaës (1998, p. 9): “... ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos”. Tal dinâmica não ocorre na transmissão psíquica transgeracional, que invade o campo da subjetividade com ansiedades e lutos não elaborados. Aqui não há elaboração, os conteúdos psíquicos são transmitidos de um espaço psíquico a outro, sem metabolização e integração (Trachtenberg, 2013). Com isso, transmite-se “... aquilo que não se retém, aquilo que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados” (Kaës, 1998, p. 9).

A herança de conteúdos inconscientes conecta o indivíduo a gerações anteriores, sendo que cada família apresenta seus mitos específicos, segredos, sofrimentos e traumas, tragédias de difícil elaboração para os progenitores e que, por este motivo, atribuem a um filho este traço. Assim, alguns autores apontam para a psicopatologia da transmissão, sofrimentos que estão relacionados à pré-história, uma dificuldade do sistema de representação de elaborar situações traumáticas, e por isso, se tornam transgeracionais. São conteúdos indizíveis ou inconfessáveis; aquilo que permanece oculto, e, desta maneira, não pode ser transformado no encontro entre gerações. Como exemplo, podem-se citar manifestações de doenças como depressão e ansiedade nas gerações subsequentes (Scorsolini-Comin & Santos, 2016).

Sobre a transmissão geracional, Kaës (2011) postulou a importância do espaço intersubjetivo para a constituição da vida psíquica. Assim, além de descrever sobre as

modalidades de transmissão entre e através das gerações (intergeracional e transgeracional), também discorreu sobre as alianças inconscientes, os vínculos, que são formados entre os sujeitos em uma mesma geração. Portanto, a constituição da vida psíquica, para este autor, “se constitui na trama de seus vínculos e de suas heranças” (Lemos & Neves, 2019, p. 58).

A palavra ‘vínculo’, de acordo com Correa (2013), tem origem no latim, e tem sentido de atar, unir. Logo, dentro do constructo teórico-clínico da psicanálise de casal e família, estaria relacionado aos laços afetivos e libidinais, que liga, une as pessoas.

Para Kaës (2011), estes vínculos, de natureza inconsciente, são formados sobre duas bases. Uma positiva, no qual acontecem processos de identificação (de valores, crenças, etc.), se assentando sobre investimentos recíprocos. Entretanto, os vínculos também são constituídos pela categoria do negativo, pois há algo que fica excluído, recalado ou de alguma maneira apagado da consciência (Kaës, 2011). Nota-se que “O conceito de alianças inconscientes torna-se um conceito chave em Kaës, postulado como condição para a existência dos vínculos em todas as suas configurações vinculares (par analítico, casal, família, grupo e instituição)” (Castanho, 2015, p. 103).

2.2 Recursos artísticos-expressivos utilizados na terapia de casal e família

Na terapia familiar psicanalítica, algumas modalidades de objetos mediadores são utilizados, entre eles os recursos artísticos-expressivos, como por exemplo o empregado na arteterapia. Esta modalidade terapêutica parte do princípio que os pensamentos e sentimentos, provindos do inconsciente, podem encontrar uma maneira de expressão por meio de imagens (Naumburg, 1981). Assim, a arteterapia está

relacionada às possibilidades criativas e expressivas, expressas por meio de recursos advindos da área da arte, realizadas no contexto de um *setting* terapêutico (Sei, 2011).

A arteterapia pode ser fundamentada na abordagem psicanalítica, entendendo-se, conforme Naumburg (1981), que todos os indivíduos, independentemente de suas habilidades artísticas, têm capacidade de projetar seus conflitos internos de forma visual. Ao expressar suas experiências internas por meio dos desenhos, estes agem como uma comunicação simbólica que consegue superar as dificuldades da expressão verbal. Portanto, a verbalização é facilitada pelas imagens produzidas pelas pessoas no *setting* (Naumburg, 1981). Para esta autora, a arteterapia, enquanto empregada pela psicanálise dentro de um contexto psicoterapêutico, fundamenta seu método na relação transferencial entre paciente e terapeuta e no encorajamento da associação livre (Naumburg, 1981).

Portando, “a arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalhá-los através da própria atividade artística” (Reis, 2014, p. 144). Esta produção realizada no *setting* terapêutico pode desvelar algo ao seu criador, elucidando aspectos de sua história e de seus sofrimentos, antes desconhecidos. Possui um caráter terapêutico, contido na própria produção, de possibilitar uma organização psíquica, posto que possibilita o acesso a conteúdos que podem ser pensados e elaborados neste espaço terapêutico (Zanetti, 2013).

Diante da abrangência da arteterapia, seu campo de atuação se expandiu do contexto clínico, ao educacional, comunitário e organizacional. Deste modo, essas técnicas mediadoras podem ser aplicadas em vários contextos terapêuticos, incluídos os atendimentos a casais e famílias (Reis, 2014). Entrando na especificidade destes

últimos, o uso destas técnicas desperta e estimula os processos associativos, aprimorando as comunicações entre os membros familiares (Dominicis, 2019). Sobre o alcance desta técnica, Dominicis (2019, p. 244) pontua que:

No atendimento a grupos familiares e no atendimento de casais, o uso de técnicas mediadoras possibilita a comunicação de material pré/inconsciente, produz circulação dos afetos, enriquece as fantasias, descongela papéis determinados, esclarece mitos e ajuda a reescrever simbolicamente a história do grupo e de seus vínculos.

Desta maneira, algumas produções nacionais investigaram o uso de recursos artísticos-expressivos na psicoterapia familiar (Sei & Gomes, 2007; Sei, 2011; Franco & Sei, 2015; Franco, Almeida, & Sei, 2016; Franco & Sei, 2019). Partem do pressuposto que estes instrumentos favorecem o desenvolvimento das sessões familiares, com o aprofundamento e compreensão da dinâmica das famílias que fazem uso desses recursos. Logo, podem “investigar a composição familiar, as histórias e segredos partilhados, os papéis assumidos por cada membro, assim como o material inconsciente que subjaz à dinâmica da família” (Franco, Almeida, & Sei, 2016, p. 42). Também podem ser utilizados como avaliação da demanda familiar, quando a família procura o atendimento psicoterápico.

Benghozi (2010), ao discorrer sobre o uso das mediações em situações grupais, como na terapia familiar, pontuou que estes são recursos importantes quando há crianças na situação terapêutica. Assim, é criada uma área de jogo, uma área transicional como aquela proposta por Winnicott (Benghozi, 2010). Portanto, abrem-se possibilidades para maior participação das crianças nas sessões, por se oferecer outra linguagem para comunicação, diminuindo as diferenças cognitivas e,

consequentemente, possibilitando que estas façam contribuições significativas referentes às relações familiares.

Nos casos de violência familiar, a arteterapia também pode ser empregada como estratégia terapêutica (Sei & Gomes, 2007). Ao considerar a violência como um fenômeno que se repete por gerações sucessivas, pode-se relacioná-lo a uma transmissão psíquica transgeracional. Ao enfatizar a compreensão sobre o modo de funcionamento inconsciente da família, a terapia familiar psicanalítica promove um processo de elaborar sentimentos e experiências, o que permite interromper o processo de repetição de tais manifestações.

Ainda nesta temática, uma pesquisa foi realizada em uma instituição que promovia atendimentos no âmbito da violência familiar. Foi realizado um processo psicoterapêutico, fundamentado na terapia familiar e com a utilização de recursos artísticos-expressivos. Apesar dos obstáculos para a adesão ao tratamento, relacionados também às dificuldades inerentes à questão da violência, constatou-se que o emprego da arteterapia como uma forma de intervenção que favoreceu o contato entre os familiares no *setting* terapêutico. Assim, as intervenções propiciaram às famílias novas maneiras de comunicação e relação, visto terem possibilitado reflexões sobre as vivências familiares (Sei, 2009).

Já no processo de formação clínica do estudante em terapia de casal e família, a utilização de recursos mediadores, como a arteterapia, pode auxiliar os terapeutas aprendizes a lidarem com a angústia gerada ao desempenharem este novo papel. Isto sobrevém por ser uma atividade estruturada, que ampara o estudante neste momento de inseguranças em suas intervenções clínicas. Também, na supervisão, acontece a análise do material concreto, desenvolvido na sessão, que possibilita uma melhor compreensão

do caso com reflexões sobre a dinâmica da família e maneiras de intervir/interpretar (Fernandes & Gomes, 2018).

Em consonância, um estudo pautado na formação de discentes de psicologia para o atendimento psicanalítico familiar, designou a supervisão, a escrita da sessão e o uso de recursos artísticos-expressivos como estímulos que permitiram o desenvolvimento de habilidades terapêuticas e proporcionam a segurança deste aluno nesta nova função ocupada (Fernandes, 2015). Desta maneira, os recursos artísticos-expressivos apresentam diversas finalidades ao longo das sessões realizadas com as famílias. Nos atendimentos iniciais, estas atividades podem ser ministradas para conhecer os familiares, tanto sua história individual quanto geracional. Também podem ser empregadas para pesquisar inúmeras questões, posto que operam como facilitador para abordagem de determinados assuntos (Fernandes, 2015).

Um dos recursos amplamente utilizado na terapia familiar é o genograma, Trata-se de um instrumento sistematizado, que consiste na representação gráfica da família, apresentando pelo menos três gerações. É utilizado na formação de terapeutas familiares, na pesquisa com famílias e em diversas áreas da saúde. No *setting* terapêutico, sua confecção permite a observação da composição familiar, dos padrões relacionais, além de contribuir para os membros se expressarem. Os profissionais que realizam a formação em terapia familiar geralmente desenham o genograma de sua família de origem, estudando a dinâmica, os valores, regras e dinâmicas que possam intervir em sua prática profissional. Na Estratégia Saúde da Família (ESF), serve como coleta de dados familiares, em específico para a visualização do processo de adoecer deste grupo. E na pesquisa com famílias, é instrumento de coleta de dados, apropriada para pesquisas qualitativas (Wendt & Crepaldi, 2008).

Sobre o emprego do genograma, ele é usado como um recurso que contribui para a expressão dos membros familiares (Wendt & Crepaldi, 2008). Deste modo, no *setting* terapêutico fornece muitas informações, como uma espécie de coleta de dados, da história desta família. Assim, é amplamente utilizado nos primeiros encontros da psicoterapia familiar:

O uso de tais recursos nos primeiros atendimentos funcionou como um instrumento de auxílio na condução da sessão. Compreende-se que os atendimentos iniciais podem gerar ansiedade e insegurança nos terapeutas-estagiários, em especial nos que nunca passaram por esse tipo de experiência. Assim, a atividade artístico-expressiva traz maior confiança aos mesmos (Zuanazzi, 2015, p. 142).

Deste modo, é uma técnica empregada para visualizar a estrutura, o funcionamento familiar e padrões repetitivos, presentes em várias gerações. Embora existam algumas regras para sua elaboração, dentro de um referencial psicanalítico, é disposto um espaço mais livre para sua confecção. Ademais, são expostas apenas informações sobre a representação habitual de homem e mulher, dos laços de aliança, filiação e fraternidade, sem demais esclarecimentos sobre como representar outras situações ou informações, que são pertinentes na história da família, com o intuito de apreender conteúdos inconscientes vinculados à trama geracional (Franco & Sei, 2015).

Outra técnica desenvolvida em terapia psicanalítica de casal e família é o espaçograma. Este é uma mediação terapêutica, que se utiliza de recursos expressivos para representar o espaço da casa. Assim, nos atendimentos grupais, é solicitado às famílias que desenhem a planta da casa em que habitam. Este dispositivo foi elaborado analisando algumas patologias que apresentam limites na verbalização, como por

exemplo pacientes psicóticos, psicossomáticos, aditivos. Deste modo, possibilitaria uma representação nessas patologias que têm falhas na figurabilidade, na qual o desenho permite uma projeção inconsciente do espaço psíquico familiar. Seria, de acordo com Benghozi (2010, p. 182), “Uma clínica do conceito não-verbal do espaço vivido”, que possibilitaria uma compreensão da dinâmica familiar.

Já o desenho-Estória com tema é uma técnica derivada do Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca (1972), tendo sido desenvolvida e nomeada de Desenhos-Estória com Tema por Aiello-Vaisberg (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2013). Essa modificação realizada na técnica original teve como intuito sua aplicação à solução de questões específicas, por isso um procedimento temático, com a escolha de temas. Trata-se de um procedimento clínico e uma estratégia investigativa, utilizado para favorecer e estimular a comunicação emocional dos pacientes/participantes, incluindo a emergência de motivos/elementos inconscientes (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2013).

Deste modo, este procedimento pode ser usado em atendimentos clínicos e em pesquisas psicanalíticas, enfatizando o estudo dos imaginários coletivos. Este termo é entendido, dentro dessa perspectiva, como condutas, isto é, a totalidade de manifestações dos seres humanos, e apoia-se em sua capacidade de imaginação. Com isso, o imaginário coletivo pode se manifestar de diversas maneiras, como, por exemplo, pela atividade psíquica, pelas manifestações corporais ou pelas ações praticadas no mundo externo, como os desenhos e histórias (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2013).

A aplicação deste procedimento consiste na solicitação de um desenho específico, escolhido conforme o interesse da pesquisa. Ademais, este recurso também é empregado em consultas terapêuticas. Considerou-se que essa atividade poderia ter, assim, uma função psicoterapêutica interventiva, na medida em que propiciava, em si

mesmo, certa elaboração desses conflitos, com a análise de representações inconscientes da família dos futuros terapeutas. Portanto, tinha a intenção de capturar aspectos relevantes e inconscientes dos participantes, no que diz respeito à dinâmica vivenciada na tríade familiar com identificação de conflitos familiares, atitudes e sentimentos do sujeito face à sua família.

Capítulo 3 Grupos terapêuticos e o emprego de recursos mediadores

3.1 Grupos: percurso histórico

As formações grupais estão presentes desde o nascimento do indivíduo, já que ele nasce em uma determinada família (grupo familiar), e depois participa de outros grupos sociais, como os constituídos no ambiente escolar. Por conseguinte, na maior parte de sua vida, o indivíduo convive e interage com distintos grupos (Zimmerman, 2000). Segundo Zimmerman (2000), um conjunto de três pessoas é considerado um grupo, como, por exemplo, uma família, e pode ser formado de maneira espontânea, como uma turma de amigos, como também poderá ser gerado de maneira artificial, como acontece em um grupo terapêutico.

Historicamente, o pioneirismo do trabalho com grupos é atribuído a J. Pratt, um médico americano que trabalhava com tuberculosos, e que criou o método das classes coletivas, em 1905. Assim, inaugurou o recurso grupoterapêutico para tratar destes pacientes. Outro médico, muito importante para o desenvolvimento destas práticas, foi J. Moreno, fundador da técnica grupal do psicodrama. Já K. Lewin, que estudou os mecanismos ocorridos nos grupos, criou a expressão dinâmica de grupo, além de desenvolver conceitos significativos, como campo grupal e formação de papéis (Ávila, Fernandes, Camargo, & Emílio, 2016).

Outro nome importante dentro desta evolução histórica, que estudou os grupos terapêuticos a partir da psicoterapia psicanalítica, foi S. H. Foulkes. Parte de um enfoque gestáltico, no qual o grupo é compreendido formando uma totalidade, uma entidade específica, e, deste modo, as interpretações deveriam ser dirigidas ao grupo, e não aos membros individuais. Emprega referenciais psicanalíticos, transpostos para a

situação de grupo, como a transferência e a livre associação de ideias (Ávila, Fernandes, Camargo, & Emílio, 2016; Zimmerman, 2000).

Na atualidade, os grupos são empregados com inúmeras finalidades, como de capacitação, diagnóstico, saúde mental, treinamento, entre tantas outras possibilidades, dependendo do intuito a partir do qual esta modalidade de intervenção é utilizada. Entretanto, de acordo com sua finalidade, podem ser classificados em dois grandes pilares: operativos e terapêuticos, que se ramificam em outros segmentos. Sendo assim, os grupos operativos são divididos em: ensino-aprendizagem, institucionais e comunitários. Já os grupos terapêuticos se subdividem em: de auto-ajuda e psicoterápicos, estes últimos utilizando o referencial do coordenador (psicanálise, psicodrama, cognitivo-comportamental, etc.). Porém, estas classificações não são estanques, já que podem se mesclar, como por exemplo os grupos operativos podem ser psicoterápicos (Zimmerman, 2000).

Sobre a categoria dos grupos operativos, eles foram sistematizados por Pichon-Rivière, um médico psiquiatra que residia em Buenos Aires. Tendo como referencial teórico a psicanálise e a psicologia social, começou a trabalhar com grupos, concebendo-os como um significativo instrumento de transformação dos indivíduos e da realidade (Bastos, 2010). Assim, Pichon-Rivière utiliza: "... a experiência do grupo como um poderoso meio de ação social e um notável instrumento terapêutico para o indivíduo" (Kaës, 2011, p. 32).

A técnica do grupo operativo é centrada em uma tarefa, uma meta em comum que os membros possuem, e que pode ser, por exemplo, de aprendizagem, como também de tratamento, de psicoterapia (Castanho, 2007). A tarefa, dentro desta perspectiva, "é a trajetória que o grupo percorre para atingir seus objetivos" (Bastos,

2010, p. 166), e funciona como uma situação disparadora de pensamentos, de sentimentos e de ações. Assim, visa ao processo de mudança, de transformação dos indivíduos e dos contextos no quais estão presentes (Castanho, 2012).

Ademais, esta técnica também é utilizada no processo de formação de coordenadores de grupo, no qual é nomeado de grupo operativo de aprendizagem. Apresenta como característica, como qualquer grupo nesta modalidade, a reunião dos membros grupais para a realização de uma tarefa, um objetivo que deverá ser realizado por todos (Castanho, 2012).

Continuando neste referencial, e que, portanto, não apresenta finalidade terapêutica, uma variedade que se destaca é o grupo de reflexão. Esta também é uma atividade grupal que se norteia para aplicações no campo do ensino, sendo empregado, por exemplo, em instituições voltadas para a formação em grupoterapia, tendo como finalidade, deste modo, o treinamento de coordenadores de grupo. Deve-se salientar que o grupo de reflexão apresenta também uma tarefa, que seria o entendimento adquirido na vivência grupal (Fernandes, 2000).

Outra subdivisão encontrada seria o grupo psicanalítico de discussão. Esta prática grupal apresenta correspondências com os grupos operativos de Pichon-Rivière, uma vez que “são realizados com o objetivo de esclarecer temas, situações, favorecer tarefas, proporcionando algum tipo de aprendizado que favoreça o progresso dos participantes e da equipe” (Fernandes, 2000, p. 63). Isto acontece porque também trabalha operativamente sobre determinada tarefa, que no caso desta pesquisa utilizará de recursos artísticos-expressivos.

Portanto, esta caracterização de grupo está incluída na modalidade de grupo operativo, já que trabalha por meio de uma tarefa proposta ao grupo, que neste caso

seria a discussão dos participantes. O objetivo é fazer circular o conhecimento de cada um dos membros, de maneira horizontal. Tem como especificidade recorrer a uma “situação disparadora”, com o propósito de funcionar como recurso mediador (Emílio, 2010, p. 38).

Deste modo, este dispositivo grupal se utiliza de uma atividade prévia, compreendida como um recurso de mediação, que desperta associações relacionadas à história pessoal e também do grupo em funcionamento. Esta atividade, também nomeada de situação disparadora, é o que desencadeia o tema/assuntos para a discussão posterior. Esta discussão é horizontal, entre os membros do grupo, tendo como foco a ampliação dos conhecimentos iniciais dos participantes (Emílio, 2010).

De uma perspectiva psicanalítica, os dispositivos clínicos, individual ou grupal, teriam como intuito fomentar um espaço que possibilitasse a emergência de conteúdos psíquicos, e, portanto, seria um lugar propício ao tratamento de transtornos emocionais. Para autores franceses que estudam os mecanismos grupais, este dispositivo foi desenvolvido para tratar modos de sofrimento psíquico presentes na atualidade, e que estão relacionados à constituição do sujeito (Castanho, 2018). Entre os grupos terapêuticos abordados por estes pesquisadores, encontram-se os grupos que empregam recursos mediadores.

3.2 Grupos de mediação: o uso de recursos mediadores em situações grupais

A particularidade presente nos grupos de mediação é a inserção de um objeto mediador pelo psicólogo. Há várias possibilidades de utilização desses recursos, uma vez que há uma pluralidade de técnicas expressivas, desde as modalidades plásticas até as sonoras, tendo como exemplo de objetos mediadores a música, a modelagem e a

fotografia (Vacheret, 2015). Assim, as mediações podem acontecer por meio de uma expressão pictural, como o desenho, pintura e a colagem, ou pela utilização de materiais diferenciados, como a terra, argila, como também pelo uso do corpo, pela expressão corporal, dança, dramatização (Benghozi, 2010).

Nestes dispositivos grupais, nos quais há a presença concreta e material de um objeto mediador, revela-se a presença de dois tipos de apoio: do grupo e do objeto, denominado de processo de sinergia. Deste modo, um primeiro tipo de apoio seria o proporcionado pelo próprio grupo, que possibilita identificações múltiplas aos seus participantes. O segundo tipo de apoio seria do próprio objeto inserido neste *setting*, que se apresenta como uma realidade concreta, e, por este motivo, possibilita a projeção das pulsões, em especial aspectos destrutivos, que não são sentidos como tão ameaçadores, já que não são dirigidos ao terapeuta e nem aos outros participantes (Vacheret, 2015).

Assim, o grupo em si tem uma importância enquanto tal, em uma pluralidade identificatória, em uma diversidade que mobiliza os grupos internos dos participantes. Por outro lado, a introdução do objeto mediador permite uma troca de imaginários, a partir de associações dos participantes (Vacheret, 2015). Kaës discutiu sobre os grupos de mediação, definindo como espaço de experiência e também de transformação, sendo que:

Seu objetivo principal é de tornar reapropriáveis aos sujeitos, que estão em pane, a sua atividade de simbolização primária prejudicada. O trabalho de seu pré-consciente não encontra ou não encontra mais a capacidade de figurar, de ligar o afeto à representação de palavra (Kaës, 2011, p. 49).

Logo, este autor trouxe elementos para uma compreensão dos processos psíquicos solicitados e mobilizados por estes grupos, que desencadeiam a fala a partir

do manejo da mediação. Assinala a relevância do pré-consciente, como um sistema do aparelho psíquico, uma área intermediária e de transformação, responsável por processos de elaboração (Zanetti, 2013). Assim, o trabalho terapêutico seria a ativação da capacidade do pré-consciente, que tem na linguagem, nas palavras suscitadas nestes encontros, uma possibilidade de representação secundária das experiências emocionais (Kaës, 2005).

Também imprescindível são as trocas intersubjetivas, incentivadas entre os membros do grupo, que são solicitados a falarem sobre o que percebem deste objeto. Deste modo, acontece a projeção de cada um, depositando neste objeto suas percepções, que possibilita a transformação deste, num movimento entre pulsão de vida e de morte (Vacheret, 2015). Este processo associativo que acontece nos dispositivos grupais engloba as associações relacionadas ao mundo interno, a singularidade de cada participante. Mas também incluem as cadeias associativas, que são produzidas no encontro, isto é, intersubjetivamente (Pino, 2015).

Esse conceito foi denominado por Kaës de cadeia associativa grupal. Desta maneira, os vários membros do grupo produzem uma pluralidade de formas discursivas, sendo que essas associações apresentam determinantes intrapsíquicos, intersubjetivos e transubjetivos (Pino, 2015). Nas palavras de Vacheret (2015, p. 92),

... o objeto mediador é portador e desencadeador de associações múltiplas, vetorizadas pela produção inconsciente e pela maneira pela qual se manifestam aí as fantasias. O grupo segue um fio, ele produz imaginários diferentes que se ligam e se desligam à medida que as associações vão sendo construídas. Um faz pensar no outro e, assim, o grupo gera seu próprio imaginário.

Desta forma, a inserção deste objeto se torna um elo intermediário, tanto entre o sujeito e o grupo, como também entre os membros do grupo, e que pode ser representativo do grupo como entidade. São desencadeados processos criadores de sentidos, já que se produz uma liga nova, uma combinação diferente, mobilizando a senso-percepção, que pode ser visual ou sonora. Há, portanto, um encadeamento das percepções, ativadas pelo objeto, veiculando lembranças sob a forma de imagens (Vacheret, 2015).

Dentro deste panorama, uma outra técnica de recursos mediadores foi desenvolvida, denominada de fotolinguagem. Nesta, há o emprego de um grupo selecionado de fotos. Vacheret, uma pesquisadora francesa, compreende que: “A foto contém a pulsão e contém a violência, pois o objeto mediador é apenas um objeto intermediário, receptáculo de imaginários diferentes. Ele os recebe, os tolera e os suporta, favorecendo sua transformação” (Vacheret, 2015, p. 88).

Portanto, os grupos de mediação seriam uma modalidade grupal na qual há a inclusão de objetos culturais e sensoriais, e teria como finalidade desencadear falas dos membros, e com isso ativar a capacidade associativa do pré-consciente (Castanho, 2016).

2 JUSTIFICATIVA

A psicanálise está inserida nas universidades com a transmissão de seus fundamentos teóricos e metodológicos, e, também, pela prática clínica, supervisionada. E o meio acadêmico, como um campo fecundo de pesquisas, possibilita reflexões e questionamentos sobre o fazer psicanalítico. Dentro deste panorama, o estudo da formação do graduando, na prática clínica psicanalítica com famílias, ao indagar sobre processos inconscientes que possam interferir nos atendimentos, dentro da pesquisa-intervenção, seria uma experiência que contribuiria para a prática clínica, bem como proporcionaria aprofundamentos sobre a formação do estagiário de psicologia.

Há, na atualidade, uma variedade de estudos focados na formação clínica (Zaslavsky, Nunes, & Eizirik, 2003; Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008; Barreto & Barletta, 2010; Sei e Paiva; 2011; Lopes & Castro, 2018; Neto & Lima, 2019), que debateram sobre os pilares fundamentais para a aquisição de habilidades e competências necessárias à futura atuação profissional. Alguns estudos, além disso, foram realizados especificamente sobre a formação na área clínica de casal e família (Gomes, 2005; Zuanazzi & Sei, 2014; Zanetti & Gomes, 2016; Fernandes & Gomes, 2018). Destaca-se, ainda, que tais estudos abordaram projetos de extensão, uma vez que a grade curricular da graduação de psicologia usualmente não disponibiliza esta formação.

Deste modo, as universidades estão promovendo pesquisas sobre a formação de psicoterapeutas em terapia familiar psicanalítica. Faz-se imprescindível, portanto, aprofundamento nas investigações sobre este processo, refletindo sobre recursos e estratégias de intervenção que possam alavancar, estimulando o desenvolvimento desta

prática em território nacional. Segundo Zanetti e Gomes (2016), que realizaram uma pesquisa com graduandos de psicologia que tinham iniciado o atendimento clínico a casais e famílias, este tipo de pesquisa-intervenção pode ser considerada uma oportunidade complementar a formação desses profissionais. Para elas, “o principal benefício estaria em assegurar um atendimento psicoterapêutico de maior qualidade e um cuidado com os estudantes que iniciaram nesta árdua tarefa da prática clínica” (Zanetti & Gomes, 2016, p. 69).

Esta pesquisa, por conseguinte, desenvolveu reflexões acerca desta modalidade de atendimento clínico, utilizando os recursos artísticos-expressivos para tal empreitada, com uma estratégia de intervenção. Deste modo, intencionou contribuir para a capacitação de estudantes de psicologia, especialmente na área da psicoterapia de casal e família, refletindo sobre as vivências e dinâmicas familiares que podem ser mobilizadas em atendimentos nessa área.

3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Discutir a utilização de recursos mediadores, de caráter artístico-expressivo, enquanto uma estratégia complementar na formação de discentes de Psicologia em psicoterapia psicanalítica de casal e família.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar se o grupo psicanalítico de discussão mediado por recursos artísticos-expressivos seria capaz de favorecer a emergência de conteúdos psíquicos ligados à trama inconsciente familiar.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, partindo do referencial psicanalítico, utilizou a metodologia de pesquisa qualitativa. A psicanálise, ao se inscrever no campo das ciências humanas, contribuiu também para a construção de uma metodologia de pesquisa qualitativa (Turato, 2005). Deste modo, o método qualitativo, também denominado de compreensivo, ao pesquisar determinados indivíduos ou grupo tem como intuito, de acordo com Turato (2005, p. 509), “conhecer a fundo suas vivências, e que representações essas pessoas têm dessas experiências de vida”. Portanto, essa estratégia, própria das ciências humanas e da saúde, contribui para a pesquisa em psicoterapia psicanalítica, já que contempla a complexidade envolvida nos atendimentos clínicos, e, nessa investigação, tem como finalidade estimular, nos participantes, um conhecimento mais profundo sobre as dinâmicas de funcionamento familiares e suas influências no atendimento a famílias.

Desde os primórdios da psicanálise, com sua conceitualização por Freud, a pesquisa, a clínica e a teoria caminham juntas. Houve inserção deste campo do conhecimento nas universidades, que ampliou pesquisas dentro deste referencial teórico. Contudo, a pesquisa em psicanálise tem uma forma de investigação própria, já que seu objeto de estudo é o inconsciente. Assim, ela valoriza a escuta, partindo do que é único e singular (Kessler & Bessa, 2017).

Há, deste modo, entre as maneiras de desenvolver pesquisa em psicanálise, um caminho intimamente relacionado com os atendimentos clínicos, que é, de acordo com Naffah Neto e Cintra (2012, p. 41) a “... pesquisa-escuta, pesquisa clínica por excelência, no interior da qual a atenção flutuante do analista e as associações livres do

analisando contribuem para a produção de sentido, graças à concorrência de processos inconscientes”. Foi este o modelo de pesquisa desenvolvido por Freud, no qual teoria e clínica estavam entrelaçados, a prática clínica servindo de suporte para a construção teórica da psicanálise (Safra, 1993).

A complexidade deste campo, referente à pesquisa em psicologia clínica, implica em um processo dinâmico de investigação. Ao partir da experiência emocional dos participantes e do material clínico resultante deste encontro, há a produção de conhecimento compreensivo que pode contribuir para a transformação da vida de indivíduos e grupos (Pinto, 2004). Portanto, pode-se afirmar que a pesquisa qualitativa em psicologia clínica é sempre uma: “pesquisa-ação, pois conforme a ação vai sendo construída, ela é também investigada e interpretada, e com isso, o próprio processo vai sendo modificado” (Pinto, 2004, p. 75).

Logo, além do caráter interventivo presente neste tipo de investigação clínica, no qual a prática (intervenção) e a pesquisa andam juntas, é importante destacar o papel do pesquisador. Este é um agente ativo que participa do processo, já que está implicado no processo investigativo. Deste modo, a pesquisa também se inscreve no campo da intersubjetividade humana (Avellar, 2009).

No que se refere à pesquisa aqui delineada, esta se baseou no emprego de material clínico, advindo de um grupo psicanalítico de discussão, mediado por recursos artísticos-expressivos. Deste modo, foi por meio de uma intervenção grupal, com os estudantes de Psicologia, que esta pesquisa foi realizada. Esta modalidade de pesquisa pode ser utilizada com o propósito de favorecer a formação de seus participantes, como, por exemplo, na formação de grupoterapeutas (Zimmerman, 2000/2010). Deste modo,

esta poderia ser um mecanismo auxiliar na formação de terapeutas psicanalíticos de casal e família.

O grupo foi realizado uma vez por semana, sendo que cada encontro teve duração de 1h30min. As informações foram registradas posteriormente pelo pesquisador. Foram utilizados, nos encontros realizados, alguns recursos mediadores. O dispositivo dos grupos com objetos mediadores funciona como facilitador no campo da pesquisa e da formação, possibilitando o acesso à representação de palavras anteriormente indisponíveis ao consciente, estimulando o funcionamento do pré-consciente (Castanho, 2013). Teve-se, portanto, como objetivo refletir sobre a dinâmica familiar do terapeuta e seus aspectos inconscientes, além de debater sobre a contribuição dos recursos artísticos-expressivos enquanto estratégia terapêutica na formação em psicoterapia familiar psicanalítica.

Participantes

Propôs-se a participação de três pessoas no Grupo Psicanalítico de Discussão. Os participantes foram discentes do curso de Psicologia de uma universidade pública, vinculados a um projeto de extensão que tinha como objetivo o atendimento clínico psicanalítico de casal e família. Este projeto possibilita que os graduandos vivenciem a prática clínica, tendo como especificidade o atendimento a casais e famílias, a partir do referencial psicanalítico. Deste modo, prioriza a formação dos alunos, por meio de atendimentos clínicos, das discussões teóricas e da supervisão dos atendimentos realizados.

Deste modo, participaram desta pesquisa discentes vinculados a um projeto de extensão específico que propõe a psicoterapia de casal e família. Como critérios de

inclusão, indica-se a participação dos discentes em atividades de pesquisa e/ou extensão relacionados a esta modalidade de atendimento, mesmo que ainda não tivessem iniciado o atendimento clínico a esta população.

As três participantes tiveram contato com os instrumentos genograma e espaçograma, pois participaram das supervisões de casos no referido projeto, nos quais estes recursos tinham sido aplicados. Porém, nenhuma tinha anteriormente confeccionado, elas próprias, estas atividades. A participante três, única que havia iniciado o atendimento a uma família nos moldes clínicos, tinha aplicado o genograma em uma sessão. Já o procedimento de desenho-estória com tema, elas não tinham conhecimento preliminar aos encontros.

Procedimentos para coleta de dados

Foi realizada uma divulgação da pesquisa em algumas Instituições de ensino superior, que disponibilizavam aos seus estudantes de psicologia atividades de estágio ou projetos de pesquisa / extensão, com o consequente atendimento da população específica de casal e família. Deste modo, os estudantes foram convidados para participar do estudo, tendo-se apresentado os objetivos da pesquisa.

Quatro estudantes de graduação, que participavam de um projeto de extensão em particular, entraram em contato com a pesquisadora, sendo que uma estudante participou de um primeiro encontro, porém como não integrou os demais encontros do grupo nos quais os recursos mediadores foram empregados, de maneira que o material advindo de sua participação foi excluído dos resultados e discussão. Ressalta-se que todas as participantes atestaram a anuência quanto à participação na pesquisa por

intermédio do termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelas participantes na ocasião da entrevista inicial.

Todos os encontros, tanto os individuais quanto os grupais, ocorreram em uma sala disponibilizada na Clínica Psicológica da universidade na qual os discentes cursavam sua graduação. As datas e horários foram previamente definidos de comum acordo, conforme disponibilidade das participantes.

Instrumentos utilizados

Para o desenvolvimento desta investigação, foram realizados seis encontros, organizados da seguinte forma: duas entrevistas individuais, sendo uma inicial e uma final, e quatro encontros grupais. Primeiro foi efetuado uma entrevista individual semidirigida, que teve como intuito conhecer as participantes, sua trajetória relacionada a terapia familiar psicanalítica de casal e família, e história familiar. Depois, foram realizadas quatro atividades em grupo, a saber: genograma, espaçograma e desenho-estória com tema em dois momentos distintos. Deste modo, fez-se uso de recursos artístico-expressivos, com aplicação mais dirigida, guiada pelas instruções da terapeuta. Foram utilizados vários materiais, como lápis de cor, papel sulfite, cartolinas, giz de cera etc. Por fim, foi realizado outro encontro individual, uma entrevista devolutiva, para possibilitar um *feedback* sobre a experiência vivida. Neste momento, foram devolvidas as produções originais de cada uma, realizadas nos quatro encontros.

Análise dos resultados

No processo de análise de dados, referentes ao material clínico coletado, seguiu-se os seguintes passos:

Inicialmente foi feito uma breve síntese de cada participante, realizada por meio dos dados provenientes da entrevista inicial, que teve como intuito conhecer os membros do grupo, sua trajetória no projeto de extensão focado no atendimento clínico de casal e família, e sua história familiar. Em um segundo momento, foram apresentados dados dos quatro encontros realizados, com a produção subsequente, e aspectos abordados por cada um.

O tratamento dos dados foi referendado no aporte teórico psicanalítico de casal e família. Foi realizada uma análise direcionada ao emprego dos recursos artísticos-expressivos. Destaca-se que estes foram confeccionados individualmente e eram centrados na vida familiar e na percepção de cada participante sobre os atendimentos de casal e família. Deste modo, a análise não foi centrada na dinâmica grupal, mas sim dos conteúdos emergidos destes instrumentos.

Além do mais, foi examinado o material emergido no dispositivo grupal, pois o compartilhamento de histórias possibilitou trocas intersubjetivas, movimentos de identificação e também de diferenciação dos membros, em uma cadeia associativa grupal. Entende-se que “as associações surgem não só intrapsiquicamente, mas também no interjogo, nas discussões” (Pino, 2015, p. 132).

Com isso, pretendeu-se discutir a emergência de conteúdos psíquicos ligados à trama inconsciente familiar, a partir do emprego de recursos mediadores. Ponderando que muitos desses elementos, em alguns momentos, não conseguem ser trabalhados em uma terapia individual, focada em aspectos intrapsíquicos, compreende-se que esta é uma maneira de contribuir para a formação clínica destes estudantes, para que conteúdos ligados à sua história familiar não comprometam a prática clínica com casais e famílias.

Análise dos aspectos éticos

A presente pesquisa implicou em intervenções em seres humanos, portanto, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina, tendo sido aprovado (número do Parecer: 2.855.472). Os termos do consentimento livre e esclarecido, cujo modelo se encontra nos anexos, foram entregues aos participantes na entrevista inicial e foi assegurado o compromisso com a manutenção do sigilo quanto à identidade e o direito de, a qualquer momento e sem nenhum prejuízo, abandonar a pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram convidados a participar alunos do curso de psicologia que estavam vinculados a projetos de extensão relacionadas a atendimentos clínicos a casais e famílias. Três estudantes participaram da pesquisa que, no momento da coleta de dados, estavam matriculados no segundo e terceiro ano da graduação. Entre estes, apenas um tinha vivenciado este tipo de experiência clínica, sendo que todos participavam da supervisão grupal e do estudo teórico.

Com o objetivo de preservar o anonimato tanto dos participantes quanto de suas famílias, algumas informações foram alteradas, para assim, evitar que haja a identificação das pessoas. Também, para preservar o sigilo, não foram utilizados os nomes reais dos participantes e dos membros de suas famílias, eles sendo identificados pelo papel ocupado na família: pai, mãe, irmãos e assim por diante.

Inicialmente, será apresentada uma síntese clínica dos três casos selecionados, com o posterior relato dos encontros realizados, apresentando como foi a aplicação dos recursos artísticos-expressivos descritos nos procedimentos. Por último, foi realizada uma nova síntese de cada participante, agora enfocando a entrevista devolutiva. Seguindo a finalidade desta pesquisa, na qual a ênfase recai sobre o desenvolvimento do estudante enquanto psicoterapeuta clínico de casais e famílias e em como o emprego de tais recursos pode auxiliar neste processo, a análise se deteve nos objetivos propostos.

Assim, as sínteses clínicas foram estruturadas da seguinte maneira: primeiramente foram apresentados brevemente cada um dos estudantes, com a utilização da entrevista inicial para tal. Posteriormente foi descrito cada um dos encontros realizados, com a apresentação e discussão teórico-clínica das atividades

realizadas por cada participante. Em um terceiro momento, foram apresentadas as informações sobre a entrevista realizada ao final dos encontros grupais. Por fim, foi discutido como os recursos mediadores podem ser empregados para potencializar a formação de terapeutas de casais e família.

Síntese Participante 1

Participante 1 contava com 21 anos e estava no terceiro ano da graduação de psicologia de uma universidade pública. Participou durante alguns meses do projeto, tendo saído por um tempo porque precisava trabalhar, e tinha retornado a acompanhar as atividades desenvolvidas neste projeto (supervisões e estudos teóricos realizados uma vez por semana) algumas semanas antes da entrevista.

Deste modo, entrou no projeto quando estava no segundo ano, pois era uma oportunidade de ter contato com os atendimentos clínicos dentro do referencial psicanalítico (neste momento da graduação ainda não tinha contato com esta prática). Mencionou que se sentia muito pressionada, pois colegas de sua turma da graduação já tinham iniciado alguns tipos de atendimentos, como triagem. E, segundo suas palavras: “acho que isso de família sempre me interessou bastante”.

Quando indagada a respeito de suas expectativas em relação à prática clínica, em um momento no qual não tinha experiência neste tipo de atendimento, referiu dificuldades ouvidas por amigos já formados em se estabelecer enquanto profissional desta área. Com isso, apontou que atender famílias poderia ser uma possibilidade de ter mais pacientes, de aumentar o leque de atuação clínica, e assim conseguir se estabelecer dentro desta área, com a obtenção de uma maior clientela em seu futuro profissional.

Discorrendo sobre sua escolha pelo projeto, comentou sobre dificuldades enfrentadas referentes à escolha das ênfases no terceiro ano. Em vista dessas inseguranças, escolheu este projeto de atendimento clínico a casais e famílias como uma tentativa de estar em contato com a área clínica.

Contou que no segundo ano da graduação houve a oportunidade de realizar atendimento clínico individual em outro projeto, porém não se sentia preparada. A jovem, ao prosseguir seu relato, declarou que no terceiro ano, no momento da entrevista, também se sentia assim: “hoje eu me sinto totalmente despreparada”. Porém, refletiu que talvez não fosse se sentir totalmente preparada, que estava apenas adiando o início desta prática.

A respeito de sua história de vida, contou que era filha única e morava em outra cidade por causa da universidade que frequentava. Referiu muitas brigas com o pai, pois segundo sua visão “ninguém nunca teve voz na minha casa, nem minha mãe nem eu”, e para que pudesse ser ouvida era necessário lutar, brigar por uma chance de colocar sua opinião. Lembrou que quando era criança levava muito tapa na boca, pois era considerada “respondona” pela sua família. Da infância também recordou de muitas brigas entre os pais, e que ela entrava no meio para defender sua mãe, que segundo suas lembranças nunca se colocava, nunca falava.

Mudou-se da casa paterna aos 17 anos, para estudar em outra cidade. Referiu que este foi um momento muito difícil para sua mãe, que começou a ter problemas psicológicos, que perduravam até aquele momento. Mencionou que percebia que não era a causadora dessas dificuldades, porém acreditava que poderia ter sido o gatilho, o disparador de um quadro depressivo: “Não, tem questões dela aí, mas o que despertou isso foi eu ir embora”. Ao pensar no seu relacionamento com a mãe, também relembrou

diversos conflitos, que acreditava serem maiores daqueles que apresentava com seu pai. Atribui como motivos para essas divergências o comportamento mais submisso da mãe, de ficar do lado do pai, e estar ausente em muitos momentos nos quais considerava necessária a presença materna.

Síntese Participante 2

A segunda participante a realizar a entrevista individual contava com 19 anos e estava no segundo ano da graduação de psicologia de uma universidade pública. Havia começado a participar do projeto dedicado a atender casais e famílias havia aproximadamente quatro meses, sem se lembrar exatamente da data de entrada.

Havia escolhido este projeto porque estava procurando atividades voltadas à área clínica, tendo como referencial teórico a psicanálise. Declarou que no momento da escolha existia uma falta de conhecimentos sobre como funcionavam os atendimentos psicanalíticos de casal e família. Esta foi, portanto, uma maneira de se aproximar da prática clínica dentro da abordagem escolhida, e conhecer outra modalidade de atendimento que não fosse o atendimento individual.

A jovem, por estar no início da graduação, não tinha começado sua participação em estágios curriculares, não tendo experiência com o exercício da profissão. Mencionou o desejo de trabalhar na área clínica, porém se sentia insegura frente a tal responsabilidade, disto ser: “uma área onde você, ao lidar diretamente com as pessoas, os sentimentos, as vivências” pode causar danos, influenciando de maneira negativa a vida desses pacientes. Entretanto, discorreu sobre a vontade de estudar e aprender cada vez mais, pois a questão da escuta a encantava, se sentindo atraída para esta área. Sobre sua terapia individual, apontou ter começado no final do primeiro ano da graduação,

quando apareceu uma oportunidade, por ser estudante do curso de psicologia, de pagar por um preço mais acessível.

Sobre sua história pessoal, seus pais estavam casados e moravam na cidade na qual estava cursando a graduação, deste modo morava com eles. Tinha um irmão mais velho, que estudava em uma faculdade próxima e voltava para a residência paterna nos fins de semana. Lembra que sempre foram só os quatro. Haviam morado anteriormente em outras cidades menores na região, mas não na cidade das famílias de origem dos pais. Pontuou: “Família grande só em momentos de festa de fim de ano”. Porém, ela e o irmão haviam nascido na cidade em que a família materna morava, acreditando que para a mãe ter “um pouco do conforto de ter a mãe dela lá perto, assim nas primeiras semanas”, mas logo voltavam para “casa”.

Sobre morar em várias cidades, isso aconteceu por causa do emprego do pai. A cidade atual era o local no qual estavam há mais tempo, uns 12 anos. Seu pai não tinha um horário estável de trabalho, não vinha almoçar em casa. Já a mãe não havia trabalhado quando os filhos eram pequenos, tendo resolvido fazer faculdade quando ela tinha uns oito anos. A mãe começou a trabalhar em um comércio, em um emprego que não estava relacionado com sua formação acadêmica, algo que conseguiu com a ajuda do marido, pois estava vinculado a seu campo de atuação.

Revelou não ter amigos de infância, pois havia estudado em muitos colégios. Tinha, assim, apenas uma amiga dessa época. Pressupunha que ainda tinha contato com esta pessoa, pois sua mãe também havia se tornado amiga da mãe dela. Logo, seus amigos eram aqueles cujos vínculos haviam sido construídos no ensino médio e durante a faculdade.

Síntese Participante 3

A terceira participante, segundo a ordem de realização da entrevista individual, tinha 21 anos e estava no terceiro ano da graduação de psicologia de uma universidade pública. Era a pessoa que há mais tempo participava do projeto de extensão que tinha como objetivo o atendimento clínico a casais e famílias. Recordava-se que havia começado a frequentar o projeto quando estava no segundo ano da graduação, assim perfazendo quase um ano e meio de participação.

Esclareceu que estava procurando a inserção em alguma atividade extracurricular e a escolha por este projeto em específico aconteceu porque se interessava muito pelo tema da família. Lembrou-se de ter conversado com a coordenadora responsável por esta atividade, que explicou o funcionamento deste projeto, com o estudo teórico e as supervisões em grupo, o que considerou como um atrativo.

No momento da entrevista, tinha começado o seu primeiro atendimento clínico a uma família, o que havia desencadeado vários sentimentos, que descreveu como: “Ah foi uma loucura para mim, porque vieram sete pessoas”. Assim, contou que imaginava que fosse diferente, tendo provocado estranheza a organização da família. Comentou, então, que além da família, havia participado da sessão de terapia também um amigo desta. Segundo suas palavras: “quando eu pensava em família, eu pensava que iria vir a mãe, os filhos, no máximo sei lá o pai, uma avó. Veio muita gente e eu também não consegui pegar todas as informações porque era muita bagunça”.

Sobre sua terapia pessoal, comentou que havia feito por apenas algumas sessões e tinha interrompido sinalizando que não havia gostado. Da história familiar, indicou que morava com os pais e a irmã, que era mais nova que ela, existindo quatro anos de

diferença entre as duas. Referiu serem muito próximas, porém desde pequenas brigavam bastante, apontando que eram muito diferentes uma da outra. Mencionou que tinha uma boa relação com os pais, tendo descrito o pai como estressado, nervoso, com ela assumindo uma posição intermediária na família, “eu tenho que fazer o meio de campo às vezes”. Desse modo, conversava com o pai no sentido de ele não precisar agir deste jeito, e mencionava que o pai e mãe contavam coisas para ela e “eu tento conciliar ali, fazer o trabalho um pouco de psicóloga na minha própria família”. A irmã, de acordo com seu relato, “dá mais problemas”, sendo parecida com o pai, e se descreveu mais parecida com a mãe, mais passiva.

Indicou que a família era muito grande, sendo que um avô havia falecido recentemente. Disse que era muito próxima dos quatros avós, e esta havia sido uma perda significativa. Mencionou que “eu amo muito a minha família, mas tem vários problemas também”. Sobre a morte do avô, primeiro relatou que ele teve duas paradas cardíacas, mas depois se corrigiu e lembrou que ele havia tido um AVC. Segundo suas palavras: “ah eu não sei direito. E que, nossa foi muito confuso para mim, eu acho que apaguei como que foi”. Declarou que esta foi uma situação bem difícil para todos os familiares.

Primeiro encontro: o genograma

Inicialmente foi realizada uma breve apresentação das participantes, a partir da qual cada uma falou seu nome e o período da graduação em que se encontravam. As três estavam no mesmo projeto de extensão, portanto se conheciam. Após breves explicações referentes à maneira de confeccionar este instrumento, exemplificando as representações de homem e mulher, e as ligações de casamento, filiação e fraternidade, cada participante foi instruída a construir um genograma de sua família, que contivesse pelo menos três gerações. Havia à disposição folha sulfite e cartolina, lápis grafite, lápis de cor, giz de cera, canetas.

Em um primeiro momento, as três participantes esboçaram sua árvore genealógica e apenas a participante três acrescentou elementos de uma quarta geração, seus bisavós. Todas começaram sua ilustração com a utilização de folha sulfite e lápis grafite, sendo que apenas a participante 2 empregou lápis de cor, em um momento ulterior, quando estava relatando sua produção. Em um momento posterior, elas discutiram sobre sua ilustração e trouxeram elementos de sua história familiar, compartilhando no espaço grupal, o que estimulou a capacidade associativa dos outros membros.

Enquanto as demais pessoas iniciavam o desenho, era aparente a dificuldade da participante 1 em começar a atividade e pediu informações acerca de como as demais integrantes do grupo estavam fazendo seu genograma, principalmente para a participante 2, que estava sentada ao seu lado. Hesitou e manifestou insegurança com a realização do desenho, a todo momento comparando sua criação com a das demais participantes, fazendo indagações. Ressalta-se que ela começou fazendo as chaves de filiação de ponta cabeça, tendo virado a folha e começado novamente, quando notou,

observando os outros desenhos, que estava incorreta esta forma de representação. Nas duas folhas, a tarefa foi iniciada com a representação de si própria.

Nos estudos realizados com este instrumento, ressalta-se o papel deste recurso em obter informações sobre a estrutura, as relações estabelecidas, a dinâmica da família representada. As dificuldades demonstradas, as dúvidas e desconforto sinalizados pela jovem são dados significativos e foram aparentes no início da realização da atividade. Estes forneceram relevantes informações para a análise deste núcleo familiar, tanto que as inseguranças observadas foram depois confirmadas pela jovem, na entrevista devolutiva, quando confessou a dificuldade sentida neste momento.

A utilização do genograma, como um recurso artístico-expressivo, tem como característica marcante a emergência de alguns conteúdos da história familiar mais difíceis de serem acessados, portanto, de natureza inconsciente (Santos & Gomes, 2018). A participante 1, por meio de sua ilustração, pôde visualizar e compreender alguns aspectos de seus relacionamentos com parentes, sentimentos negativos que faziam com que negasse a existência de uma parte de sua família paterna. Logo, suas dificuldades e relutâncias na confecção estavam diretamente relacionadas aos conflitos vivenciados neste núcleo familiar.

Estes conteúdos conflituosos, por conseguinte, foram trazidos para o concreto por meio do desenho. Novamente é importante trazer a própria fala da participante: “Ah eu acho que eu sempre soube que eu tinha várias questões, mas você desenhar isso, você olhar para isso”. Mencionou, deste modo, que sabia da existência de adversidades familiares, contudo representá-las imagneticamente e olhar para esta construção teve um impacto, que possibilitou que a jovem refletisse sobre questões familiares, com um entendimento mais claro destas. Esta fala, portanto, reitera a relevância da utilização de

recursos mediadores, pois a concretude viabiliza um outro olhar e o acesso a um conteúdo inacessível de outra maneira.

Há, destarte, uma mobilização, um pensar visual que extrapola a linguagem verbal, o que possibilita a expressão de conteúdos inconscientes. Portanto, o uso de objetos mediadores promove esta possibilidade, terapêutica, de acessar os conteúdos reprimidos, pois a linguagem expressiva gera produtos concretos que podem ser visualizados. Ademais, a concretude deste material apresenta uma oportunidade de poder ser pensado, elaborado na sessão, isto é, ele suscita reflexões independentes das possíveis interpretações por parte do psicoterapeuta (Zanetti, 2013).

Quanto ao fato de primeiro desenhar a sua representação, explicou que, por meio deste instrumento, notou que se via sozinha, isto é, sem relacionamentos próximos com a sua família extensa (avós e tios). Portanto, houve uma representação simbólica, proporcionada pelo objeto de mediação, neste caso o genograma, que possibilitou um trabalho terapêutico pela ativação da capacidade do pré-consciente (Kaës, 2005). Com isso, a participante 1 pôde refletir sobre seus vínculos afetivos familiares e em como se vinculava com a família de seus namorados, em suas palavras “buscar outra família é muito natural, porque eu me vejo sem, de certa forma”. Foi, portanto, a mediação empregada que desencadeou associações, o que possibilitou novos entendimentos e sentido para estas vivências.

As demais participantes construíram o genograma de maneira fluida, fazendo sem problemas as representações dos membros familiares. Todas já conheciam este recurso mediador em decorrência do projeto que participavam, tendo assistido supervisões grupais nas quais este era discutido e analisado, contudo nunca o haviam

desenhado. Apenas a participante 3 já havia aplicado este instrumento em uma família, atendida a partir do referido projeto de atendimento clínico a casais e famílias.

Deste modo, a participante 3 relatou que iniciou o atendimento de uma família, e havia aplicado este instrumento recentemente. Revelou que haviam comparecido sete pessoas neste primeiro atendimento, crianças que não paravam quietas, até mesmo uma pessoa que não fazia parte do núcleo familiar. Foi difícil para ela administrar esta sessão, dado que muitas situações se desenrolaram ao mesmo tempo. Sobre o recurso, informou que não observou nenhuma informação relevante e que apenas deu tempo deles o confeccionarem. Ainda não havia sido realizada a supervisão desta sessão.

Em sua descrição deste atendimento, foi nítida a ansiedade gerada por tal circunstância e o alívio de aplicar este recurso e logo terminar a sessão. Como no momento deste encontro grupal ainda não havia sido realizada a supervisão, em um momento posterior (entrevista devolutiva) mencionou que sua aplicação possibilitou entender “um pouquinho do funcionamento da família”. Esta é uma característica deste instrumento, apontada pela literatura, que indica que o recurso atuaria como um auxílio na condução da sessão, principalmente para os terapeutas-aprendizes (Zuanazzi, 2015).

Portanto, a participante 3, no espaço deste primeiro encontro grupal, pôde exprimir a angústia experimentada nesta experiência clínica, muito diversa de uma situação ideal e preconcebida por ela. Declarou ser diferente do que imaginava, desorganizado, com muitas pessoas. Esses sentimentos despertados foram compartilhados e foram acolhidos neste encontro pelas outras estudantes. Portanto, o grupo funcionou como um ambiente de *holding*, como um cuidado a esta estudante. Ademais, a análise dos sentimentos experimentados no *setting* terapêutico são uma importante ferramenta para a compreensão clínica do caso, sendo necessário, porém,

que o terapeuta aprendiz consiga identificar e elaborar estas vivências contratransferenciais (Aguirre, 2000). Papel fundamental, também, foi desenvolvido pela supervisão clínica, proporcionada pelo projeto de extensão que participava, que a auxiliou no manejo adequado dos futuros atendimentos, como, por exemplo, orientando a apenas membros familiares participarem da sessão.

Continuando com a participante 3, ela prontamente confeccionou sua árvore genealógica, terminando rapidamente seu desenho (primeiro que as outras participantes) e ficou utilizando seu celular enquanto as outras finalizavam. Mesmo sendo disponibilizados lápis de cor e giz de cera, fez uso apenas lápis grafite. Iniciou pela representação dos avós, contudo, precisou trocar os nomes que estavam invertidos (os avós não correspondiam à sua respectiva filiação). Retratou também os diagramas que representavam dois bisavôs, tanto do lado materno quanto paterno, pais de suas avós. Justificou essa escolha por eles terem sido muito próximos, sendo que a bisavó materna havia morado um tempo com a família dela, antes de falecer.

Foi a primeira a falar sobre sua ilustração, conforme sua vontade.

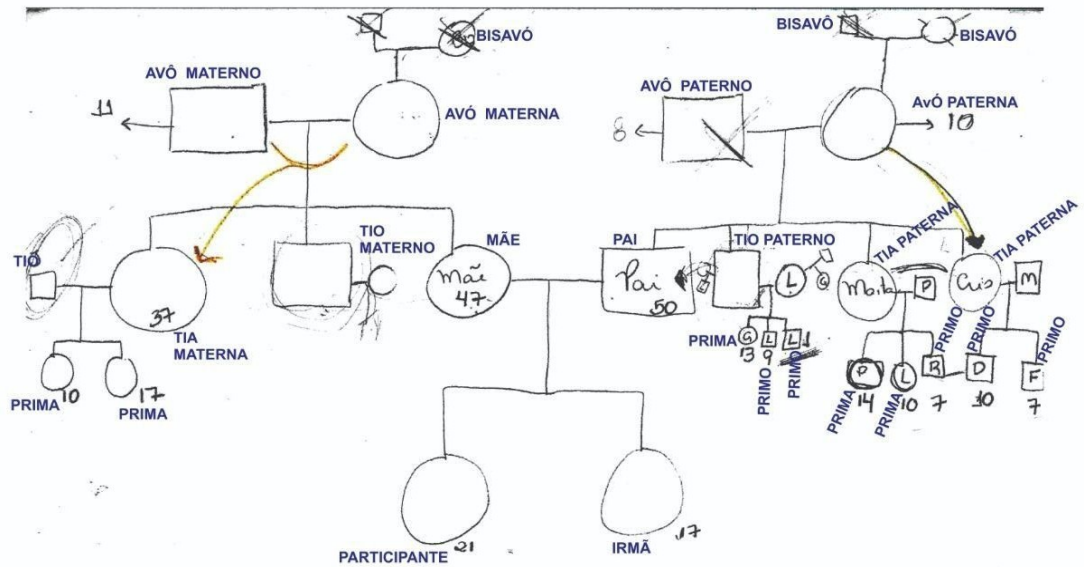


Figura 1 – Genograma Participante 3

Destaca-se que esta ferramenta é utilizada para investigar aspectos da transmissão psíquica geracional, dado que há a representação gráfica da linhagem familiar, de algumas gerações, expandindo e ultrapassando, portanto, conteúdos da família nuclear (Correa, 2013). No relato de todas as participantes isto foi observado, tendo sido notadas algumas repetições, além de histórias similares terem sido encontradas nos dois lados da família (materno e paterna), podendo-se indagar se também na geração presente, no qual se encontravam as participantes, essas histórias poderiam se atualizar. Vemos, portanto, referências a modalidades de transmissão psíquica geracional.

Partiu-se do relato da participante 3, que foi a primeira a expor a imagem advinda da confecção deste recurso, tendo descrito inicialmente os membros da família materna. Sua família nuclear morava em outra cidade, diferentemente dos demais

familiares. Na cidade natal da mãe, morava uma tia casada, que tinha duas filhas, e os avós. Havia um tio materno que morava em outro estado, também casado, mas sem filhos, relatando que este casal há muito tempo tentava engravidar. Apontou que os avós tinham preferência por uma das filhas (sua tia), representando esta ligação no desenho por uma flecha. Assim, mencionou uma “rixa” entre as irmãs (tia e mãe), pois o avô dava mais atenção e também mais dinheiro para esta filha. E essa rixa era transferida para as primas “daí teve uma época que eu e minha irmã ficamos enciumadas com as minhas primas”, porque estas também recebiam mais atenção, e, segundo seu relato, dinheiro.

Mencionou que houve uma época de muitos conflitos, difícil para ela, “até que daí passou e ninguém fala mais sobre isso, mas continua do mesmo jeito. Só que a gente tenta não ligar mais para estas coisas”. Ou seja, os motivos de ciúmes ainda existiam, para ela e sua irmã, apenas não eram mais demonstrados. Mediante a realização do genograma e das associações despertadas, portanto, foi permitido visualizar as representações dos membros familiares e as relações afetivas estabelecidas entre eles. Estas relações, de “predileções” e ciúmes, estavam presentes e incomodavam a participante três, conforme conteúdos latentes que emergiram deste encontro.

Já da família paterna, contou que o avô havia falecido recentemente. Eles eram em quatro filhos, duas mulheres e dois homens. O único irmão do pai tinha um filho de outro relacionamento e a atual esposa também tinha um filho de outro relacionamento, e tinham hoje um filho juntos. Importante notar que ela representou os filhos de cada um separados e depois os desenhou, novamente como filhos do casal. Assim, os dois filhos foram representados, na mesma chave, como se fossem filhos do casal, juntos com o

irmão, filho biológico do casal. Podemos, assim, pensar em uma dupla paternidade, como se estes tivessem uma dupla filiação.

Sobre as tias paternas, mencionou que avó tinha preferência por uma dela (tendo feito uma flecha apontando), o que causou muitos conflitos com a irmã, que também acabou passando para os primos. Esta era uma narrativa similar àquela que também havia sido feita sobre a família materna, isto é, que havia um favoritismo entre as filhas mulheres, o que desembocava em relações conflituosas entre as irmãs. Declarou que já havia sido conturbada a relação delas (tias paternas) com a sua mãe, porque, de acordo com seu relato, a família do seu pai tinha condições financeiras inferiores “e a minha mãe fala que eles tinham um pouco de inveja também”.

Havia, deste modo, uma convivência atribulada, o que tinha levado os pais à mudança de cidade, não residindo na cidade de ambos os pais. Depois colocou que a mudança havia acontecido por causa do trabalho do pai, “mas a minha mãe fala que até hoje foi a melhor coisa que ela fez foi ter saído de lá”. Um dos motivos expostos que tinha agravado a dificuldade de convívio foi o nascimento da jovem, por causa da interferência ocorrida, que havia causado sofrimento na sua mãe “porque minha avó e minhas tias me queriam o tempo inteiro e não dava paz para ela”.

Portanto, descreveu uma narrativa similar, na família materna e paterna, no qual as avós tinham predileção por uma das filhas mulheres, o que desembocava em relações conflituosas entre as irmãs. Além disso, essa dinâmica familiar se estendia a sua geração, pois ela e a irmã sentiam, por exemplo, que havia um tratamento diferenciado dado às primas, por seus avós. Também em sua relação com a irmã há algo deste favoritismo, que apareceu em suas entrevistas individuais, já que a irmã era vista como a que dava trabalho para os pais e ela era a mediadora dos conflitos familiares.

Essas histórias, que se repetiram na/s árvores genealógicas, estão relacionadas à seguinte modalidades de transmissão:

A transmissão-repetição pode ser qualificada de traumática, porque, não transformada, consagra-se à repetição do mesmo através das gerações ou entre contemporâneos. A repetição do mesmo é a dos objetos psíquicos não tratados, na geração precedente, pela função simbólica do pré-consciente (Kaës, 2005, p. 136).

Depreende-se que estas dinâmicas familiares não foram elaboradas, não passaram pelo processo de transformação, exercido pelo pré-consciente, portanto, continuam se repetindo nas gerações. A pertinência dada a esse recurso é de possibilitarem a emergência de conteúdos psíquicos, pois “é o objeto mediador que dispara o processo associativo” e os sujeitos “terminam por se servir deles como meio de possibilitar o acesso a representações de fala até o momento indisponíveis” (Kaës, 2011, p. 49). Portanto, este instrumento, funcionando como objeto mediador, viabilizou que estas jovens refletissem sobre a história familiar, sobre as repetições encontradas, trazendo estas para o sistema pré-consciente.

Isto é corroborado em sua entrevista devolutiva, já que declarou que apreciou participar destes encontros grupais, uma vez que proporcionou a ela se expressar e refletir sobre sua família. Além disso, pode-se pensar na opção pela modalidade grupal de intervenção, entendendo-se que o grupo possibilitou este expressar-se, já que “os grupos de mediação são grupos que puxam a fala, que a suscitam, que a solicitam e a acolhem” (Kaës, 2011, p. 50). Continuando com o relato desta participante, confessou que não tinha outros espaços para abordar esta temática, não tinha com quem dialogar.

A participante 2 foi a segunda a falar sobre sua ilustração.

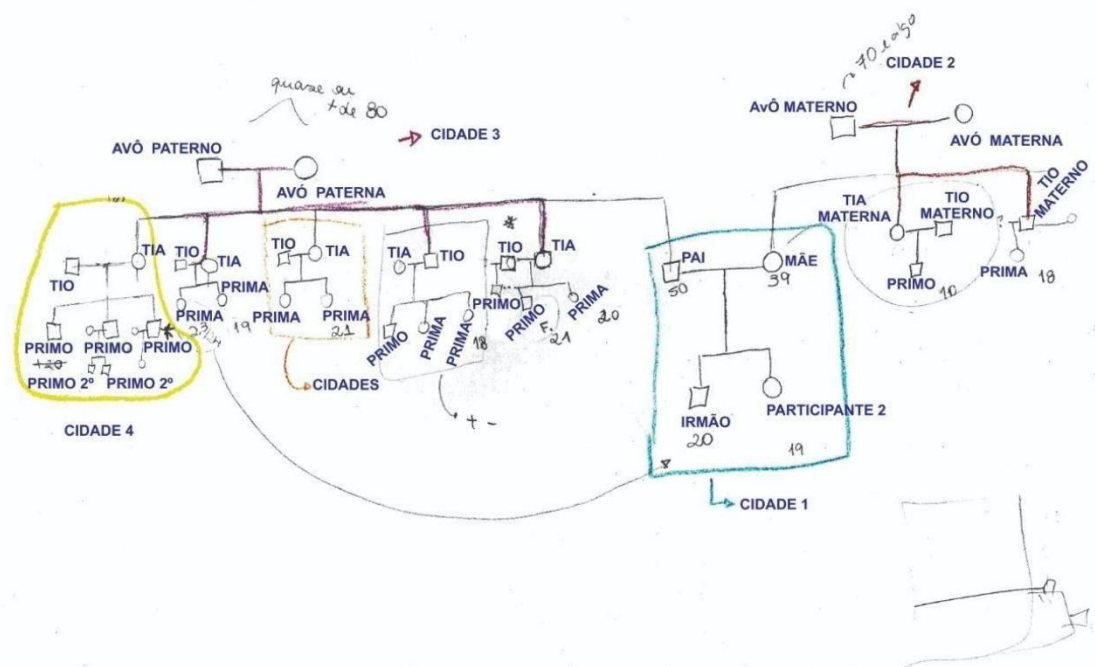


Figura 2 – Genograma Participante 2

Começou seu desenho e relato pela família paterna, falando sobre a cidade em que o pai havia nascido e onde alguns membros da família ainda residiam. Era uma cidade pequena, sendo seu avô conhecido no local. Descreveu-os como uma família católica, tradicional, patriarcal. Adorava visitar esta cidade, porque tinha vários primos e brincavam na rua, era muito animado, segundo suas lembranças: “quando era mais nova, eu gostava muito da família do meu pai, porque eu ia para lá e era aquela coisa bem de festa, com muita comida, muita conversa, muita agitação”.

Atualmente, sua percepção da família paterna era distinta. Percebia que havia muitas desavenças nesta família. Observava que sua mãe, mesmo tendo um bom relacionamento com a família do marido, sentia-se desconfortável, “mais tensa”, segundo suas palavras: “ela sabia que eles tinham essa mania às vezes de se meter na vida um dos outros, tipo na criação minha e do meu irmão”. Logo, descreveu os

membros desta família como pessoas que falavam o que pensavam, sem se preocupar com as outras pessoas.

Sobre as histórias familiares narradas pelas participantes 2 e 3, há algumas similaridades que podemos apontar. As famílias de origem das duas não moravam na mesma cidade que os avós, isto é, na cidade no qual seus pais nasceram e outros parentes da família extensa ainda habitavam. No relato das duas foi destacado este fato como relevante para a constituição deste novo núcleo familiar longe das interferências de outros membros familiares.

A participante 2, ao narrar sua história familiar, mencionou que sua família “sempre foram só os quatros”, se referindo ao pai, mãe, irmão mais velho e ela. Este é um ponto significativo em sua biografia, pois desde o nascimento morava em uma cidade distinta daquelas que residiam as famílias materno e paterna, já tendo morado em várias cidades da região.

Ao escutar a exposição das duas, a impressão era de um afastamento das famílias de origem, como uma tentativa de construir uma nova família, longe de possíveis interferências de parentes. Isto a participante 2 reconheceu, por exemplo, referente à família paterna, o desconforto de sua mãe nos momentos em que estavam nesta cidade, de possíveis intromissões das irmãs do pai. Também a participante 3 falou sobre o sofrimento da mãe frente às interferências de tias e avó paternas, principalmente a partir do seu nascimento.

Seguindo a participante 2, descreveu os nomes dos tios e dos primos, tendo se detido na história de um tio que teve um filho fora do casamento. Hoje sabia que tinha havido uma briga quando a tia descobriu, todavia quando contava com uns 11 anos esta criança foi morar com eles e ainda morava junto com o pai e a madrasta. Relembrou que

demorou para descobrir, não sabendo exatamente porque: “achava que ele era primo normal, mas pensando bem não tem lembranças dele nas brincadeiras infantis com os outros primos”.

Já a família da sua mãe era menor. Tinha menos irmãos (dois) que o marido, e deste lado da família não havia primos para brincar em sua infância. Assim, mencionou que sua tia materna demorou a engravidar, já estava casada havia alguns anos e seu filho deveria estar com aproximadamente uns 10 anos, “então, não participou da minha infância”. Esta tia tinha um relacionamento próximo com mãe e com sobrinhos (ela e irmão), e no desenho fez um traço representando esta intimidade. Indicou gostar muito dela, sendo uma figura muito presente em sua infância, tendo colocado que: “ela demorou para ter filhos, assim cuidava dos sobrinhos”. Ela era madrinha do seu irmão, mas gostaria que fosse sua também.

Já o outro tio materno demorou para casar, teve uma filha quando jovem, sem ser casado, “mas ela demorou também para ser mais inserida na família”. Não lembrava propriamente quando sua prima, filha deste tio, havia começado a frequentar a casa dos avós, e como esta tinha aproximadamente sua idade, mãe e a tia solicitaram que ela desse atenção à outra criança, como uma forma de aproximá-la da família. Há, deste modo, histórias similares nos dois lados da família, nos quais primos, um do lado paterno e outra do lado materno, demoraram a “serem inseridos na família”, conforme suas palavras, por serem de relacionamentos sem o vínculo do casamento.

Infere-se que existia nesta família algo que permanecia no campo do não dito, sendo relevante registrar que a participante 2 mencionou, em mais de um momento, que faltava a ela conhecer mais a história de sua família, talvez perguntar a sua mãe o que realmente teria acontecido em algumas ocasiões. O atendimento familiar, dentro da

A respeito da família paterna, ela desenhou seus avós, a chave de casamento, e seu pai. Primeiramente, desenhou seu pai como filho único. Com relutância indagou se era preciso desenhar os outros filhos, fruto de um relacionamento do avô com outra mulher. Expressou que não gostaria de colocar mais nada em sua produção. Assim, ao relatar as relações familiares da parte paterna, verbalizou que eles sempre foram problemáticos. O avô traiu sua avó e, com esta outra mulher, teve três filhos. Estes filhos foram criados por sua avó biológica. Este avô faleceu, e também o traço que indica separação foi colocado depois, quando percebeu este tipo de representação nas figuras dos demais membros do grupo.

Estes meios-irmãos do pai são representados na sua ilustração não como casados com terceiros, mas sim fechados entre si, com a chave de casamento. E, sem utilizar a chave de casamento, acrescenta os filhos desses meios-tios, como se fossem filhos apenas deles.

Também ao narrar a história familiar materna, apareceu a traição de seu outro avô. Deste modo, seus dois avôs traíram suas avós, o que causou na participante muita revolta, explicitada por ela em seu relato. Também estava presente o uso de bebida alcoólica, já que mencionou que os avós eram alcoolistas. Quando a pesquisadora apontou esta similaridade, das traições conjugais, a participante confirmou: “acho que é uma história semelhante dos dois lados”. Deste modo, foram expostas informações significativas no tocante à dinâmica familiar, que se repetiu nas famílias dos pais da participante.

A participante evidenciou sua incompreensão frente a estas mulheres, que acabaram se sujeitando às traições do marido. Também referente a sua mãe surgiram questões concernentes à submissão ao marido, quando mencionou que ela não tinha voz.

Em suas palavras: “é uma história de trouxa da família sabe, minha vó, minha mãe”. Desta maneira, as imagens maternas se inscrevem em uma posição subserviente, submissas aos maridos.

Pode-se inferir, por seus relatos, que considerava a maior sujeição a realizada por sua avó paterna, que cuidou dos filhos resultantes da traição do marido. Ficou evidente seu desconforto, tanto que em um primeiro momento não desenhou as representações destes tios, declarando que não queria fazê-lo, apenas em um segundo momento acrescentou este lado da família. Nestas representações, a participante colocou legenda, para demonstrar os transtornos que eles causavam em sua família. Logo, as legendas referem-se às drogas, prisão e deficiência física.

Evidenciou-se também, com a confecção do genograma, na história familiar do lado paterno, um conteúdo que pode ser concernente à transmissão psíquica transgeracional, que: “inauguram uma cadeia traumática transgeracional, dominada pela repetição, em detrimento da memória e da historização do sujeito” (Trachtenberg, 2013, p. 130). Logo, não há um processo de elaboração transformadora, que pudesse interromper as diversas repetições, referentes ao vício (avô alcoolista, filhos e netos usuários de substâncias psicoativas), de traições conjugais, presentes na fala da participante, em uma discussão com seu pai: “achei que quem estava acabando com a família fosse os seus parentes aí que tem amantes”.

Isto também transcorreu quando se observa que na família paterna inúmeros familiares não foram criados por suas mães biológicas. Os três filhos do avô paterno, filhos de um relacionamento extra-conjugal, foram criados pela madrasta, avó da participante 1, assim como dois “netos” (filhos dos enteados) foram criados por esta

mesma mulher. Uma das crianças foi adotada, sendo que esta terceira geração, filhos dos meios-irmãos do pai, foi apresentada sem as representações de suas mães.

Portanto, neste recurso no qual há uma ilustração da família que delinea as cadeias geracionais, explicita uma ausência de historização, de lembrança, destas mães. Isto é demonstrado quando a participante mencionou que sabia o nome da amante do avô, mas não recordava no momento do grupo de seu nome, proferindo mais de uma vez que “eu sei, mas esqueci”, e depois, na geração seguinte, nem as representações das mães são acrescentadas ao desenho.

Na entrevista devolutiva, esta participante relatou suas emoções ao delinear seu genograma, de intensa sensibilização. Proferiu que sabia que havia incômodos presentes em sua história familiar, porém que foi diferente olhar para estas questões por meio do instrumento. Concluiu que sua produção possibilitou que ela refletisse sobre eventos familiares, com um novo entendimento. Isto é corroborado na literatura, de acordo com Santos e Gomes (2018, p. 210), que indicam que

a mediação por meio do genograma elucida conteúdos até então impensáveis e possibilita novas descobertas e associações, transformando aquilo que era apenas angustiante em algo com um novo sentido, capaz de ser representado e verbalizado no jogo intersubjetivo.

Ademais, estas reflexões se estenderam também ao modo de vinculação dos pais, pois declarou na entrevista devolutiva que se perguntava sobre o relacionamento conjugal deles. Isto permitiu, inclusive, cogitações a respeito dos seus relacionamentos afetivos. De acordo com Scorsolini-Comin e Santos (2016, p. 146): “A transmissão psíquica é um conceito que permeia a conjugalidade entre as gerações e contribui para compreendermos de que modo a conjugalidade dos pais pode influenciar vivências

afetivas dos filhos e filhas”. Deste modo, este recurso, além de ser uma fonte de informações sobre as estruturas vinculares, também possibilita o acesso às figurações da transmissão psíquica (Santos & Gomes, 2018).

Depois que as participantes fizeram seus relatos, a entrevistadora perguntou se tinha mais alguma informação relevante, como por exemplo repetições geracionais, histórias que consideravam significativas referentes às suas famílias. A participante 3, ao olhar para seu genograma, acreditava que sua produção não demonstrava muitas coisas sobre a família, seus conflitos, “no papel tudo parece bonito”. Se dirigindo à pesquisadora, disse que existia, por exemplo, os conflitos entre as irmãs, conforme mencionado também na entrevista individual. E aludiu a estes conflitos fraternos, relacionados a diferenças de tratamento dos pais, neste caso seus avôs.

Isto posto, lembrou outra dessas preferências, agora concernente a um tio paterno. Assinalou um relacionamento próximo da avó com o tio, descrevendo-o como o xodó. A avó sempre havia feito tudo por este tio, como colocar comida no prato dele, sendo que ao passar férias na casa dos tios, viu que esposa também fazia isso por ele. Pontuou esta distância, como viam pouco este tio, sem se importar com a atenção diferenciada recebida por ele, “mas está longe então... nem ligo muito”.

A participante 1 estava, neste momento, acrescentando algumas legendas para a subdivisão da família paterna (os meios-irmãos do pai e seus filhos), como d=drogado, Δ = deficiência e riscos horizontais, que significavam prisão. Deste modo, lembrou que os dois irmãos mais velhos estiveram presos, sendo que os três eram usuários de drogas. Também seus primos paternos estiveram envolvidos com drogas e prisão.

Apontou que teve conflitos com a avó paterna, porque ela sempre defendeu os enteados e queriam que estes, os filhos de seu avô, estivesse presente em suas vidas. Assim, lembrou uma situação em que um desses tios quebrou alguns objetos, pertencentes à casa da avó, roubando dinheiro por causa das drogas, situação na qual tiveram que chamar a polícia para intervir.

Já a participante 2 fez algumas anotações de lápis de cor em seu genograma, dividindo as famílias pelas cidades pelas quais moravam, e também algumas flechas que significavam relações de proximidade. Ainda tendo como fio condutor a imagem da avó, e sua predileção por um dos filhos, recapitulou sobre um tio materno, que havia morado muito tempo na casa dos pais, sendo que dividiram a casa em dois espaços, ficando ele com a parte do fundo, pois neste pedaço tinha uma churrasqueira.

Tal fato proporcionou a seguinte associação da participante 1, sobre um tio que também havia morado na casa dos avós. Em sua perspectiva, a avó materna tinha uma predileção por seu filho homem. Assim, também contou sobre este tio, desta vez irmão de sua mãe, do qual não gostava, e acreditava que isto acontecesse porque havia um tratamento diferencial em relação aos homens. Assim, lembrou que este havia morado com os pais (seus avós) durante muitos anos. Já na fase adulta, saiu por um tempo, porém tinha retornado para a casa de seus pais quando constituiu família. Descreveu como seu tio competia com ela, quando esta era criança, não deixando, por exemplo, que utilizasse um copo diferente na casa dos avós, que apenas ele poderia utilizar. Segundo suas recordações, a avó sempre havia ficado do lado deste tio, fazendo suas vontades. Em sua opinião, este tio era muito mimado pela família.

A participante 2 voltou a mencionar, nesta ocasião, como a família paterna era bem tradicional, em seu ponto de vista, “que não assumem que são machistas, mas são”.

Discorreu sobre uma situação na qual foram para a praia com tio paterno e ela odiou, pois ela e uma prima ficavam com o serviço doméstico e, assim, tinham que lavar louças, e quando falava para seu primo lavar também, este tio se opunha, referindo que como haviam várias mulheres para realizar este serviço, não era preciso que os homens ajudassem.

Quanto ao primeiro encontro grupal, pode-se dividi-lo em dois momentos narrativos. Em um primeiro instante, as participantes descreveram a confecção dos genogramas, que foram feitos de maneira individual. Trouxeram elementos da trama familiar, uma associação intrapsíquica, contudo que no espaço do grupo também transformou-se em associação interpsíquica. Com isso, alguns fios condutores foram encontrados, como, por exemplo, quando as três relataram dinâmicas familiares nas quais uma das avós tratam diferencialmente um dos filhos.

Esta característica está, habitualmente, presente nos grupos de mediação, no qual: O grupo traz as associações, manifesta sua cadeia associativa própria, até o momento em que um conteúdo, transitado pelo objeto mediador, faz eco e produz um ponto de ligação de sentido, altamente significativo para aquele que se reconhece nele (Vacheret, 2015, p. 93).

Deste modo, quando a participante 1 contou sobre sua avó paterna e seus enteados, um contexto difícil de sua história pessoal, sentida por ela como experiências de muito sofrimento, levou a associações nas outras participantes, gerando uma ligação de cunho afetivo, em uma cadeia associativa grupal. Em seguida a este relato, a participante 2 também descreveu uma relação entre sua avó e um tio, e novamente a participante 1 contou sobre relação avó/filhos homens, desta vez do outro lado da

família (materno). O que terminou com a participante 2, que retratou uma situação considerada por ela machista, na qual os homens acabam tendo privilégios.

Por fim, assinala-se que também na formação de terapeutas de casal e família, tanto da psicanálise quanto da abordagem sistêmica, frequentemente o genograma é confeccionado pelos alunos, pois o estudo da dinâmica familiar própria possibilita reflexões que facilitariam no desempenho da futura função terapêutica (Wendt & Crepaldi, 2008). Tal perspectiva foi adotada pela participante 3, por exemplo, que referiu que foi interessante realizar os genogramas aplicados nos encontros grupais, pois essas ferramentas seriam utilizadas no futuro nos atendimentos clínicos a casais e famílias.

Segundo encontro: o espaçograma

Neste encontro, foi aplicado o espaçograma, que é uma estratégia terapêutica que pode ser atualmente empregada na terapia familiar psicanalítica. Neste *setting* terapêutico, o recurso de desenho da casa, enquanto objeto mediador, tem como um dos objetivos visualizar a distribuição dos cômodos e como eles são utilizados pela família. Entende-se que esta representação do espaço partilhado, da casa, propicia a projeção inconsciente dos vínculos psíquicos, vividos nesta família (Benghozi, 2010). Com isso, após exposição sobre o espaçograma e sua utilização na terapia familiar psicanalítica, as participantes foram instruídas a desenharem a planta de sua casa, com a representação dos móveis presentes em cada ambiente.

Foi solicitado especificamente que desenhassem a casa que residiram com os pais, haja vista a que as residências estudantis possuem um caráter mais efêmero e distante das dinâmicas familiares. As participantes 2 e 3 ainda moravam com a família de origem no momento da pesquisa, sendo que apenas a participante 1 residia em outra cidade.

A participante 3 informou que precisaria sair mais cedo deste encontro, por causa de um compromisso pessoal. Desta maneira, realizou com presteza e rapidez a atividade, terminando antes que as demais, mesmo que sua ilustração abarcasse duas folhas sulfites, já que a casa onde morava com os pais era um sobrado. Em vista disso, a participante 3 foi a primeira a detalhar a ilustração dos cômodos presentes em sua casa e a utilização destes por ela e seus familiares.

Começou descrevendo a parte exterior da residência. Indicou que os portões eram de grade, o que possibilitava que quem passasse pela rua enxergasse o quintal e parte do fundo da casa, onde estava localizada a piscina. Por este motivo, foi construído

um muro que impedia a visão da área de lazer. Representou no seu papel a piscina, a cadeira de tomar sol, churrasqueira e mesa. Contou que amava tomar sol, piscina e praia, portanto esta era uma parte da casa bastante utilizada por ela.

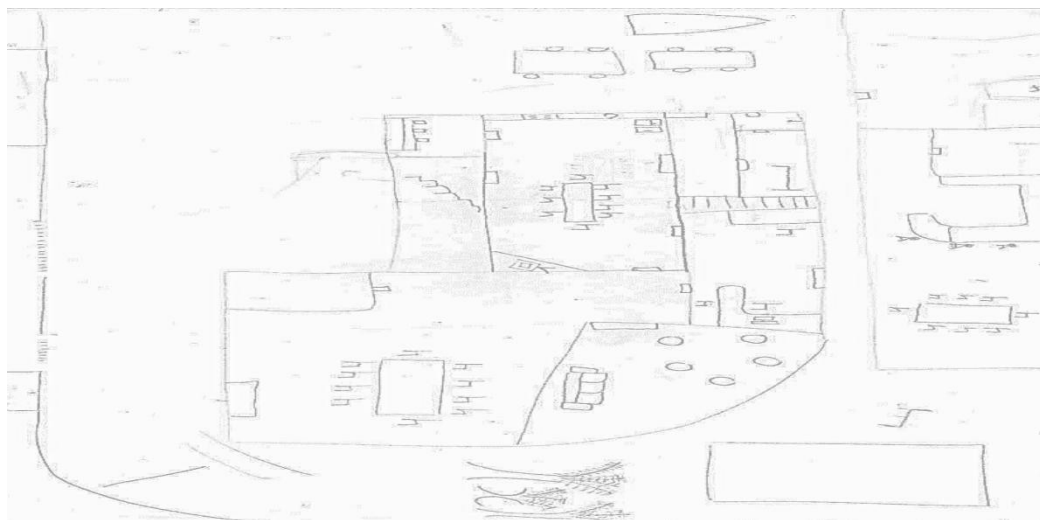


Figura 4 – Espaçoograma Participante 3 (térreo)

Destaca-se que o primeiro conteúdo apresentado por esta participante foi a construção de um muro que impedisse aos transeuntes a visão dos familiares, simbolicamente demonstrando a barreira construída, que impedia o acesso aos conteúdos desta família. Na entrevista devolutiva declarou, inicialmente, que o espaçoograma foi o recurso no qual encontrou maior dificuldade de elaboração, depois mudou para desenho-estória com tema de sua família (terceiro encontro). Foi apenas no terceiro encontro que conseguiu falar sobre algumas adversidades vivenciadas enquanto filha. Relembra-se que neste encontro, após o término e descrição do desenho, ela foi embora, não participando, portanto, até o término do encontro grupal.

Assim sendo, começou a apresentação pela parte exterior da residência e da construção de um muro que possibilitasse privacidade à família. Atravessou a sua narrativa este tema, da vida privada, temática também importante nos estudos a respeito

dos processos históricos de constituição da família, como abordado por Magalhães e Féres-Carneiro (2005, p. 15):

Foi só com o recolhimento dos membros de uma família com laços biológicos a uma casa com espaços de convivência delimitados que passou a existir privacidade, trocas entre os sujeitos e, creio, o surgimento da noção de família. Ela surge, então, da possibilidade de reconhecimento mútuo entre os sujeitos, da troca de afetos entre eles, e isso só foi possível a partir de um espaço físico que possibilitasse a aproximação entre as pessoas.

Portanto, a divisão da casa, sua repartição em cômodos e corredores, a privatização desses espaços, está no cerne da constituição atual da concepção de família. O espaçograma, ao trabalhar com os espaços vividos, partilhados pelos familiares no local de moradia, permite visualizar as relações internas, as trocas intersubjetivas. Isto acontece, de acordo com Benghozi (2010, p. 184): “... graças à representação do espaço-casa vivido, uma projeção inconsciente do espaço psíquico individual e familiar, e uma projeção da organização genealógica dos vínculos psíquicos”.

Portanto, ao discorrer sobre sua ilustração, esta jovem falou sobre o modo de funcionamento de sua família, como esta se relacionava com o mundo exterior e também como eram os relacionamentos desta família nuclear. Demonstrou, por meio do seu relato, que a questão da privacidade era muito importante para eles, falando sobre paredes e janelas, em como estas os separavam em relação ao mundo externo. Porém também surgiu, em seu relato, o pouco contato dessas pessoas que moravam juntos, já que em sua descrição havia poucos espaços de aproveitamento comum e momentos conjuntos da família.

Assim sendo, mencionou o aproveitamento dos espaços habitados, de como os cômodos eram usufruídos por eles, o que desencadeou associações sobre sua infância, já que este instrumento “é uma maneira de abrir, como um campo de representação, um discurso associativo” (Benghozi, 2010, p. 185). Logo, as lembranças foram relacionadas a esta moradia, por conseguinte, o espaçograma funcionou como um mediador associativo, no qual o desenho da casa trouxe memórias de um passado vivido, favorecendo a mobilização do pré-consciente (Benghozi, 2010).

Deste modo, ao informar sobre o térreo da residência, no qual havia uma suíte, relembrou de uma empregada que trabalhou em sua casa, e neste período morava com eles, dormindo neste local. Conseqüentemente, ao mencionar este recinto, rememorou sua infância, já que essa empregada havia morado por muitos anos com eles e ocupava o lugar de babá das crianças. Sua mãe, segundo seu relato, sempre trabalhou fora de casa, e lembrou com carinho dessa pessoa, que brincava muito com ela e a irmã, parando de trabalhar em sua casa quando teve um filho. No momento deste encontro, a irmã desta mulher ocupava o posto de doméstica. Foram, portanto, memórias afetivas, advindas de um período da infância, diretamente relacionadas a este espaço habitado, vivido.

Ao continuar sua descrição da realidade material dos cômodos, descreveu ambientes como a cozinha, um banheiro e depois escritório. Este cômodo tinha como desígnio inicial ser um ambiente conjunto de trabalho de ambos os pais. Contudo, isso acabou não acontecendo, já que a mãe não utilizava este local, usufruído, conseqüentemente, apenas pelo pai. Ao lado, existia uma sala de estar, que também foi retratada como não utilizada pela família, usada unicamente quando havia visitas. Referiu que neste lugar não havia televisão. Completando a parte térrea da casa existia a

sala de jantar, onde comiam quando tinham a intenção de uma refeição mais formal, em suas palavras: “fazer algo mais bonito, se não comem na cozinha”.

Com este comentário, no qual apontou a cozinha enquanto lugar de refeições da família, não discorreu sobre este cômodo. Ao explicitar a localização destes espaços, apenas salientou o pouco tempo que permaneciam nestes, já que geralmente passavam pela cozinha e subiam a escada.

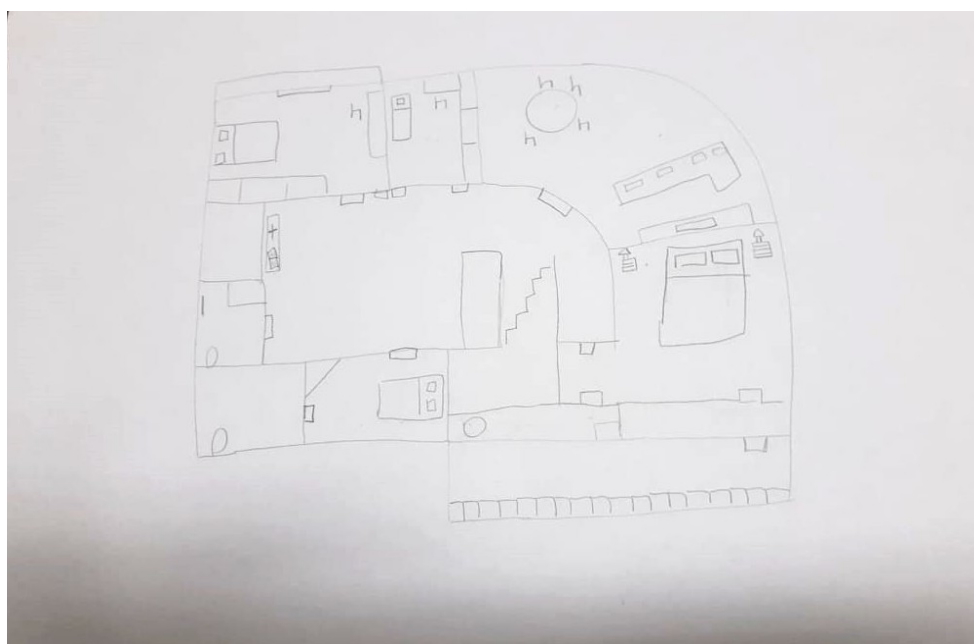


Figura 5 – Espaçograma Participante 3 (primeiro andar)

Ao chegar ao primeiro andar, havia o quarto dos pais, com uma sacada, porém também era um lugar no qual quase nunca iam. Permanecia fechado praticamente todo o tempo. Ao lado deste quarto, existia uma sala de televisão, lugar de preferência e de maior utilização pelos progenitores. Neste espaço havia, também, uma mesa de jogos, pontuando que a família gostava de jogar baralho, contudo viraram a mesa do outro lado (da madeira) e estavam montando um quebra-cabeça que a irmã trouxera de uma

viagem. Mencionou que na primeira vez que resolveram montar o quebra-cabeça, ela, a mãe e a irmã tomaram vinho e conversaram, um momento descrito como muito agradável. Porém, a irmã nunca mais se entretteve com este passatempo, sendo que naquele momento era praticamente a mãe que o estava montando. Ela também, segundo seu relato, não mais havia realizado a atividade, informando que “não tem tempo”. Assim, pode-se inferir sobre os relacionamentos interpessoais desta família, o pouco tempo de convivência conjunta.

O espaçograma é um recurso expressivo, que ao solicitar o esboço do espaço domiciliar e em como este é estruturado, se mostra relevante para perceber a dinâmica estabelecida pela família, já que “essa mediação é particularmente rica para a psicoterapia familiar, pois ilustra a ocupação física e a circulação (ou não) através dos espaços” (Dominicis, 2019, p. 250). Nesta descrição realizada pela participante 3, ficou novamente claro a pouca circulação nos espaços familiares, de convivência entre os membros.

Descreveu, por último, os quartos ocupados por ela e sua irmã, que eram contíguos. Ao mostrar o desenho mencionou que as portas do quarto eram uma do lado da outra, diferentemente da representação feita na planta da casa, assim acabou desenhando novamente. Relatou que seu pai, quando queria falar algo com as filhas falava de fora do quarto para as duas. Isto acontecia quando queria transmitir alguma informação ou recado ou, também, repreender algum comportamento das duas. Quando indagada sobre a cama de casal e solteiro, de seu quarto e da irmã, respectivamente, referiu que o quarto da irmã não caberia uma cama de casal. Isto posto, explicou que anteriormente havia um quarto, onde as duas dormiam, depois houve uma reforma,

dividindo o local, e ela por ser mais velha ficou com quarto maior, mas acrescentou que isso nunca foi motivo de ciúmes.

O banheiro era compartilhado pelas duas. Por fim, discorreu sobre o último quarto existente no andar superior, que era uma suíte utilizada pelas visitas. Lembrou que foi neste aposento que uma garota de outro país, vinda ao Brasil por meio de um intercâmbio, ficou hospedada. Contou que sua irmã também ficou hospedada na casa de uma família em um país no exterior. Contou que ela e a mãe odiaram a experiência de ter esta garota morando em sua casa.

Desta forma, pôde-se refletir sobre as vivências vinculares deste núcleo familiar, pois esta participante sinalizou que muitos ambientes não eram utilizados e os que seriam de uso comum eram pouco usados. Relembrou, por exemplo, que quando o pai precisava conversar com as filhas, o fazia do corredor, em frente ao quarto de ambas. A experiência, por exemplo, de ter uma pessoa diferente residindo em sua casa (intercâmbio) foi desagradável, talvez sentido como uma invasão pela família da sua vida íntima. Também mencionou que os pais não utilizavam a sacada de seu quarto, como se, simbolicamente, não abrissem “as janelas” para o mundo exterior. Explicita Eigner (2014, p. 23)

Em comparação com a casa, concebemos as paredes, portas e janelas como uma pele que protege nossa privacidade em relação ao mundo, como faz a primeira camada da pele psíquica. Mas as paredes também funcionam como se tivessem uma segunda camada psicológica, que promove nossas relações intersubjetivas com as pessoas que moram conosco. Desta maneira, esta capa protege a intimidade.

Portanto, em seu relato, a participante 3 salientou primeiro o muro que os ocultavam do mundo exterior, porém também mencionou vários espaços pouco utilizados pela família (como o térreo), espaços que seriam dos pais (escritório) apenas um desfrutava, e espaço da família, como a sala de televisão, os quais as duas filhas raramente utilizavam. Quando a participante 3 terminou seu relato, saiu do grupo, não estando, portanto, presente quando as outras participantes realizaram a apresentação de sua ilustração.

Como foi solicitado aos membros do grupo realizassem o desenho da planta da casa de sua família de origem, mesmo se não residissem mais neste local, a participante 1 realizou o desenho da casa dos pais, a despeito do fato de naquele momento não morar mais na casa deles e nem em sua cidade natal. A escolha dos materiais pela participante 1, como no primeiro encontro do grupo, ficou restrita a papel sulfite e lápis grafite, embora tivessem sido disponibilizados outros materiais gráficos, como lápis de cor e giz de cera.

Diferentemente da atividade anterior, efetuou sem muita hesitação, de maneira mais livre e fluida seu desenho, sem precisar efetuar indagações a respeito da atividade. Porém, ainda estava presente um certo embaraço, notável principalmente em seu relato posterior. Sua ilustração e subsequente apresentação começou pela parte externa da moradia. Traçou os contornos da rua, de uma árvore na calçada, que depois declarou que era significativa em sua história, pois havia ficado muito tempo embaixo dela, conversando com a mãe e a família.

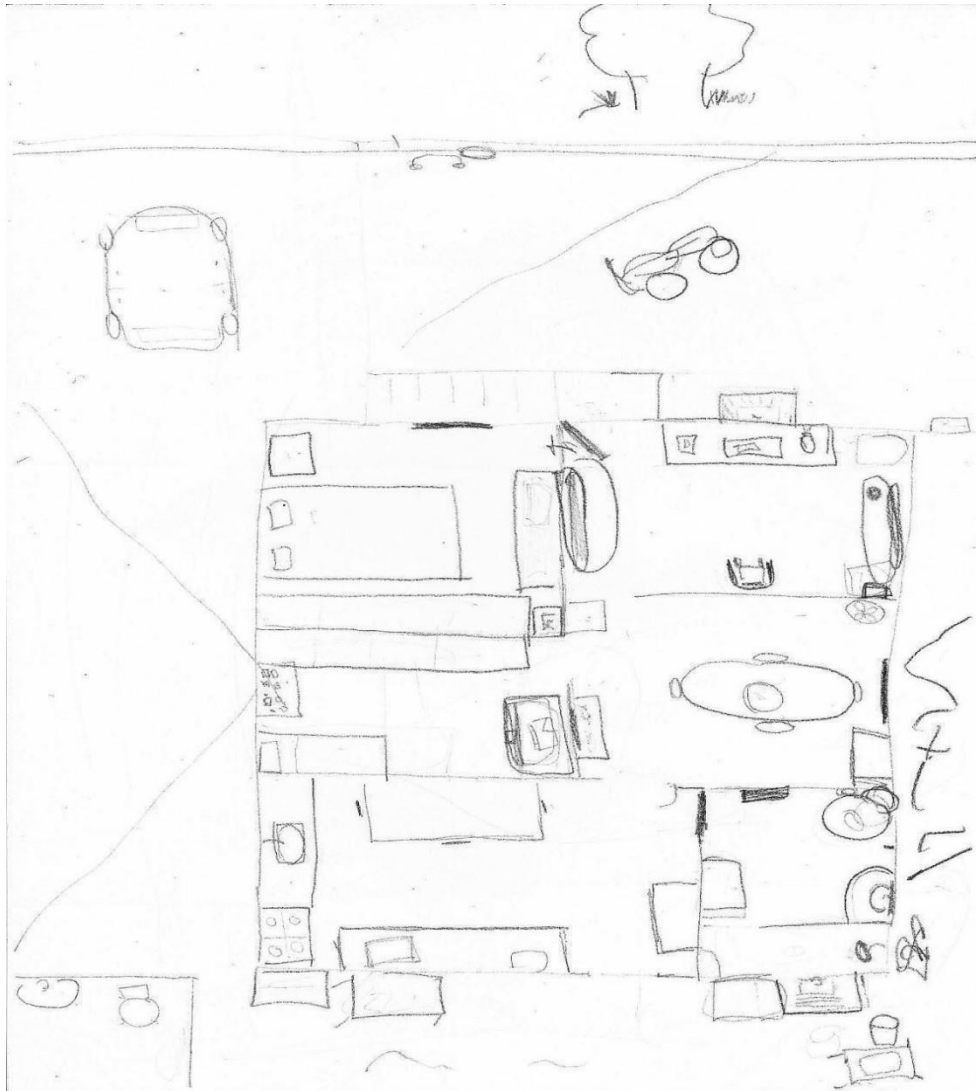


Figura 6 – Espaçograma Participante 1

Com isso, seu relato, como sua confecção do desenho, continuou pela parte externa, relatando em suas palavras “um monte de tranqueira” que os pais iam acumulando, como por exemplo uma janela que sobrou de uma construção de um amigo do seu pai e este guardou, em razão de que poderia precisar um dia. Também mencionou a desorganização da mãe, das coisas que essa, da mesma forma que o marido, deixava jogadas no fundo da casa, como os baldes na lavanderia. A todo momento de sua descrição, a participante demonstrou desconforto em relação à maneira com que os pais mantinham a organização desta casa.

Sobre este recurso mediador, ele “representa uma projeção inconsciente do espaço psíquico individual e familiar e ... permite visualizar a organização dos vínculos interpessoais” (Dominicis, 2019, p. 250). Assim, são considerados os sentimentos de desconforto desta participante, perceptíveis em seu relato, o que remete à questão de uma desorganização física que se estenderia aos vínculos desta família. Na entrevista devolutiva, mencionou que não havia privacidade, era como se não houvesse uma separação em espaços individuais. Ademais, mencionou o processo de se separar dos pais, que tinha começado, porém não sabia se deveria mesmo se separar deles.

Voltando a sua ilustração, desenhou uma escada na frente da casa e uma gaiola de calopsita, que ficava na parte exterior da casa. A porta da casa foi representada aberta, sendo bem descritiva nas coisas que tinha na casa: “na sala tem uma mesa com uns porta retratos e uma flor, a televisão, os sofás, o ventilador”. Falou sobre os cachorros e como isso incomodava a ela e sua mãe, já que um cachorro dormia no sofá, e o outro tinha uma cama ao lado deste, e que o pai tratava os dois “como se fossem gente”. A porta do quarto dos pais ficou, no desenho, atrás da porta da sala. Já sua porta também foi desenhada aberta. Sobre esta, disse que era uma porta de correr, e que estava quebrada, mas que ainda conseguia fechar.

Na descrição que foi realizando de sua casa da infância, as portas ganharam destaque. Começou retratando a porta da sala de estar, que quando aberta impedia a entrada no quarto dos pais, e a porta de seu antigo quarto, ficando a impressão de falta de privacidade.

De acordo com Dominicis (2019, p. 252), “O espaçograma familiar permite a visualização dos limites ou falta deles, das rupturas, dos vazios da possibilidade de comunicação com o exterior, os impedimentos da circulação, os acúmulos”. Podemos

refletir com esta citação de como esta família é estruturada, já que o desenho apresentou imagens de janelas, de portas abertas, o que demonstra um espaço permeável, fluido, sem delimitação de limites. A participante ainda lembrou que sua mãe guardava coisas delas em seu quarto de dormir, que entrava neste local de maneira constante. O que simbolizava, inclusive, a falta de privacidade dos membros da família.

Além disso, a questão dos acúmulos ficou evidenciada neste recurso e, na narrativa da participante o desconforto novamente estava presente, o que foi apontado pela pesquisadora e confirmado pela jovem. Afora os materiais que ficavam na parte externa da casa, e que não tinham utilidade, também mencionou algumas coisas que estavam quebradas, porém que ainda permaneciam na casa. Deste modo, declarou que dois aparelhos domésticos estavam quebrados há anos, contudo, os dois hoje eram utilizados como armários (guardam algumas coisas dentro de cada um deles).

Ao fazer a descrição de sua casa da infância, surgiram dados sobre a gravidez da participante 1, de como esta família foi constituída. Deste modo, foram evidenciados elementos que possibilitam uma reflexão sobre a dinâmica da família. Pois, ao continuar seu relato sobre a vida familiar, descreveu a casa na qual seus pais residiram quando se casaram, informando que esta foi construída por eles, mas não construíram um segundo quarto, isto é, não havia espaço para um filho. Entretanto, sua mãe havia engravidado “sem querer”, de maneira que o casal acabou se mudando para uma casa na frente desta primeira.

Porém, esta casa ainda se mostrava importante, pois neste terreno atualmente morava a avó e havia o espaço de trabalho da mãe. Frente à dificuldade dos membros do grupo entenderem como se localizavam estas três construções, a participante 1 desenhou no verso da folha, conforme figura a seguir.

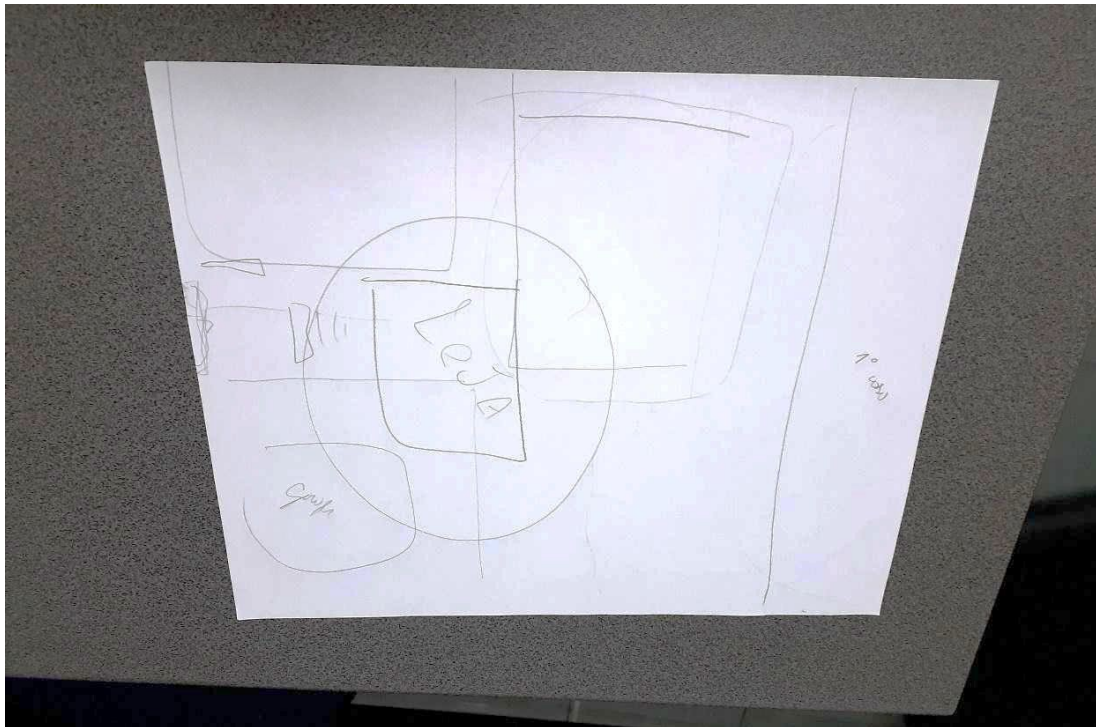


Figura 7 – Ilustração do terreno de sua primeira residência - Participante 1

Deste modo, no começo da vida conjugal os pais foram morar nesta casa, que eles construíram para este propósito. Porém, logo após o casamento a mãe engravidou dela sem planejar, sendo que não havia espaço físico para ela nesta casa. Assim, os pais resolveram se mudar para uma outra casa, alugando uma residência na frente desta primeira casa do casal. Este primeiro terreno ainda era utilizado: a mãe tinha um comércio em um prédio adjacente ao atelier de costura da avó, havia a casa dos pais que estava alugada para uma outra família e havia mais uma casa no quintal na qual moravam a avó e uma neta, que não tinha laço biológico com eles (ela era filha do seu enteado).

Por fim, a participante 2 teve maior dificuldade em realizar a atividade, terminando por último seu desenho, e, por escolha própria, foi a última a falar sobre sua ilustração.

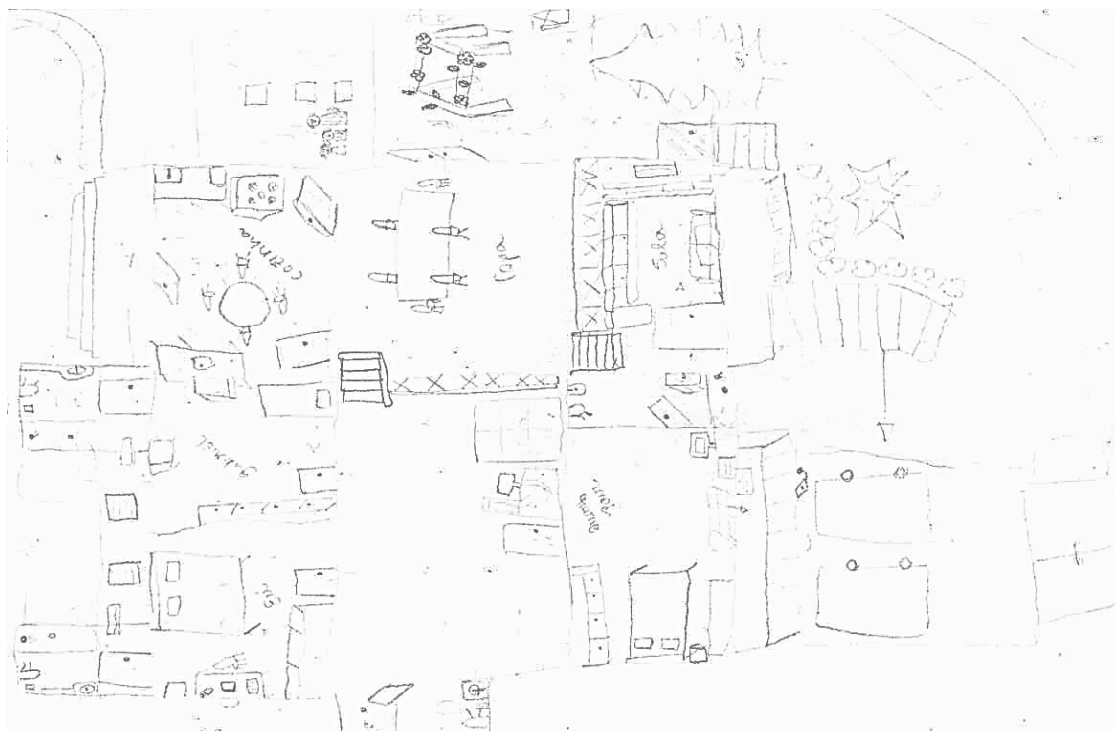


Figura 8 – Espaçograma Participante 2

Começou descrevendo a parte externa da residência, falou sobre árvores, um coqueiro e um pinheiro bem grande que faziam parte do quintal da casa. Apontou que o pai também guardava objetos que não usavam mais e que acreditava que poderiam ser úteis um dia, fazendo referência ao pai da participante 1, que também tinha este costume. Aqui observa-se o trabalho psíquico da intersubjetividade:

Com efeito, quando os membros de um grupo falam, seus enunciados sempre se situam no ponto de junção de duas cadeias associativas: uma, própria a cada um, é comandada pelas representações-fins individuais; a outra é formada pelo conjunto de enunciados e é comandada pelas representações inconscientes organizadoras dos vínculos de grupo (Kaës, 2011, p. 72).

Portanto, a participante 2 trouxe em suas associações elementos presentes no discurso da participante 1, como por exemplo a árvore mencionada pelas duas, o

acúmulo de objetos pelos pais, e também o cachorro, que também confessou desenhar após a outra jovem ter falado. Há, desse jeito, um processo associativo grupal, que apresenta pontos de amarração que mantêm juntas as psiques, e são pontos de passagem de uma subjetividade a outra e permite a sua transformação (Kaës, 2011).

Continuando com a descrição da casa, havia assim um porão, na parte inferior da casa, onde estes itens eram guardados. O quarto dos pais ficava em cima dessa dependência da casa. Para entrar era necessário subir uma escada, entrando pela sala. Desta sala de estar era possível visualizar a copa, já que havia uma parte vazada, com “umas gradezinhas”. Ao explicar o desenho, foi descrevendo que sua casa apresentava um desnível no terreno. Havia, deste modo, mais uma escada que subia para a copa e outra escada para chegar no corredor, que dava acesso aos quartos.

Diferentemente da casa da participante 3, na qual havia espaços privativos claros, a participante 2 morava em uma residência com muitos espaços em abertos, vazados, grades, declines da construção da casa que possibilitavam que de um cômodo pudessem se enxergar outro (da sala, por exemplo, conseguiam ver a cozinha). A impressão seria de uma família com uma comunicação maior com o mundo exterior, e pouca comunicação entre si. Este dado pode ser inferido de seu relato, por exemplo, que todos ficavam muito tempo fora de casa, quando faziam refeições juntos era na sala de estar, assistindo televisão, ou seja, transparece a pouca convivência desta família.

Neste corredor existia um banheiro que era utilizado pela sua mãe, que o empregava para fazer maquiagem. Explicou que antes ela acordava bem antes que seu pai e vinha se arrumar nesse banheiro, ao invés de utilizar o banheiro do seu quarto. Hoje ainda era utilizado para este propósito, e a participante também utilizava este espaço: “vou secar cabelo neste banheiro”. Ainda explicando sobre este corredor,

referiu que havia lá um computador, mas que não era mais utilizado, já que havia ganhado um *notebook* quando entrou na faculdade. Havia, neste local, as portas para os três quartos.

Sobre o irmão, indicou que ele estava cursando a universidade em outra cidade, pois o curso que ele havia escolhido não era oferecido na cidade onde moravam, e, segundo sua perspectiva, também não havia campo de trabalho na cidade em questão, de modo que ele não iria voltar para a cidade. Contudo, ele continuava se deslocando todo fim de semana para casa paterna, visto que não gostava da cidade onde residia, além do fato de seus amigos serem da localidade. Apontou que o irmão tinha ciúmes porque seus pais haviam arrumado o quarto dela, comprado outros móveis, e tendo comentado: “Até andei conversando com minha mãe, e ela disse que meu irmão sempre teve ciúmes”.

Na cozinha havia uma porta que descia para o fundo da casa, onde havia novamente uma escada. No quintal desenhou seus cachorros “porque gosto muito deles”, porém, segundo seu relato, desenhou estes depois que a participante 1 mencionou seus animais de estimação. Também no quintal, descreveu uma churrasqueira, e tinha um quartinho que seu pai utilizava “porque ele gosta de construir as coisas”. Descreveu a pérgola que seu pai tinha construído e que naquele momento tinha uma trepadeira em volta.

Mencionou que no fundo de sua casa algumas coisas ainda estavam em processo de construção, como a churrasqueira e um banheiro. Recordou a construção de banheiros separados para ela e o irmão, visto que inicialmente utilizavam o mesmo aposento, e depois foram construídos banheiros adjacentes aos seus quartos. Contudo, relatou que esta edificação demorou uns quatro anos para ser finalizada. Comentou que

“nós vamos construindo as coisas devagar”, já que ainda não havia sido encerrada a reforma, faltando pintar a parede do banheiro do irmão.

A participante 1 revelou que sempre houveram planos para reformar a casa de seus pais, o que aconteceu pela metade, de maneira que a parte posterior da casa era de madeira, e a parte anterior (que passou pela restauração) era de alvenaria. Sua mãe, de acordo com seu relato, gostaria de reformar, melhorar a habitação, contudo seu pai era muito acomodado, e por isso as coisas continuavam iguais. Expressou seu incômodo, contando que acreditava que esta composição da casa não a incomodava (metade madeira/metade alvenaria), porém conseguiu perceber que desde a infância isso era motivo de vergonha para ela.

A participante 2 voltou a abordar a estrutura de sua casa, mencionando que a cozinha não era um local frequentado pela família, já que todos acabavam almoçando na sala vendo televisão. Apontou que isso a importunava, seguindo a cadeia associativa aberta pela participante 1 de coisas que causavam incômodo. Deste modo, apontou a dificuldade de comunicação presente em sua família, mencionado que já tinha pensado muito sobre isso, porque a família não conversava muito. Porém, informou que na atualidade não almoçava durante a semana em casa, ficava na universidade, e o pai, por causa de seu serviço, também quase não almoçava em casa.

Partindo desta mesma linha de associação, de uma distância da família por causa da entrada na universidade, a participante 1 mencionou a mudança de cidade, e como estava namorando, não ia mais todos os fins de semana para a casa de seus pais. Revelou que na atualidade se sentia muito mais incomodada frente à falta de privacidade na residência paterna, que conseguia avaliar melhor, pois hoje tem sua casa e experiência de como outras famílias vivem.

Observou-se haver um fio condutor que viabilizou a articulação entre o processo psíquico destas duas participantes. Assim, partindo do tema da construção, de melhorias da residência, foram tecidas associações afins, fazendo-se pensar na cadeia associativa grupal (Vacheret, 2015) e no potencial que intervenções grupais podem apresentar.

Terceiro encontro: desenho-estória com tema “A família do terapeuta”

No terceiro encontro, foi explicado o procedimento do desenho-estória com tema e solicitado um desenho da família pessoal dos participantes. Pediu-se que no verso da folha fosse escrita a história. A participante 1 fez sua atividade de maneira espontânea, com segurança, sem necessitar de outras informações, como aconteceu no encontro anterior. A participante 3 também começou de imediato seu desenho, a princípio desenhando os membros da família, que depois foram envolvidos por um coração, com a casa nos fundos. Escreveu a história no verso da folha e voltou para a ilustração, fazendo flechas que apontavam para algumas atividades que cada um gostava.

Já a participante 2 ficou alguns minutos pensando no que desenhar, tendo começado seu desenho após os outros membros do grupo. Por conseguinte, encerrou posteriormente sua produção, deixando que os demais falassem primeiro sobre suas próprias ilustrações, momento em que a participante ficou pintando seu desenho.

O procedimento utilizado neste encontro (Desenho-estória com tema) foi formulado para ser um procedimento clínico tanto investigativo quanto interventivo. Deste modo, pode ser empregado em pesquisas dentro do referencial teórico da psicanálise, como também tem como objetivo possibilitar comunicações emocionais nos participantes, consoante a uma proposta terapêutica (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2013). Destaca-se que este dispositivo é considerado como “mediadores da experiência emocional” (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 201, p. 280), ajustado aos pressupostos teóricos dos recursos mediadores abordados por Vacheret (2015) e Kaës (2011).

Portanto, ao empregar este procedimento temático, dentro do objetivo desta pesquisa, buscou-se desenvolver condições propícias à emergência de conteúdos psíquicos relacionados a vivências familiares. Assim sendo, neste encontro específico

foi focalizada a família das participantes, partindo da premissa que a formação em terapeutas de casal e família, dentro da abordagem psicanalítica, pressupõe o manejo do par transferência/contratransferência e “o terapeuta pode estar inconscientemente se mobilizando por uma dinâmica de seu grupo familiar interno, que se une a situações do grupo em atendimento” (Correa, 1992, p. 66). As três participantes trouxeram, portanto, elementos significativos da história do seu núcleo familiar, o que possibilitou reflexões sobre a dinâmica de funcionamento existentes.

A participante 1 foi a primeira a relatar a sua atividade, tendo começado explicando que desenhou uma foto tirada em um aniversário, quando já residia na cidade no qual fazia faculdade. Porém, este desenho acabou sendo uma combinação de vários outros momentos, pois o vestido desenhado era um presente de outro aniversário. Desta maneira, neste encontro o tema de seus aniversários foi o fio condutor de suas lembranças familiares, de suas associações.

O conceito de associação livre é muito significativo neste contexto, já que “Entendemos que a clínica psicanalítica encontra na associação livre uma condição de possibilidade fundamental. Somente no curso de uma cadeia associativa, a realidade psíquica pode se dar a conhecer e ser transformada” (Castanho, 2016, p. 2). Como neste encontro grupal foi utilizada uma atividade prévia, um recurso de mediação centrado na família, ocasionou associações correlacionadas à história pessoal e familiar das participantes. Por conseguinte, foram os desenhos realizados que desencadearam, nas participantes, associações relacionadas a histórias familiares.



Figura 9 – Desenho estória com tema “A sua família” Participante 1

Deste modo, começou descrevendo o aniversário de 18 anos, o primeiro em que não morava mais na casa dos pais, mas sim em outra cidade. Os pais foram ao seu encontro e salientou a importância desta nova tradição, os pais irem até ela, na cidade em que ela residia, no dia do seu nascimento, momento no qual ela poderia escolher a comemoração. Contudo, lembrou que ao voltar no fim de semana para sua cidade natal, fez uma festa para os amigos. Indicou que os pais reclamaram do barulho que os convidados estavam fazendo, o que ocasionou desentendimentos entre os membros da sua família.

Referiu que talvez por este motivo não gostava mais de fazer comemorações de aniversário com festas. Tendo como fio condutor a imagem de seu aniversário, foi lembrando comemorações anteriores, quando era criança, nas quais os pais, que sempre tiveram muitos amigos, os chamavam para irem, sendo que ela nunca podia chamar seus próprios colegas. Relatou, deste modo, que eram mais os convidados do pai que compareciam, e sentia que nunca podia decidir como seria sua festa. Apareceu aqui,

novamente, a dificuldade sentida por esta jovem em poder se expressar, e também, ter seus desejos ouvidos, em seu ambiente familiar. Leu a sua história, que relatava aniversários após os 18 anos.

História - Participante 1

Era meu aniversário de 19 anos e como eles fizeram no de 18, e 20, 21, foram até onde eu estava. Fomos ao *shopping* >>>>>>, e lembro de uma foto que tiramos que tenho até hoje. Em outro aniversário, o de 20 anos, ganhei um vestido roxo lindo que eu amo e fomos ao restaurante japonês. Sempre no meu aniversário posso escolher o que vamos fazer e fazemos juntos.

Portanto, a ilustração estava representada uma dessas comemorações e a história subsequente também se deteve em seus aniversários. Assinala-se como no desenho retratado estavam condensados aspectos de outros aniversários (como o vestido representado na ilustração), algo que desencadeou outras associações, já que “...as mediações utilizadas nos processos terapêuticos de grupos de mediação são os herdeiros do sonho, elas são os meios de restaurar a capacidade de sonhar” (Kaës, 2005, p. 50). Assim, a partir do objeto mediador, como os sonhos, promove-se o fenômeno da condensação de conteúdos, nas imagens, algo que funcionaria como uma forma de acesso diferenciada aos conteúdos inconscientes. É, deste modo, com a cadeia associativa desencadeada pelas imagens que é possível acessar uma rede de conteúdos vinculados à história desta participante.

Ela indicou que, mesmo existindo uma escolha sua, esta ficava condicionada à sua mãe, ao que ela gostaria, já que não conseguia contrariá-la. Para a psicanálise “...o

tempo da vida atual com seus desafios relacionais contemporâneos pode estar ligado ao tempo da infância e dos conflitos que o acompanham” (Vacheret, 2015, p. 104). Diante do exposto, a participante apreendeu algo sobre a dinâmica de sua família, primeiro acerca da dificuldade em sua infância de se expressar, porém indicou que hoje ela conseguia se exprimir e este fato, de alguma maneira, havia possibilitado fazer escolhas próprias.

Assim, por meio deste recurso mediador, da produção de um desenho-estória com tema sobre sua família, a participante 1 pôde refletir sobre aspectos de suas vivências familiares, pois permitiu a expressão de pensamentos e sentimentos. “Assinala-se que a oferta dos materiais artísticos facilitou a compreensão acerca de aspectos da dinâmica familiar que talvez não fossem visíveis por meio apenas do discurso verbal, como apontado pela literatura em arteterapia” (Sei, 2009, p. 116). Portanto, algo foi desvelado ao seu criador, elucidando aspectos de sua história e de seus sofrimentos.

Neste momento, trouxe novamente a questão de não ter voz na sua casa (mencionado na entrevista individual), de como isso acontecia quando era criança, e mesmo acreditando que conseguia hoje se colocar, expressar suas ideias, opiniões pessoais, isso acontecia mais com o pai e, na maioria das vezes, de maneira conflituosa. Já com relação à mãe, declarou ter medo de decepcioná-la, de deixá-la mal, e por isso acabava não se posicionando com ela, em muitos momentos se calando para não a contrariar.

Salienta-se que “É o ponto crucial, a partir do qual o sujeito, em seu processo de subjetivação, deverá assumir seu lugar e se apropriar do sentido de seu próprio desejo em relação aos seus predecessores” (Correa, 2013, p. 49). Havia, portanto, uma

dificuldade, reconhecida pela participante 1, em se posicionar frente aos desejos parentais. Os estudos sobre as modalidades de transmissão geracional discutem como ocorrem a constituição do sujeito no vínculo. Autores como Kaës postulam a formação desse sujeito, para além do aspecto intrapsíquico, também no lugar em que ele assume em seus vínculos intersubjetivos (Lemos & Neves, 2019).

A participante 3 foi a segunda a discorrer sobre a atividade proposta e confessou que representou apenas as coisas boas em sua ilustração, e ficou pensando se talvez deveria acrescentar outras coisas, como defeitos dos familiares. Mencionou que no desenho todos estavam sorrindo e que acreditava que as atividades acabavam não mostrando situações difíceis, acontecimentos que ela há muito tempo não pensava. Entretanto, a partir da confecção deste desenho, nota-se que foi possível à participante, por meio de suas associações, relembrar essas histórias conflituosas entre os familiares.

Portanto, ressalta-se que neste encontro grupal foi possível entrar em contato com conteúdos de difícil acesso, pois confessou que eram acontecimentos que se esquecia, que havia muito tempo não recordava. Houve, deste modo, uma diminuição da censura, fato apontado por teóricos vinculados à arteterapia, que argumentam que os recursos expressivos, como o desenho, possibilitam o acesso ao inconsciente, já que “quando os pacientes visualizam tais experiências internas, ocorre frequentemente que elas se tornam mais articuladas verbalmente” (Naumburg, 1981, p. 388). Assim, o desenho, dentro de um *setting* terapêutico, propicia uma verbalização mais fluida, sem as barreiras da censura. Foi nítida a mudança nesta participante, que estava mais presente neste grupo, trazendo conteúdos de sua história familiar. A resistência desta participante foi sentida nos dois primeiros encontros, já que no primeiro ficou um tempo

no celular, e no segundo saiu mais cedo, não participando das discussões desencadeadas pelos recursos.



Figura 10 – Desenho-estória com tema “A sua família” Participante 3

Portanto, com a representação da família, e o posterior relato pela participante, foi visualizado como esta compreendia o funcionamento de seu núcleo familiar. Entende-se que o emprego deste recurso (desenho da família) permite “apreender qual a família internalizada pelos familiares, como cada membro da família era representado, quais eram inseridos e/ou excluídos da representação, qual o posicionamento das pessoas e os atributos designados a cada um” (Sei, 2009, p. 66).

Descreveu que desenhou primeiro ela, depois o pai, a mãe e por fim a irmã (da esquerda para a direita). Representou ocupações que eles gostavam, como por exemplo a irmã que amava viajar e cozinhar, a sua mãe que apreciava viajar e comprar (avião e sacolas). Já seu pai tinha como atividades preferidas a pescaria. Apontou que ele não gostava de viajar como elas, para o exterior, por exemplo. Logo, ele gostava de ir pescar

ou de viajar para a praia, itinerário para o qual iam todos os anos, os quatro juntos. Referiu que ela também amava viajar, e também amava o sol, a praia.

Constata-se que, ao assinalar atributos específicos a cada um dos membros, houve uma tentativa de similaridade de predileções, de aproximação entre eles, isto é, de que houvesse um ponto em comum, de compartilhamento. Assim, referiu que todos gostavam de viajar, mesmo apontando que o pai não apreciava da mesma maneira que elas (mãe e filhas). Mencionou que representou em seu desenho apenas situações felizes, porém pensou em escrever outras coisas no desenho, como brigas, desentendimentos. Com isso, após contar as partes positivas conseguiu mencionar momentos difíceis da história da vida familiar. Leu, neste momento, a história escrita no verso da folha.

História - Participante 3

Família >>>>>>>>, uma família que tem suas dificuldades, assim como todas as outras, cada membro da família tem sua personalidade, qualidades e defeitos.

>>>>>> o pai, é o mais bravo, e ao mesmo tempo tem o coração mais mole e mais bondoso, faz de tudo pela sua família e é um ótimo cozinheiro, >>>>>> a mãe, é meiga e gentil, tenta conciliar os problemas passivamente, trabalha o dia inteiro e chega em casa disposta para fazer janta e organizar a casa, assistir um filme ou conversar com suas filhas, >>>> a filha mais velha, é a mais organizada, faz faculdade e tem seu trabalho, adora passar o tempo com a família, mas também gosta de passar o tempo com namorado e amigo. >>>>> a filha mais nova sempre foi mais bagunceira e arteira, mas é dedicada, esforçada, e sempre consegue o que quer.

Uma família que também briga, se desentende, mas que na maioria do tempo é feliz,

se amam e amam fazer viagens e estar na companhia um do outro.

Sobre a dinâmica familiar, tem-se Zuanazzi e Sei (2014), que indicam que “A família é atravessada por diversas identificações projetivas cruzadas, onde a cada membro é delegada uma tarefa, ou seja, algumas atribuições de lugares que devem ocupar, papéis que devem executar e expectativas que devem atender” (p. 18). Ficou nítido esta delegação de tarefas, de lugares para cada integrante desse núcleo familiar. Mesmo que em seu desenho coloque viajar como uma predileção de todos na família, na entrevista inicial identificou o pai com a irmã e ela com a mãe. Ressalta-se que Kaës (1998) considera a identificação como o principal mecanismo envolvido no processo de transmissão psíquica entre gerações.

Então, acreditava que esquecia de outras situações, outros momentos da história familiar e lembrou acontecimentos difíceis, como por exemplo o tempo em que os pais se separaram ou quando o pai ficou morando fora de casa a trabalho. A separação conjugal ocorreu quando era pequena, contudo não se recordava quantos anos tinha nesta época. Esta briga entre os pais aconteceu devido à uma traição do marido. O que ficou marcado, desta situação, foi sua mãe sofrendo, e lembra que ela nunca havia escondido nada delas (sua e de sua irmã). Lembrou que quando o pai ia buscá-las, ela pegava o celular dele para ligar para a outra mulher e xingá-la. Também rememorou um dia no qual seu pai foi na casa da família e sua mãe não estava se sentindo bem, tinha chorado, e a empregada, que sempre havia sido muito quietinha e nunca havia se intrometido nas questões familiares, mandou-o embora.

Ao contar sobre a empregada, explicou que ela foi sua babá, que começou a trabalhar com sua família quando tinha 17 anos. Lembrou que adorava voltar para casa

para brincar com ela e sua irmã. Porém esclareceu que: “não é que minha mãe não cuidou de nós e fomos criadas pela babá”, referiu que sua mãe trabalhava, mas sempre tinha cuidado delas. Esta babá já tinha sido mencionada em outro momento (segundo encontro, espaçograma), o que demonstra uma importância a este vínculo afetivo.

Outra situação rememorada aconteceu quando estava no ensino médio. Neste momento, seu pai morou por dois anos em outra cidade a trabalho. Mencionou que não queria que ele voltasse, pois ele era muito bravo. Referiu que este cenário se transformou, pois hoje conseguia conversar com o pai. Nas duas situações rememoradas, o pai apareceu enquanto o causador dos conflitos familiares. Nota-se, portanto, que este recurso favoreceu o acesso a conteúdos familiares de ordem conflitiva. Em sua entrevista devolutiva, esta participante mencionou, sobre sua estrutura familiar, que “as coisas são muito claras, só que não são ditas, não sei se isso faz sentido, mas...”. Este encontro grupal viabilizou, portanto, expor alguns eventos, fatos ocorridos que permaneciam no campo do não dito.

Também em sua entrevista devolutiva, expressou a angústia sentida na realização dos recursos artísticos-expressivos, indicando o desenho-estória com tema “a sua família” como um dos mais difíceis. A complexidade estaria em representar seus sentimentos no desenho. Importante mencionar que nas duas primeiras atividades delineadas (genograma e espaçograma) expressou frases como: “no papel tudo é bonito”, como se nestes desenhos ela não conseguisse exteriorizar de fato o que passava em sua família. Como na terapia familiar de base psicanalítica, a utilização de recursos, como os desenhos, privilegia a sua dimensão projetiva, foi possível observar a emergência de materiais inconscientes da trama familiar internalizada (Correa, 2013).

A participante 2 inicialmente descreveu o desenho que fez, mencionando todos os familiares desenhados, em ordem da esquerda para a direita: ela, pai, mãe e irmão. A família foi representada de mãos dadas, demonstrando a união familiar.



Figura 11 – Desenho-estória com tema “A sua família” Participante 2

No fundo, à esquerda, fez a casa da família, desenhando, como forma de destacar, a sala de televisão, que era o espaço da casa no qual os membros familiares mais permaneciam juntos. Também desenhou uma mesa de jantar, o sofá e a televisão, e os cachorros. Atrás dos quatro membros, desenhou um guarda sol e um sol, representando a praia, viagem que já haviam feito juntos.

Do outro lado do desenho, na direita, explicou que desenhou coisas que gostaria de fazer com a família, de poder viajar, estar mais próximo deles. Disse que a situação financeira familiar não permitia que fizessem muitas viagens, costumando geralmente ir à praia, em época de férias escolares (dezembro). Fez ilustração de barracas e fogueiras,

e o céu com estrelas e a lua, representando a noite. Falou do desejo de poderem fazer outras viagens juntos, de irem acampar, situação que nunca havia ocorrido.

Ressalta-se que: “O produto da criação artística é sempre um espelho que reflete e refrata de modo mais ou menos distorcido aquele que o criou, pois nele ganham forma seus desejos, emoções, sentimentos e ideias” (Reis, 2014, p. 156). Deste modo, este desenho foi representativo da concepção que esta participante tinha de seus vínculos familiares. De um lado foi retratou ambientes nos quais os membros estavam juntos (sala de televisão, praia). Entretanto, demonstrou seus desejos de proximidade, de haverem mais momentos compartilhados em família.

História - Participante 2

Era uma vez uma família unida, que se amava muito, se cuidava ao extremo, mas muitas vezes se conheciam pouco. Era a vida corrida, do trabalho, dos estudos, de sair com amigos, de cansaço, e de rotina que conduzia a vida dessa família e às vezes tirava o tempo de convivência, de momentos únicos, de memórias. Mas essa família resolveu sair da rotina de cada dia, se permitiu experimentar novas coisas, lugares e momentos, e a união que já existia, somente se tornava mais concreta, e cada momento vivido, independente do tempo que passasse, ficaria marcado, nas lembranças e sentimentos vivenciados, e mais família essa família se tornaria.

Deste modo, em sua história surgiu nitidamente seus desejos, de maior união. Refletiu sobre não conhecer profundamente sua família, quais eram seus desejos e aspirações, se eles tinham sonhos e não conseguiram realizar, quais eram, naquele momento, seus objetivos para o futuro. Sentia-se mais próxima do irmão, conversavam

bastante, porém ele havia começado a faculdade, indo morar em outra cidade, e acabaram se afastando.

Ao expressar seu desejo de proximidade, de conversar com os pais e poder conhecê-los melhor, disse que havia tentado, em muitos momentos, promover que eles jantassem juntos, saíssem para algum lugar, porém “falam que estão cansados”. Se comparou com os outros membros do grupo, ao dizer que pressupunha que seus pais nunca haviam tido muitos amigos. Descreveu sua mãe como quieta, fechada, contando de jantares em que compareciam, geralmente de colegas do trabalho do pai, no qual os três, ela, mãe e irmão ficavam juntos, sem se enturmar com os demais. O que era colocado por sua mãe era “que não tinha muito o que conversar com as outras mulheres”.

A proposta de utilização de recursos artísticos-expressivos, como o desenho da família delineado neste encontro grupal, proporcionou a visualização da dinâmica desta família, isto é, mostrou a dificuldade de comunicação que permeia seus membros. Ademais, compreende-se que na prática clínica de casal e família o emprego desses recursos, enquanto uma estratégia terapêutica, poderia favorecer o contato entre os familiares. Isto acontece porque estas intervenções forneceriam subsídios para reflexões sobre as vivências familiares (Sei, 2009), além de ser um facilitador que traz à consciência conflitos ou sofrimentos da ordem do não dito (Franco & Sei, 2019). Isto acontece porque os objetos mediadores possibilitam um pensamento em imagens, mas que pode ser transformado de pensamento em ideias, “Isso tudo sob a condição de que a fala acompanhe a experiência de mediação” (Kaës, 2005, p. 50).

Na entrevista devolutiva pontuou que seu desejo de maior união e proximidade com a família pudesse estar conectado com ela, com seus sentimentos e maneira a partir

da qual via as situações, tendo assinalado alguns medos concernentes a ficar sozinha. Pode-se hipotetizar que isso já acontecesse, que houvesse um afastamento da família e ela estivesse, de fato, sozinha. Isto é, que os vínculos familiares fossem distantes, como apareceu em seu relato neste encontro grupal.

Sobre o pai, indicou que nestes eventos sociais ele acabava fazendo uso de bebidas alcoólicas de maneira excessiva, o que incomodava esposa e filhos. Sobre esta situação, referiu que no momento a mãe pedia que ela e seu irmão interviessem, conversando com o pai sobre o assunto. Porém, como seu irmão era mais fechado, retraído, ficava a encargo da participante conversar com o pai. Anteriormente a mãe se posicionava sobre o assunto, dizendo o quanto o pai ficava inconveniente com o uso da bebida, contudo “agora parece que cansou, quando fala é mais brigando”.

Ao escutar os relatos de outras participantes, que descreveram seus relacionamentos com os pais, a participante 3 declarou que os pais sempre fizeram questão de as levarem nos churrascos com os amigos. Em sua opinião, os pais gostavam de mostrá-las, lembrando uma vez que foram as duas irmãs, as únicas filhas em um jantar na casa de um amigo da família. Referiu que elas compareciam a estes eventos, porém sem ficarem com os pais. Geralmente, as duas irmãs ficavam juntas e conversando entre si. Hoje, diferentemente do que acontecia quando era criança, conversava com os amigos dos pais, segundo seu relato: “permanece mais junto, de igual”.

Sobre estas festividades, lembrou uma situação acontecida quando era criança, na qual seu pai havia determinado que ela não poderia emitir sua opinião, pois não sabia o que estava acontecendo, afirmando que aquele era um assunto de adultos. Contudo, mencionou que atualmente expunha seus pontos de vista para seus pais. Neste momento

do encontro grupal, ficou nítida a referência à participante 1, que em diversos momentos retratou a dificuldade em se expressar em sua família, de não ter voz. Novamente aponta-se que o uso destas técnicas mediadoras estimula os processos associativos, no qual “o discurso associativo no grupo se organiza de tal modo que cada sujeito atrela ou desatrela suas próprias representações das dos outros” (Kaës, 2011, p. 72).

Por fim, mencionou que hoje tinha um costume, que considerava muito legal, que era comer sopa e tomar vinho com a mãe e a irmã. Colocou que pai não gostava de vinho, portanto não participava, e que, em várias ocasiões, havia deixado de sair com os amigos para ficar em casa com elas.

Na entrevista devolutiva a participante 1 indicou este encontro como muito significativo, já que nos dois primeiros (genograma e espaçograma) visualizou apenas aspectos negativos de sua história familiar, e neste momento, no qual escutava as outras jovem discorrerem sobre seus relacionamentos familiares, em sua percepção trouxeram dificuldades, coisas negativas de suas próprias famílias, conseguiu perceber em seu relacionamento familiar alguns tons positivos, na qual “às vezes é uma relação ruim, mas é uma relação verdadeira”. De acordo com Vacheret:

Uma das características desta fase, do trabalho psíquico produzido nas trocas e graças às trocas intersubjetivas, é que a percepção que o grupo tem do objeto mediador se modifica. É como se nós o víssemos se transformar sob nossos olhos. Ele torna-se outro, diverge, se afina... (2015, p. 91).

Houve aqui uma nova percepção de sua família, sob um prisma mais positivo. Deste modo, neste espaço de compartilhamento, o dispositivo grupal favoreceu, em suas palavras, “um outro olhar”. Também aponta-se que este foi o único desenho que a participante 1 pintou.

Quarto encontro: Desenho-estória com tema “O atendimento psicanalítico de casal e família”

A última atividade realizada em grupo também foi um desenho-estória com tema, porém desta vez voltado aos atendimentos clínicos de casal e família. Como já tinham realizado anteriormente esta técnica, este momento transcorreu sem perguntas, iniciando prontamente as ilustrações. A participante 2, também nesta produção, foi a última a terminar, pintando enquanto as outras integrantes apresentavam seus desenhos, e falando também após as demais. A participante 1 foi a única que não pintou seu desenho. Já a participante 3 realizou a atividade sem problemas, terminando primeiro seu desenho e história, e solicitou se poderia iniciar descrevendo sua produção.



Figura 12 – Desenho-estória com tema “Atendimento Psicanalítico de Casal e Família” – Participante 3

Assim, começou descrevendo sua ilustração, na qual desenhou duas salas de atendimento, uma vez que para ela eram coisas diversas atender casal e atender família.

No primeiro quadrante retratou um atendimento de casal, pois acreditava que este era mais organizado. Também explicou que em sua representação o casal estava de mãos dadas, porque, segundo sua perspectiva, quando os cônjuges procuravam atendimento psicoterápico, tinham como objetivo resolver os conflitos existentes entre eles para continuarem no casamento.

Quanto a isso, pode-se refletir que esta seria uma concepção inexata dos motivos que poderiam desencadear a procura por esta modalidade de intervenção terapêutica, já que um dos membros do casal, por exemplo, poderia almejar a separação conjugal. Ademais, este também não seria o objetivo do tratamento na clínica psicanalítica de casal, no qual o atendimento não teria como finalidade a continuidade do casamento. Portanto, esta seria uma expectativa irreal da futura terapeuta, dado que neste cenário haveria a possibilidade do casal optar pela dissolução do vínculo conjugal, sem que isso remetesse a um insucesso da psicoterapia.

De acordo com Correa (1992, p. 66):

Com frequência observamos que alguns profissionais entram no processo com uma tendência a desempenhar papéis de “apaziguador” ou “organizador” o terapeuta pode estar inconscientemente se mobilizando por uma dinâmica de seu grupo familiar interno.

Aqui salientamos uma fala desta participante, na entrevista inicial, na qual indicou que assumia um papel de mediadora dos conflitos familiares e também do casal parental. Deste modo, voltando à fala da participante referente ao processo terapêutico do casal, existia uma convicção quanto à continuidade da relação conjugal. Ressalta-se que esta concepção pode estar vinculada à história familiar desta jovem e ao desejo que os próprios pais não se separassem, como lembrado no terceiro encontro (desenho estória com tema “A sua família”).

A compreensão de conteúdos relacionados a suas vivências pessoais poderia minimizar, em uma futura atuação profissional nesta área, atuações advindas de um desejo de perpetuação do casamento. Além disso, a apreensão desses conteúdos psíquicos e também de materiais inconscientes vinculado à sua dinâmica familiar auxiliaria na diferenciação entre as suas questões pessoais, discriminando-as das demandas trazidas pelos pacientes. Por conseguinte, o acesso a estes conteúdos, da própria herança psíquica, facilitaria a compreensão de outras dinâmicas familiares, sendo, deste modo, uma ferramenta que implementaria sua atuação nesta modalidade interventiva (Zanetti & Gomes, 2016).

Já o segundo desenho, realizado no quadrante direito, representaria um atendimento psicoterápico familiar, no qual havia mais indivíduos, isto é, pacientes, em suas palavras: “às vezes cinco, seis pessoas, por este motivo era mais bagunçado, desorganizado, as crianças permaneciam brincando, os adultos tentando falar”.

Ao observar que seu relato estava relacionado a sua experiência, a pesquisadora questionou sobre sua vivência de atender uma família de sete pessoas. Com isso, declarou que havia representado no desenho a família que estava, no momento, atendendo pelo projeto centrado nesta população (casal e família). No canto da folha, caracterizou os dois meninos que não ficavam parados, brincavam, desenhavam no quadro. Já sentado, ilustrou as mulheres dessa família, mostrando os lugares em que cada uma se sentava na sala (era na mesma sala em que o grupo estava sendo realizado). Informou que havia faltado desenhar o bebê, que ficava no colo de uma das mulheres.

A participante, ao responder à indagação sobre sua ilustração, mencionou que sua intenção, pelo menos no plano consciente, quando começou a desenhar, não era representar esta família que tinha atendido. Porém, por meio deste recurso, projetou em imagens, uma comunicação simbólica dos sentimentos experimentados neste primeiro atendimento, de confusão e desorganização. Isto acontece porque: “suas imagens podem, como nos procedimentos psicanalíticos, lidar também com os dados de sonhos, fantasias, devaneios diurnos, medos, conflitos e memórias infantis” (Naumburg, 1981, p. 388).

Houve, assim, uma expressão de seus conflitos internos, pois estava muito sensibilizada frente a esta primeira família atendida. Na entrevista devolutiva, confessou que ficou insatisfeita pela produção deste desenho, porém o que foi demonstrado por seu relato era a insatisfação sentida no atendimento. Contudo, este recurso também possibilitou que a jovem entendesse que esta era apenas uma família, e não representava em si o que era a psicoterapia familiar psicanalítica.

Esta foi, portanto, uma reflexão provocada por este instrumento. O desenho-estória com tema apresenta uma finalidade interventiva, já que proporciona a expressão emocional dos participantes. Neste sentido, de acordo com a investigação realizada por Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008), permitiu que os estudantes pesquisados entrassem em contato com os sentimentos vinculados ao início de sua prática clínica, do mesmo modo que se sucedeu neste encontro grupal com a participante 3. Assinala-se que não se pretendia que houvesse uma inexistência de sentimentos ansiogênicos, o que poderia estar relacionado a reações defensivas que dificultariam o encontro com o paciente no *setting* terapêutico. Assim, estar preparado emocionalmente para um atendimento clínico abrangeria diversos sentimentos, nestes incluso a ansiedade, e seu adequado manejo (Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008).

Ainda relembando esse atendimento familiar, indicou que nas primeiras sessões também havia comparecido um amigo desta família, em suas palavras: “foi muito bagunçado, tinha muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, as crianças brincando, desenhando, os adultos falando. Não sei onde prestava atenção”.

Discorreu sobre a importância da supervisora, em acolher este momento de angústia, e propôs que ela convidasse o amigo a não mais participar das sessões, e no último atendimento (3º sessão) ele não havia participado e tinha sido bem mais tranquilo.

A supervisão clínica, portanto, desempenhou um papel fundamental, imprescindível no acolhimento de suas inseguranças e na discussão e compreensão do caso atendido. Ademais, pôde exprimir o desconforto experimentado no *setting* terapêutico, o que aponta:

... a delicadeza e a importância do papel do supervisor. Ele está próximo do papel do próprio terapeuta ao perceber as angústias dos supervisionandos, traduzindo-as em palavras e permitindo que os estagiários se exponham ao discutir os medos que permeiam os alunos em seu início de prática clínica, seus anseios frente ao novo papel. (Sei & Paiva, 2011, p. 17).

História – Participante 3

Para mim a terapia de casal e família são muito diferentes

A de casal me parece dois sujeitos que buscam na terapia resgatar algo que foi perdido, como tentativa de melhorar a relação ou voltar a ser o que era antes, ou uma mudança para melhor.

E a família, um pouco mais bagunçada, onde estão presentes mais pessoas, e o terapeuta deve ficar mais atento aos pequenos detalhes e muitas informações que cada indivíduo traz.

A família geralmente está buscando uma vivência entre eles melhor, ou alguns membros possuem alguns segredos que geram sofrimentos como um todo.

Em sua história, que foi escrita no verso da folha sulfite, ficou evidente a divisão realizada pela participante 3, como se fossem duas modalidades diversas de atendimento, com objetivos e intervenções distintas. O atendimento de casal com uma perspectiva idealizada, de resolução de problemas para uma relação melhor; já o atendimento de família, foi descrito com bagunçado, talvez contaminado por sua experiência. Ademais, neste último, mencionou segredos e sofrimento, que poderiam estar presentes em qualquer atendimento.

Após o relato da situação clínica ocorrida com esta jovem, a participante 3 começou explicando que nunca tinha realizado atendimentos clínicos, e desenhou a sua concepção acerca deste processo. Conforme ilustra figura abaixo:



Figura 13 – Desenho-estória com tema “Atendimento Psicanalítico de Casal e Família” – Participante 1

Deste modo, exteriorizou em três desenhos, “como se fosse uma história em quadrinhos”, no qual cada um simbolizava um momento evolutivo da família em seu tratamento psicoterápico. Portanto, representou circunstâncias de um atendimento familiar, no qual o primeiro quadro representava uma família que estava no começo da psicoterapia. Relatou que as coisas estavam bem difíceis para este núcleo familiar, as crianças eram mal-educadas, o pai não se colocava, era ausente. A psicóloga que estava realizando o atendimento clínico falava, mas não era escutada por estas pessoas, em suas palavras: “No início, o terapeuta tem dificuldades na condução da sessão”. As crianças se comunicavam bastante, conversavam entre si, e os pais não intervinham.

Destaca-se, neste primeiro quadrante, a complexidade da clínica psicanalítica de casal e família. Um desses complicadores seriam as várias pessoas presentes no *setting* terapêutico, ampliando, portanto, as relações transferenciais e contratransferenciais (Correa, 1992; Zuanazzi & Sei, 2014). Ainda,

Um dos desafios que enfrentamos no campo da psicanálise das configurações vinculares é o de analisar os efeitos do inconsciente e das subjetividades nas diversas configurações resultantes, não só no sujeito vincular, em especial nos vínculos entre os diversos membros de conjunto (Correa, 2018, p. 31)

Como o paciente seria um casal ou uma família, além de se atentar para cada sujeito singular e seu aparelho psíquico individual, também o terapeuta deve examinar os vínculos. Portanto, esta prática clínica possui especificidades, como considerar a intersubjetividade, as dinâmicas e funcionamentos psíquicos que ocorrem nos vínculos dos membros presentes no *setting* terapêutico (Kaës, 2011; Zanetti & Gomes, 2016).

No segundo quadro houve uma evolução, de acordo com seu relato, uma vez que a família estava interagindo melhor. No desenho, a família estava confeccionando um genograma. “A terapeuta já consegue perceber algumas coisas”, isto é, apresentava uma compreensão da dinâmica familiar, o que a participante demonstrou na ilustração ao fazer um pontilhado partindo dos olhos da psicóloga até o desenho. Neste momento, houve uma maior adesão da família, que estava participando das atividades propostas, ao contrário do que acontecia no primeiro quadro.

Nota-se que a participante 1 colocou o genograma, representado no segundo quadrante, como um divisor de águas do processo terapêutico. Pois além da psicoterapeuta entender melhor o funcionamento da família atendida, a partir de sua aplicação os membros também haviam se engajado no tratamento. Ressalta-se, novamente, a complexidade envolvida no atendimento a famílias, ainda mais pelas diferenças nas faixas etárias (crianças e adultos), o que torna imprescindível o emprego

de estratégias que possam facilitar a comunicação, diminuindo a diferença cognitiva existente. Assim, o uso de materiais como o desenho potencializa as contribuições das crianças (Sei, 2009).

Ademais, na literatura foi discutido o uso de recursos artístico-expressivos enquanto uma estratégia terapêutica capaz de auxiliar o psicoterapeuta no desenvolvimento do processo clínico (Fernandes & Gomes, 2018; Franco & Sei, 2019), além de possibilitar o acesso a conteúdos inconscientes que vinculam os membros familiares. Na entrevista devolutiva, esta participante mencionou como foi significativo ter realizado ela própria este instrumento, tendo sido possível para ela apreender alguns conteúdos sobre sua vida familiar.

Ressalta-se que neste encontro investigou-se como as participantes percebiam os atendimentos psicanalíticos de casal e família. Esta é uma característica da mediação oferecida por este recurso (desenho estória com tema), de produção de um material clínico, pois desencadeia novas associações nos participantes. Deste modo, entende-se “...o procedimento escolhido como representativo-expressivo, no sentido de que sua apresentação poderia favorecer a expressão emocional do indivíduo” (Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008, p. 138).

Por fim, na última imagem havia a representação de uma família feliz, unida, todos de mãos dadas. Isto aconteceu depois de um ano de tratamento deste grupo familiar, no qual houve alta da psicoterapia, com cada um dos membros familiares percebendo sua parte no problema e trabalhando para resolver seus conflitos.

Igualmente como encontrado na participante 3, nos relatos da participante 1 também surgiram expectativas referentes ao processo clínico, de uma família feliz ao final de um processo terapêutico, como se este espaço pudesse favorecer o fortalecimento dos vínculos conjugais ou familiares.

A terapia familiar seria um espaço disponibilizado aos membros para que pudessem abordar questões conflituosas, trabalhando a comunicação e os relacionamentos familiares. Contudo, esta intervenção terapêutica também elucidaria alianças e pactos alienantes entre os membros, que poderiam reverberar justamente em rompimento dos vínculos e ocasionar uma separação (Franco & Sei, 2019).

História – Participante 1

Uma família com muitas queixas veio até a terapia procurar ajuda. As queixas eram relacionadas a bagunça e desrespeito dos filhos e da não interação do marido para com as tarefas familiares.

No início o terapeuta teve dificuldade e levar as sessões adiante. Os filhos eram muito bagunceiros, brigavam entre si e o pai quase não participava da sessão.

Começaram a se interessar pelas atividades propostas e houve mais diálogo durante a sessão, assim o terapeuta conseguiu chegar em questões importantes e depois de 1 ano de tratamento a família saiu, se dizendo bem para seguirem sozinhos. Os problemas ainda existiam, mas tinham aprendido muito, principalmente em como lidar com os problemas e percebiam a parte de cada um na família.

Ainda sobre o desenho-estória com tema desta participante,

Cabe ressaltar que não necessariamente a terapia familiar poderá proporcionar a vivência da família feliz, haja vista que os familiares poderão se tornar conscientes de segredos, conteúdos transmitidos transgeracionalmente, de difícil

elaboração, algo que pode explicitar o sofrimento psíquico antes mascarado por meio de sintomas (Franco, Almeida, & Sei, 2016, p. 48).

Portanto, esta idealização do processo terapêutico pode acarretar insatisfação para o futuro psicoterapeuta, ainda mais por eventuais desistências do atendimento, referentes a resistências em acessar tais conteúdos.

Também podemos refletir sobre a queixa retratada neste relato, com canalização dos problemas nas crianças e um afastamento da figura paterna. Há, deste modo, o deslocamento da queixa sobre o paciente identificado, no qual são depositadas as responsabilidades pelos percalços familiares. Isto acontece porque raramente a família se reconhece como enferma, “... dificilmente uma família faz consultas dispostas a ver suas dificuldades como um todo” (Ramos, 1992, p. 44). Deste modo, a família esquiva-se de seus conflitos e dificuldades com a eleição do paciente identificado, separando os membros entre sadios e doentes (Ramos, 1992; Zuanazzi & Sei, 2014). Assim, as pessoas podem se colocar distantes nas sessões, como o pai ilustrado, já que é deslocado o problema para um dos familiares, enquanto os pais se colocam como os saudáveis.

Por último, a participante 2, ao descrever seu desenho, falou que desenhou uma família nuclear no centro do espaço, com pai, mãe, irmão e irmã, com uma ilustração de uma avó paterna na ponta esquerda e de uma tia materna na outra ponta (direita). Segundo seu relato, colocou também algumas pessoas da família extensa, porque havia sempre alguns membros familiares mais presentes, que continuariam influenciando a vida do casal e filhos e eram importantes para entender a dinâmica familiar.

Neste trecho, evidencia-se uma maior compreensão da clínica psicanalítica de casal e família, pois esta afastou-se de um posicionamento mais clássico acerca da

família, centrada em uma composição com pai, mãe e filhos, e postulou sobre as influências da transmissão psíquica geracional. “A transmissão considera que a identidade do indivíduo se estabelece a partir do legado familiar” (Scorsolini-Comin & Santos, 2016, p. 143). Deste modo, indicou algumas pessoas da família extensa, o que nos remete às heranças familiares, em como elas são transmitidas de uma geração a outra.

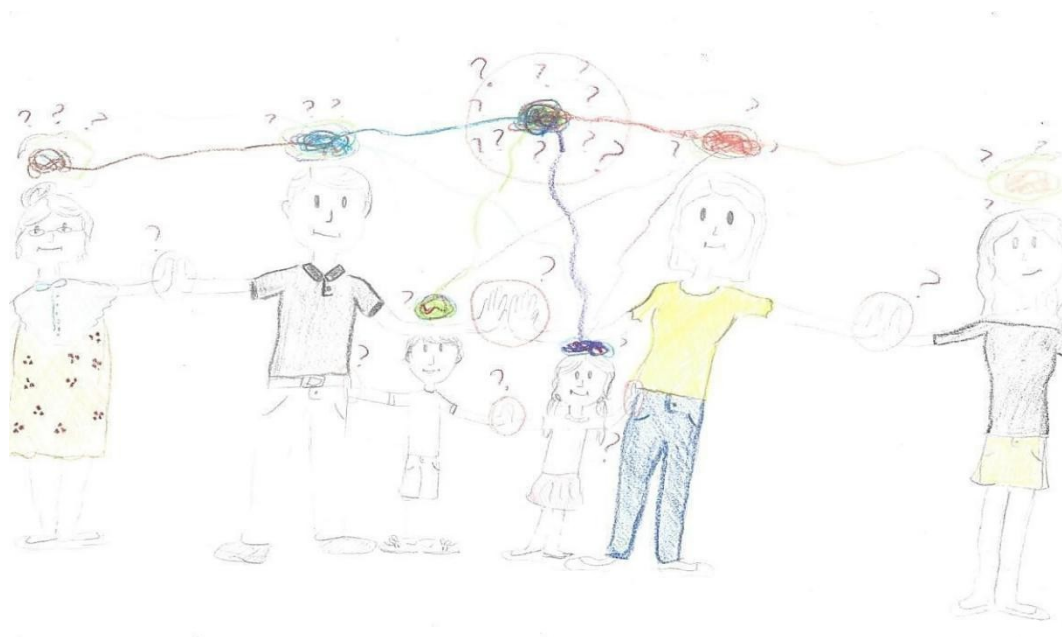


Figura 14 – Desenho-estória com tema “Atendimento Psicanalítico de Casal e Família” – Participante 2

Considerou que no atendimento psicanalítico de casal e família seriam trabalhados os vínculos, que estariam no desenho representados pelas mãos que estão quase se tocando, dentro de um círculo. Fez as mãos separadas porque esses vínculos podem ser mudados ou desfeitos, mas das crianças com os pais fez ligados, porque acreditava que este era um vínculo que não poderia ser quebrado. Desenhou, em cima da cabeça destas pessoas, um emaranhado, que seria o inconsciente de cada um.

História - Participante 2

Um local para se pensar e problematizar sentidos que às vezes parecem tão certos e imutáveis que deixamos escondidos sem ver nem tocar.

Mas quando se olha pro todo, se percebem sintomas, segredos, faltas, excessos que precisam ser pensados. Cabe ao analista problematizar essas questões, não objetivando nem manter, nem acabar com o vínculo, somente dar sentido ao que não querem tocar e pensam que não pode ser mexido.

A história apontava para o fato da terapia ser um lugar para se problematizar, por isso fez vários pontos de interrogação, cabendo ao analista problematizar essas questões. Novamente ressalta-se em seu relato uma perspectiva mais clara referente ao tratamento psicanalítico de casal e família, já que este focaliza as relações intersubjetivas e as formações vinculares. Deste modo, as queixas e conflitos são examinados no contexto grupal, visando a compreensão de conteúdos psíquicos que foram transmitidos, mas não foram metabolizados pelas gerações (Gomes & Zanetti, 2009).

Além disso, expressou que em sua ilustração fez as mãos unidas entre pais e filhos, pois no grupo de supervisão do projeto do qual participava (atendimento psicanalítico de casal e família) houve uma família adotiva que devolveu a criança. Relatou que este caso clínico a sensibilizou, levando-a a refletir, pois acreditava que os vínculos entre pais e seus filhos eram inquebráveis.

A participante 1 mencionou que havia muitas mães que eram negligentes, que maltratavam os filhos e por vezes os abandonavam. Deste modo, questionou se esses vínculos também poderiam ser desfeitos. A participante 2 reconheceu que não tinha

pensando por este lado, que era complicado cogitar a ruptura desses laços, porém admitiu esta possibilidade. A participante 3 mencionou inúmeros casos clínicos supervisionados no projeto de extensão do qual todas participavam, permeados por graves problemas nos vínculos formados, como por exemplo fenômenos de violência intrafamiliar.

Esta discussão foi gerada, destarte, a partir da crença proferida pela participante 2, tendo como fio condutor a palavra vínculo, sua imutabilidade ou possibilidade de transformação. Neste momento do grupo, as três participantes estavam absortas, refletindo sobre modalidades vinculares que já haviam tido contato, principalmente no referido projeto. A participante 2 mencionou a importância que concedia ao atendimento clínico de casal e família, que poderia tratar enfermidades nestas dinâmicas familiares.

Quanto a isso, participante 1 pontuou que julgava que na terapia familiar o processo de tratamento era mais rápido e resolvia os conflitos apresentados por uma família. Contudo, conjecturou que a terapia individual era mais profunda. Acreditava que isto acontecia por causa do tempo, de ser um processo mais longo, e também por trabalhar aspectos mais profundos, inconscientes.

Dois pontos merecem destaque nesta fala da participante 1. Primeiro relacionado a sua expectativa quanto a esse tipo de intervenção clínica, de se apresentar como um processo terapêutico mais breve e resolutivo dos conflitos familiares, que nem sempre corresponde àquilo que efetivamente acontecerá, pois nem sempre o processo é mais rápido e nem sempre os conflitos serão resolvidos.

Ressalta-se, ademais, o pouco entendimento desta participante quanto às propostas e alcance do atendimento com as famílias, já que a terapia familiar, de base

psicanalítica, busca a elaboração de conteúdos inconscientes, a “analisar os efeitos do inconsciente e das subjetividades nas diversas configurações resultantes, não só do sujeito singular, mas entre seus vínculos com os diversos membros de conjunto” (Correa, 2018, p. 35). Deste modo, se propõe a trabalhar questões relativas ao vínculo estabelecido entre os familiares mais do que aspectos individuais de cada integrante da família, porém em seus aspectos inconscientes. A participante 2 declarou que não acreditava nisso, pois em sua perspectiva também eram trabalhados aspectos inconscientes na terapia familiar, e novamente citou o conceito de vínculo, que ao se centrar em questões vinculares, também era possível um conhecimento profundo sobre si e o outro.

Entrevista Devolutiva – Participante 1

Foi realizada uma entrevista individual após os quatro encontros, na qual foram abordados os sentimentos das participantes na realização das atividades. Deste modo, ao ser questionada, a participante 1 declarou que os dois primeiros encontros (genograma e espaçograma) a deixaram sensibilizadas. Descreveu um impacto emocional que não imaginava que pudesse acontecer. Indicou que a terceira atividade (desenho-estória com tema “a sua família”) foi mais tranquila emocionalmente, porém também foi importante para o entendimento de algumas dificuldades pessoais e familiares. Em suas palavras: “Ah eu acho que eu sempre soube que eu tinha várias questões, mas você desenhar isso, você olhar para isso”. E pontuou que este impacto sentido é porque possibilitou que ela entendesse melhor, que refletisse sobre sua família.

Deste modo, discorreu sobre a realização de cada um dos instrumentos, começando pelo genograma. Esse, dentro de sua perspectiva, foi uma atividade muito complicada de elaborar, o que “já mostra muita coisas né”. Mencionou como foi confuso, de difícil confecção, ainda mais por não querer acrescentar, e não ter feito no princípio, uma parte da família paterna (os meios-irmãos do pai). Compreendeu como este fato era significativo, que mostrava muito dos seus sentimentos, de querer negar que esta parte da família existia. Também reparou, com a visualização do desenho, como havia repetições, por exemplo, de familiares presos (dois tios e dois primos).

Expressou que “nunca tinha olhado para isso assim”, algo que havia possibilitado uma nova percepção de sua história, indicando o quanto isso tinha deixado uma marca em sua vida. Também associou estas vivências a sua escolha de cursar a graduação de psicologia e, posteriormente, inserir-se em um projeto de extensão que tratava das problemáticas concernentes à família. Havia, deste modo, uma tentativa de entender o

comportamento dessas pessoas (parentes), pois, se de um lado elas haviam feito mal para sua família, de outro lado, elas demonstravam inúmeros sofrimentos.

Outra associação empreendida por intermédio do genograma foi referente ao casamento de seus pais, em suas palavras: “eu tenho muitas questões assim com o casamento dos meus pais”. Indicou que costumava questionar a maneira deles se relacionarem, sua convivência enquanto casal, já que avaliava não ser uma relação muito amorosa. Percebia que, na sua concepção, um relacionamento afetivo era uma relação amigável, e portanto, seus pais serem um casal diferente em relação a outros casais, por exemplo, de amigos. Deste modo, revelou que o genograma havia possibilitado uma reflexão também referente ao casamento dos seus pais.

Além dos questionamentos referentes ao casamento, contou que igualmente se indagava sobre o tipo de vínculo estabelecido na família de seus namorados, uma vez que qualificava como um laço muito forte. Inclusive indicou que estava realizando essas interrogações em sua terapia individual. Assim sendo, a confecção do genograma tinha favorecido uma compreensão, um novo sentido, no qual se viu sozinha. Explicou que a avó paterna mantinha um vínculo com os enteados, tios paternos que ela tinha excluído de sua vida, e, este fato, de certa maneira, havia levado à exclusão também de sua avó, isto é, mantinha um relacionamento mais afastado dela. Não apresentava uma boa relação com o avô e com tio materno. Não tinha irmãos, sua tia materna, que tinha mais proximidade afetiva, morava longe e, conseqüentemente, via pouco. E, por fim, mencionou sua avó materna, porém com o casamento do tio e a volta a morar na casa dos pais, indicou que não podia mais ir à casa dela, salientando que havia sido outra pessoa com a qual ela havia perdido essa proximidade.

Continuando os relatos referente aos vínculos, mencionou o pai, com quem havia vários conflitos de relacionamento, e sua mãe, que sempre havia sido muito próxima. Em sua conclusão, “buscar outra família é muito natural, porque eu me vejo sem, de certa forma”. Creditou estes fatos também ao fato de não ter irmãos e primos (mesmo que na realidade tivesse estes últimos). Assim, acreditava que este era o motivo da proximidade com sua tia materna, do laço muito forte que elas tinham.

Do espaçograma, lembrou que já tinha pensado sobre a porta do seu quarto, e analisou que “isso mostra o quanto eu nunca tive privacidade para existir longe deles”. Inclusive pontuou que para ela também havia sido difícil se separar, acreditava que ainda estava passando por este processo, porém se indagou se era preciso mesmo se separar dos pais. Relembrou, com a confecção da planta da casa, uma coisa “extremamente estranha”, que não havia materiais de uso individual, todo mundo usava de todo mundo. Deste modo, emergiu no segundo encontro este fato que destaca como muito significativo, e declarou o “quanto eu não tinha espaço para mim, tanto de que a relação de meus pais é uma relação permeada por mim e não ter só eles”.

Sobre o terceiro encontro (desenho-estória com tema: a sua família) mencionou seus aniversários, de como era importante essa comemoração até se decepcionar, porém depois de um tempo significou outra coisa, de ter espaço para escolher. “E também o aniversário marca a idade, marca o crescimento”. Contudo, pontuou que escolhia mais ou menos, pois havia percebido que havia uma escolha, mas que dependia também da mãe, já que não conseguia decepcioná-la. Afirmou que era uma percepção recente, que “eu não consigo ser responsável pelas tristezas causada nela, nego, faço o que ela quer mesmo não querendo, volto atrás”.

Expressou que os dois primeiros encontros, com as atividades realizadas, foram bem fortes, no sentido que surgiram muitos aspectos negativos de sua família, e no desenho da família (terceiro encontro) percebeu também aspectos positivos. Isso aconteceu devido a escutar outros relatos, tendo sentido que os membros do grupo trouxeram coisas negativas de suas próprias famílias, ou talvez eles já tivessem mencionado e ela estava: “olhando mais para as minhas tristezas do que para as dos outros”. Deste modo, reparou em coisas boas na sua família. Em suas palavras: “No fim das contas é sofrido para caramba, mas eu acho que eu consigo... gritando e ainda existir um pouco, e eu sinto que às vezes é uma relação ruim, mas é uma relação verdadeira”.

Sobre a último encontro, foi realizado novamente o desenho-estória com tema, desta vez centrado na Formação clínica de Casal e Família. Alegou que foi legal, porém que não pensou muitas coisas a respeito.

Também foi indagado se houve algum aspecto do grupo que a participante sentiu necessidade de levar para a sua terapia individual. Contudo, ela relatou que, como fazia terapia em outra universidade da cidade, tinha acabado o período letivo da graduação, e portanto havia sido encerrada a terapia, no momento do início dos encontros grupais.

Por fim, a outra questão formulada pela pesquisadora seria como ela avaliaria naquele momento o seu desejo de trabalhar com famílias. A participante indicou que havia ficado bem animada, pois ela tinha gostado bastante do grupo e tinha uma outra percepção do projeto, um outro olhar, segundo ela. Relembrou que no primeiro momento em que participou deste tinha ficado desanimada. Contudo, havia agora um desejo de atender, mas que ainda precisava estudar mais.

Por fim, expressou que foi muito legal participar, viver esta experiência. Que em muitos momentos saiu dos encontros pensando em muitas coisas. Acreditava que isto

tinha ocorrido porque fazia terapia e assim já estava em um processo psicoterápico, no qual essas coisas já estavam sendo pensadas e trabalhadas.

Entrevista Devolutiva – Participante 2

A participante foi convidada a contar sobre sua trajetória no grupo, como havia se sentido nos encontros. Expressou que gostou bastante de participar e realizar as propostas com os recursos expressivos. Anteriormente ao início dos encontros, imaginou que não conseguiria se envolver, porém acabou apreciando, uma vez que as atividades haviam possibilitado reflexões referente a sua família. Deste modo, foi um momento em que pôde parar e pensar no que a incomodava na relação com seus familiares.

Portanto, indicou que o aspecto “mais importante foi ter o tempo para pensar sobre”, visto que isso não acontecia durante a semana e nem às vezes em sua terapia pessoal. Assim, ponderou que em sua terapia os assuntos se centralizava em si própria, não trabalhando a sua família como um todo, a dinâmica de funcionamento de seu grupo familiar.

Sobre o primeiro instrumento aplicado, o genograma, declarou que seu sentimento na elaboração foi de desconhecimento dos eventos ou situações familiares, havia assim a impressão que faltava conhecer mais ou perguntar para sua mãe. Com isso, acreditava que não sabia muito sobre a história de sua família, em suas palavras: “que tem muita coisa que eu fico meio ah, acho que aconteceu isso, mas eu não tenho muita certeza”. Compreendeu que este fato, esta falta de informações, era referente à dinâmica familiar, que sua família (pai, mãe, irmão e ela) não tinham muito “esses momentos” de conversar e compartilhar.

Rememorou sua história pessoal e, como mencionado na entrevista individual, trouxe novamente o fato de que sua família era composta pelos quatro integrantes (pai, mãe e filhos). Eles moravam em outra cidade que não a das famílias de origem dos pais, tendo indicado que “comigo foi desde pequena, eu nasci e eu já estava longe”. Então, em sua perspectiva, esta falta de conhecimentos referentes aos fatos poderia ser porque ela não perguntava, e também porque visitava os familiares apenas em momentos festivos.

Do espaçograma, mencionou que foi o instrumento utilizado no qual conseguiu apreender menos coisas. Julgava que isto tinha acontecido porque ficava pouco tempo em casa, o que colocou novamente como fazendo parte da dinâmica familiar, pois “a maioria do tempo fica todo mundo meio fora”. Percebeu que eles ficavam mais na sala de estar, que seria o espaço em comum da família, porém detectava nesta disposição algumas adversidades, pois a presença da televisão atrapalhava os relacionamentos, as conversas. Percebia que isso a incomodava, já que os membros familiares foram perdendo a convivência dentro de casa.

Mencionou que a realização dos dois desenhos (desenho-estória com tema) mesmo que ela tenha gostado muito de elaborar, foram os mais difíceis, de pensar em como faria, em como representaria e descreveria a história. Nas duas atividades estava presente a ideia de união, que para ela era uma concepção fundamental, talvez porque ela queria mais, mais união, mais momentos diferentes para uma maior convivência em família. Referiu que essa união era uma coisa que ficava idealizando, era um desejo, porém poderia ser que já tivesse isso.

Prosseguiu expondo esse desejo de maior proximidade. Contudo, acreditava que esse tinha sido o contexto em que sua família havia se constituído, sua dinâmica

familiar. Explicou que eles não possuíam dinheiro para ficarem viajando, porém esses seriam sonhos para um futuro (estava se referindo aos desenhos-estória com tema “A sua família”, no qual havia ilustrado sua família, e destinos que gostaria que fizessem juntos, como acampar).

Ao discorrer sobre o último desenho (desenho-estória com tema “o atendimento psicanalítico de casal e família”), pontuou que nos encontros realizados e no projeto de casal e família que participava, a questão do vínculo era um conceito que a havia marcado, em suas palavras: “não é olhar o individual apesar de que obviamente ele influenciar, mas sempre olhar para o vínculo”. Sua representação foi realizada se baseando neste conceito.

Quando indagada referente a sua terapia individual, se sentiu necessidade de trabalhar alguma coisa concernente aos encontros grupais, afirmou que sim e não. Explicou inicialmente que tinha faltado na terapia por algumas semanas, porém a questão de querer ficar mais junto, mais perto da família já tinha aparecido naquele espaço. Assinalou que ao mesmo tempo que os encontros foram ocorrendo e desencadeando várias reflexões, em algumas sessões psicoterápicas isso aparecia, contudo em outras apareciam mais coisas suas, da sua rotina da semana. Desta maneira, explicou que “meio que foi andando como um complemento para mim”. Logo, mencionou que foi pensando sobre os dois, entrelaçados.

Ainda sobre os recursos artísticos-expressivos realizados, declarou que alguns incômodos referentes à família já tinham sido observados, e os grupos foram um espaço onde pôde pensar mais sobre o que era esse incômodo. Pontuou que era além de querer saber mais da história de sua mãe, mas também pôde refletir e perceber que o que mais

queria era ficar junto. Acreditava que esses incômodos e desejos de maior proximidade estavam relacionados com ela, que tinha medo de ficar sozinha.

Por fim, foi solicitado à participante discorrer sobre como avaliava naquele momento o seu desejo de trabalhar com famílias, ao que ela respondeu que havia aumentado muito. Discorreu sobre o assunto, relatando que com sua participação no projeto de extensão de casal e família ela já gostava muito, porém ficava bastante insegura, porque imaginava que não conseguiria saber como agir na prática. E salientou que os encontros grupais haviam servido, em suas palavras: “para tornar isso mais palpável, porque de certa forma o que você fez, apesar da gente não ser uma família ali, mas foi um trazer coisas que eu também levaria para as terapias de família”. Por fim, adicionou que começaria outra atividade extracurricular na linha da psicanálise de casal e família.

Entrevista Devolutiva – Participante 3

Em um primeiro momento, foi solicitado que a participante contasse sobre como havia se sentido nos grupos. Ela contou que tinha sido muito gostoso participar, pois havia sido uma chance dela falar sobre sua família, já que em diversos momentos percebia algumas coisas e ficava relacionando com a sua família, porém nunca falava sobre o assunto, porque não tinha com quem falar sobre isso. Deste modo, indicou que tinha apreciado poder se expressar, poder pensar sobre sua família também. Também referiu que tinha sido interessante realizar os recursos aplicados nos encontros grupais, pois utilizaria essas ferramentas no futuro, nos atendimentos clínicos a casais e famílias. Também havia servido, segundo sua perspectiva, para notarem como era difícil realizar estas atividades, por exemplo elaborar o genograma, pois achava que seria super

simples sua confecção e não era. Acreditava que o espaçograma era ainda mais complicado, então hoje não acharia que era uma dificuldade inerente de uma família quando era, na verdade “uma dificuldade de todo mundo”.

Sobre o genograma, mencionou que ele havia possibilitado conhecer muito da dinâmica familiar, visto que a partir de sua confecção era possível entender “um pouquinho do funcionamento da família”. E acreditava que havia conseguido entender um pouco melhor sua estrutura familiar, porque para ela “as coisas são muito claras, só que não são ditas, não sei se isso faz sentido, mas...”.

Pontuou algumas dificuldades nas realizações dos recursos artísticos-expressivos, tendo primeiro colocado o espaçograma como o mais difícil, entretanto depois mudou para a representação da família (desenho-estória com tema “a sua família”). Imaginava que esta dificuldade se relacionava a tantas coisas que representavam sua família, porém “colocar no desenho para mim é muito difícil, eu não tenho esse dom artístico, então para mim é difícil mesmo representar algo no desenho”. Além disso, salientou a dificuldade em expressar, no desenho, o que sentia, de conseguir representar no desenho esses sentimentos. Com isso, assinalou que o genograma e o espaçograma foram mais fáceis, porque as instruções referentes à confecção da atividade eram mais diretas, já o desenho da família (desenho-estória com tema) era mais livre, portanto, não sabia como representar muito bem.

Declarou ter ficado ansiosa com as atividades, queria “fazer logo e ver como ia ficar no fim, se ia dar certo, se não ia, se ia conseguir representar o que eu queria...”. Contou que não tinha ficado satisfeita com a produção do desenho-estória com tema da terapia familiar, por exemplo. Isto aconteceu porque, para ela, há “muito mais da terapia

familiar além dessa família que eu atendi”. Logo, relatou como o atendimento realizado acabou influenciando na produção desta atividade.

Foi indagada se em algum momento nos encontros grupais ela tinha sentido necessidade de voltar a fazer terapia individual, ao que ela respondeu que não. A pesquisadora assinalou que ela havia mencionado que muitos assuntos familiares ela não tinha com quem conversar, e que talvez este poderia ser o lugar da terapia. A participante 3 esclareceu que gostava de fazer terapia, só que depois teve alguns desentendimentos com a terapeuta e havia interrompido o processo terapêutico. Contou que não tinha sentido mais necessidade de fazer, “porque essas coisas da minha família eu acho que elas são bem resolvidas”.

Por fim, ao ser indagada sobre seu desejo de trabalhar com famílias, contou que gostaria de continuar trabalhando com famílias, “porque eu vejo que é a fonte dos flagelos”, e os atendimentos poderiam fazer toda a diferença.

O uso de recursos mediadores como instrumento potencializador na formação de terapeutas de casais e família

As três participantes desta pesquisa eram estudantes que se encontravam entre o segundo e terceiro ano da graduação de psicologia. Elas tiveram que escolher as ênfases curriculares e, além disso, também tinham escolhido uma abordagem teórica, que estudariam nos anos finais da graduação.

Sobre as ênfases curriculares, elas foram inseridas a partir da mudança do currículo visando adequação às normas presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Estas ênfases seriam um aprofundamento em determinada área, em um conjunto de competências (Cury & Neto, 2014). Esta foi, portanto, uma reformulação dos currículos de psicologia, focalizado na aquisição de competências e habilidades necessárias ao exercício da profissão. Alguns exemplos de ênfase: organizacional, saúde, social entre outros.

As três jovens se encontravam neste processo. Deste modo, discorrendo sobre sua escolha de projeto, a participante 1 falou sobre dificuldades enfrentadas referentes à escolha destas ênfases, acontecidas no terceiro ano da graduação. Relatou como havia se sentido apreensiva frente a esta escolha. Mencionou a dificuldade encontrada na escolha destas ênfases, revelando que participar de projetos de extensão era uma oportunidade importante para a formação, pois estes propiciavam o contato com a prática clínica, aumentando o leque de atuações e experiências para a futura atuação profissional.

Ainda sobre o processo de formação, participante 1 foi relatando suas ansiedades que, de acordo com Aguirre (2000), surgem, em diversos momentos do percurso de formação clínica, dúvidas que os estagiários apresentam e que se relacionam a preocupações em sua atuação prática. A jovem, ao prosseguir seu relato, declarou que

no terceiro ano, no momento da entrevista, também se sentia assim: “hoje eu me sinto totalmente despreparada”. Porém, refletiu que talvez não iria se sentir totalmente preparada, que estava apenas adiando o início desta prática. Estes sentimentos foram apontados por alguns estudos, sendo que “a vivência do estagiário necessariamente envolve a superação de obstáculos relacionados à própria insegurança e inexperiência” (Aguirre et al., 2000, p. 50).

Esta característica, do exercício prático profissional, foi apontada pelas três participantes como um diferencial, que analisaram na seleção de atividades extracurriculares. Contudo, apenas a participante 3 havia iniciado os atendimentos no referido projeto. Isto posto, denota-se o sentimento de despreparo sentido pelas estudantes, em iniciar os atendimentos clínicos. A participante 2, ao contar seu desejo de trabalhar na área da psicologia clínica, também expressou a insegurança sentida frente à responsabilidade deste ofício.

Uma pesquisa realizada com estudantes de psicologia que estavam experienciando sua primeira atuação clínica, dividiu os resultados em algumas categorias, chamadas de campos psicológicos não conscientes. Entre estes, estava “o encontro com o outro” relacionado com “produções imaginárias relativas ao encontrar-se de maneira significativa e profunda com o outro” (Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008). Pode-se correlacionar este campo aos sentimentos expressos pela participante 2, pois ela havia sinalizado sua apreensão em lidar com as pessoas, seus sentimentos, sentindo este fato como uma imensa responsabilidade.

Quanto à escolha do projeto de extensão focado nos atendimentos de casal e família, as três mencionaram, além do aspecto prático (clínico), a abordagem teórica da psicanálise como sendo essencial, já que tinham se decidido por esta teoria. A definição

de uma linha teórica que fundamente a atuação profissional é um importante passo realizado pelo graduando, na trajetória de construção de uma identidade própria como profissional na área da psicologia (Barreto & Barletta, 2010).

Dentro desta perspectiva da formação, vários estudos (Zaslavsky, Nunes, & Eizirik, 2003; Neto & Lima, 2019) apontaram o estágio supervisionado como a primeira etapa para a inserção no trabalho profissional, já que ele é centrado no desenvolvimento de habilidades clínicas dos estagiários. Da mesma maneira, podemos correlacionar alguns projetos de extensão, pois o projeto no qual as participantes da pesquisa estavam inseridas se baseava em estudo teórico, atendimentos clínicos e supervisão.

Deste modo, esta é uma etapa muito importante para o futuro psicoterapeuta, pois a formação de sua identidade se inicia na graduação, onde se apresenta a oportunidade de atuação na prática clínica, sob a supervisão e orientação de um psicólogo. Portanto, “o estágio supervisionado durante a graduação constitui o primeiro momento de inserção do futuro profissional no campo de atuação” (Sei & Paiva, 2011, p. 16). A supervisão dos casos clínicos é para a psicanálise uma das diretrizes indispensáveis para os terapeutas da abordagem psicanalítica, junto com o estudo teórico e a análise pessoal.

Ressalta-se que o referido projeto de casal e família, no qual as três jovens eram integrantes, proporcionava o estudo teórico. A participante 2, que no último encontro (desenho-estória com tema “O atendimento psicanalítico de casal e família”) discorreu sobre o conceito de vínculo, muito abordado dentro deste referencial, indicou que começaria um novo estudo nesta área, demonstrando grande interesse em se aprofundar neste tema.

... mas o preparo teórico e as vivências durante o curso nem sempre são suficientes para dar um suporte a esse momento singular da formação profissional. A análise pessoal do estagiário contribui para o desenvolvimento do raciocínio clínico e da atitude clínica (Sei & Paiva, 2011, p. 12).

Deste modo, sobre a análise pessoal, recomendação que já estava presente nos primórdios da psicanálise, a participante 1 e 2 estavam em processos terapêuticos próprios, no momento da entrevista individual. A participante 1, na entrevista devolutiva, expressou que as atividades realizadas em grupo desencadearam várias reflexões, porém acreditava que isto havia acontecido porque estava em um processo psicoterápico, no qual esses conteúdos já estavam sendo pensados. Já a participante 2 declarou que os grupos foram sentidos com um complemento para sua terapia individual, assim pensava nos dois entrelaçados.

A participante 3, ao contrário das outras jovens, indicou que não sentia necessidade, de acordo com suas palavras, de fazer análise pessoal, mesmo exprimindo que não tinha com quem conversar sobre algumas conteúdos familiares. Ressalta-se que vivenciar a análise pessoal é “interessante para a elaboração de questões relativas à sua história de vida ou suscitadas pelo exercício profissional (Sei & Paiva, 2011, p. 11).

Apona-se que diversas ferramentas podem ser utilizadas para favorecer a formação clínica em terapia familiar psicanalítica. Desde as indicações clássicas já presente na construção do edifício psicanalítico, como o estudo teórico, a análise pessoal e a supervisão. Compreende-se que durante a graduação em psicologia, a parte teórica está presente, e também a supervisão quando os estudantes iniciam seus estágios. A terapia individual acaba ficando a encargo dos alunos, deste modo, dependendo de sua disponibilidade.

Como os recursos artísticos-expressivos utilizados nesta pesquisa podem ser também empregados pelos futuros psicoterapeutas, esta pode ser uma maneira de instrumentalizá-los, já que auxiliariam na condução do caso e em sua compreensão,

A introdução dos grupos de mediação nas universidades demonstra não somente a necessidade de propor esta experiência a futuros terapeutas que desta maneira se beneficiaram da descoberta dos processos psíquicos inconscientes que lhes fornece o grupo, mas também da necessidade de se apropriar das técnicas mediadoras grupais (Vacheret, 2015, p. 108).

Sobre os encontros realizados, aponta-se uma grande relevância deste como um espaço que possibilitou a reflexão sobre a dinâmica familiar. A participante 2, por exemplo, indicou que os recursos mediadores haviam favorecido a reflexão sobre sua família, sobre conteúdos que a incomodavam na relação com os familiares, principalmente referente à pouca comunicação existente entre eles.

Pontua-se que a proposta desta pesquisa foi investigar a utilização de recursos artísticos-expressivos enquanto uma estratégia terapêutica que poderia contribuir para a formação de terapeutas em psicoterapia familiar psicanalítica. Para tal feito, foram realizados duas entrevistas individuais e quatro encontro grupais com as estudantes, e analisado o material advindo destes encontros. Deste modo, com o material clínico resultante desta intervenção, entende-se ter sido realizada uma pesquisa em psicologia clínica, sendo esta uma investigação que se utilizou da metodologia de pesquisa qualitativa, fundamentando-se no referencial teórico da psicanálise de casal e família.

Sobre os instrumentos empregados nos grupos (genograma, espaçograma, desenho-estória com tema), eles dialogam com o campo da arteterapia (Sei, 2009), haja vista o uso de recursos artístico-expressivos no *setting* terapêutico. Sendo assim, podem

ser consideradas como estratégias terapêuticas viáveis para serem empregados na terapia familiar, e partem do princípio que conteúdos inconscientes podem encontrar uma maneira de expressão por meio dos desenhos (Naumburg, 1981). Agem, portanto, como uma comunicação simbólica que consegue expressar experiências internas por meio de imagens.

No primeiro encontro foi delineado o genograma. Esta ferramenta permitiu que as participantes apreendessem conteúdos da transmissão psíquica geracional, tendo notado repetições, histórias similares nos dois lados da família, tanto materna quanto paterna. Já o espaçograma permitiu visualizar as relações familiares, as trocas intersubjetiva entre os membros da família. A participante 1 indicou a desorganização física dos espaços, que se estenderia aos vínculos familiares, de falta de privacidade. Já a participante 3 sinalizou como a privacidade era uma questão importante em sua família. Por último participante 2 mencionou a pouca convivência familiar.

No terceiro encontro foi realizado o desenho-estória com tema, sendo este a família das participantes. A participante 1 teve como fio condutor seus aniversários, em uma cadeia associativa marcada por estas comemorações. A participante 2 apontou que pouco conhecia sua família e seu desejo de maior proximidade. Já a participante 3 relembrou histórias conflituosas sobre sua família. No último encontro grupal, também foi delineado um desenho-estória, desta vez tendo como tema a terapia psicanalítica de casal e família, no qual as três participantes puderam falar sobre as expectativas referentes ao processo terapêutico.

A respeito da utilização dos recursos mediadores nos encontros grupais, apontou-se a pertinência desta estratégia de intervenção, pois favoreceu a emergência de alguns conteúdos psíquicos ligados à trama inconsciente familiar das participantes.

Apona-se que a elaboração frente a dificuldades provenientes da história familiar do graduando contribuiria com sua formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As universidades, enquanto campo de formação de profissionais, são imprescindíveis para a apresentação e introdução da abordagem psicanalítica, tanto em seu aspecto teórico quanto para iniciação da prática da psicoterapia. Neste cenário também se encontra a psicanálise de casal e família, perspectiva a partir da qual este estudo se detém para refletir sobre aspectos desta formação. Para isso, foram convidados estudantes envolvidos nesta modalidade de intervenção, que participavam de estágios ou projetos de pesquisa e extensão que propunha o atendimento deste público.

Mesmo que algumas universidades, situadas na cidade no qual esta pesquisa ocorreu, disponibilizarem estágios ou projetos voltados ao atendimento desta população (casal e família), poucos estudantes entraram em contato com a pesquisadora. Deste modo, podemos refletir sobre possíveis dificuldades dos graduandos de psicologia em abordarem questões de ordem familiar, apontando, por exemplo, que a participante 1 mencionou que tinha conhecimento de seus problemas familiares, sendo este um dos motivos de escolher a graduação de psicologia e o projeto de extensão de casal e família.

A participante 2, ao expor suas expectativas iniciais referente à pesquisa, mencionou que não imaginava que fosse se envolver nas atividades realizadas. Sentimento similar poderia ser encontrado na participante 3, que mencionou nos dois primeiros encontros que no papel tudo era bonito, mostrando resistência a acessar conteúdos psíquicos de origem familiar. Porém, na entrevista devolutiva as três participantes declararam que apreciaram a participação na pesquisa, o espaço possibilitado para reflexão.

Portanto, ressalta-se o aspecto terapêutico do grupo com objetos mediadores, que potencializou a expressão das participantes, também favorecido pelas trocas intersubjetivas acontecidas entre elas. Houve, deste modo, a emergência de conteúdos psíquicos, que proporcionou às participantes refletirem sobre suas famílias, o que pode desencadear um novo posicionamento frente às dificuldades oriundas da história familiar. As três mencionaram a relevância deste espaço grupal para refletirem e repensarem sobre suas histórias.

Entre os limites desse estudo, aponta-se o número limitado de participantes, participantes de um mesmo projeto de extensão que propõe o atendimento de casais e famílias, somado ao fato de ter-se realizado apenas um grupo. Neste sentido, entende-se que poderia ser interessante a realização de propostas similares com discentes vinculados a outras universidades, refletindo-se acerca do uso do dispositivo grupal, somado ao emprego dos recursos artísticos-expressivos neste tipo de intervenção. Considera-se pertinente, então, a produção de novas pesquisas sobre a formação em psicologia clínica, debatendo estratégias que poderiam aprimorar o processo de construção de futuros psicoterapeutas.

Espera-se com este estudo contribuir com uma reflexão sobre a formação de psicólogos clínicos, especificamente dentro da área de casal e família. Assim, como desdobramentos da pesquisa, espera-se instigar novos pesquisadores sobre este tema tão necessário para a formação de psicoterapeutas. Também aponta-se a relevância de criarem-se espaços de compartilhamento, como este dispositivo grupal empreendeu, entendido como um cuidado aos estudantes e como maneira de aprimorar seu percurso clínico.

REFERÊNCIAS

Abdalla, I. G., Batista, S. H., & Batista, N. A. (2008). Desafios do ensino de psicologia clínica em cursos de psicologia. *Psicologia: ciência e profissão*, 28(4), 806-819. Recuperado em 29 de julho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200800040001_2&lng=pt&tlng=pt.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Follador e Ambrosio, F. (2013). Rabiscando Desenhos-Estórias com Tema: Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In W. Trinca. (Org.), *Procedimentos de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões* (pp. 277-302). São Paulo: Vetor, 2013. Recuperado em 30 de julho de 2019, de <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2014/05/Rabiscando-Desenhos-Est%C3%B3rias-com-Tema-T%C3%A2nia-e-Fabiana.pdf>.

Aguirre, A. M. B. (2000). A primeira experiência clínica do aluno: ansiedades e fantasias presentes no atendimento e na supervisão. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 2(1), 3-31. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1116/825>.

Almeida, M. C. D. S.; Franco, R. S.; Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2016). A formação do psicólogo clínico: considerações a partir de um projeto de extensão com famílias. *Revista Sul Americana de Psicologia*, 4(2), 273. Recuperado em 29 de julho de 2019, de https://www.researchgate.net/profile/Maira_Bonafe_Sei/publication/312222515_A_for

[macao_do_psicologo_clinico_consideracoes_a_partir_de_um_projeto_de_extensao_co
m_familias/links/587780bc08ae8fce492fbbd0.pdf](http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v13n1/v13n1a02.pdf)

Ávila, L. A., Fernandes, W. J., Camargo, I., & Emílio, S. A. (2016). Grupos em debate. *Vínculo-Revista do NESME*, 13(1), 3-19. Recuperado em 17 jan 2020, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v13n1/v13n1a02.pdf>.

Avellar, L. Z. (2009). A pesquisa em psicologia clínica: reflexões a partir da leitura da obra de Winnicott. *Contextos Clínicos*, 2(1), 11-17. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2009.21.02>

Azevedo, L. J. C.; Féres-Carneiro, T., Brandão, E. P., & Lins, S. L. B. (2016). O conceito de transmissão psíquica na obra de Freud: a perspectiva de René Kaës. *Pensando famílias*, 20(2), 162-176. Recuperado em 25 de outubro de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a12.pdf>

Barreto, M. C., & Barletta, J. B. (2010). A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. *Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde*, 12(12), 155-171. Recuperado em 29 de julho de 2019, de https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34300720/para_artigo_-_bs_a_su_pervisao_de_estagio.pdf

Bastos, A. B. B. I. (2010). A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo Informação*, 14(14), 160-169. Recuperado em 25 de outubro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação – Psicanálise dos vínculos: Casal, família, grupo, instituição e campo social*. São Paulo: Vetor.

Castanho, P. D. C. G. (2007). O momento da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais. *Revista da SPAGESP*, 8(2), 2. Recuperado em 25 de outubro de 2019, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5562809>

Castanho, P. (2012). Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. *Vínculo*, 9(1), 47-60. Recuperado em 25 de outubro de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v9n1/a07.pdf>

Castanho, P. (2013). Dispositivos grupais utilizados por René Kaës: apontamentos para o estudo de sua arqueologia e gênese. *Vínculo-Revista do NESME*, 10(2), 14-25. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v10n2/n2a04.pdf>

Castanho, P. D. C. G. (2016). Da associação livre aos objetos mediadores em grupo: o processo associativo (e o tempo psíquico) no contato com objetos. *Anais do XVII Congresso Brasileiro de Psicodrama*. Recuperado em 15 de novembro de 2019.

Correa, O. R. (1992). Aspectos da transferência e contratransferência na abordagem psicanalítica do grupo familiar e casal. In M. Ramos (Org.), *Terapia de casal e família: o lugar do terapeuta* (pp. 61-71). São Paulo: brasiliense.

Correa, O. B. R. (2013). *Crises e travessias nas diversas etapas da vida do casal e do grupo familiar*. Petrópolis: KBR Editora.

Correa, O. B. R. (2018). As trajetórias em psicanálise de grupo, família e casal. In M. Ramos et al. (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: desafios clínicos e ampliações teóricas* (pp. 93-114). São Paulo: Escuta.

Cury, B. M., & Neto, J. L. F. (2014). Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. *Psicologia em Revista*, 20(3), 494-512. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2014V20N3P494>

Damasceno, N. F. P., Müller, N., Cordeiro, M. J. D. J. A., Missio, L., Reis, C. B., & Sales, C. M. (2016). Formação em psicologia: o processo histórico e a análise de um projeto político pedagógico. *Interfaces da Educação*, 7(21), 243-264. <https://doi.org/10.26514/inter.v7i21.1104>

Dominicis, G. V. M. (2019). Técnicas mediadoras em psicanálise de casal e família. In R. Kerbauy, M. B. Bartilotti, & G. V. M. Dominicis (Orgs.), *Laços possíveis: experiências clínicas com casais e famílias* (pp. 243-254). São Paulo: Aller Editora.

Emilio, S. A. (2010). O grupo psicanalítico de discussão como dispositivo de aprendizagem e compartilhamento. *Vínculo*, 7(2), 35-43. Recuperado em 29 de julho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000200008

Fernandes, A. C. Z. (2015) *Terapia psicanalítica familiar: um estudo investigativo sobre o processo terapêutico de casos atendidos por estudantes de psicologia em um serviço-escola*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-23022016-103518/en.php>

Fernandes, A. C. Z., & Gomes, I. C. (2018). Desafios na formação clínica do estudante de psicologia: sobre o atendimento psicanalítico a casais e famílias nos

serviços-escolas. In M. Ramos et al. (Orgs.), *Psicanálise de casal e família: desafios clínicos e ampliações teóricas* (pp. 93-114). São Paulo: Escuta.

Fernandes, B. S. (2000). Como trabalho com grupo de reflexão. *Revista da SPAGESP*, 1(1), 77-82. Recuperado em 27 de outubro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100011&lng=pt&tlng=pt.

Fernandes, W. J. (2000). Alguns aspectos do trabalho psicanalítico com grupos de discussão. *Revista da SPAGESP*, 1(1), 61-69. Recuperado em 29 de julho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100009.

Franco, R. S., & Sei, M. B. (2015). O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. *Gerais: revista interinstitucional de psicologia*, 8(2), 399-414. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8n2/v8n2a09.pdf>

Franco, R. S., Almeida, M. C. S., & Sei, M. B. (2016). Recursos artístico-expressivos na terapia familiar: um estudo teórico-clínico. *Revista de Psicologia da UNESP*, 15(1), 40-52. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v15n1/a04.pdf>

Franco, R. S. & Sei, M. B. (2019). Segredo familiar e os recursos artístico-expressivos na psicoterapia familiar: um estudo teórico-clínico. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 21(1). Recuperado em 20 de novembro de 2019, de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/10675>

Gomes, I. C. (2005). A formação clínica do estagiário de psicologia em atendimento a casais e famílias na abordagem psicanalítica. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 304-316). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

Gomes, I. C., & Levy, L. (2009). Psicanálise de família e casal: principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. *Aletheia*, (29), 151-160. Recuperado em 29 de julho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000100013

Gomes, I. C., & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, 20(1), 93-108. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642009000100006>

Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In A. Eiguer (Org.), *A transmissão do psiquismo entre gerações* (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco.

Kaës, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola.

Kessler, C. H., & Bessa, I. A. (2017). Pesquisa e formação em psicanálise na universidade: tensionamentos. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 9(1), 115-124. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v1p.115>

Leitão, I. B. (2018). A construção do estudo de caso em psicanálise: revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 11(3), 410-424.

<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.113.11>

Lemos, S. D. C. A., & Neves, A. S. (2019). Os processos de constituição psíquica do sujeito na perspectiva da psicanálise de família e casal. *Psicologia Clínica*, 31(1), 55-75. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A03>

Lopes, J. D. S. S., & De Castro, R. C. (2018). De estagiário à psicoterapeuta: sobre a descoberta de um novo lugar. *Quaderns de Psicologia*, 20(2), 141-158. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1444>

Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2005). Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 24-32). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

Melo, C. V., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Segredos de família: a contratransferência como recurso terapêutico. *Estilos da clínica*, 19(1), 163-182. Recuperado em 07 de janeiro de 2020, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v19n1/a11v19n1.pdf>.

Naffah Neto, A., & Cintra, E. M. D. U. (2012). A pesquisa psicanalítica: a arte de lidar com o paradoxo. *Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(1), 33-50. Recuperado em 29 de julho de 2019, de http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2012_1/02NaffahCintra.pdf

Naumburg, M. (1981). A arteterapia: seu escopo e sua função. In E. F. Hammer, *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos* (pp. 388-392). Rio de Janeiro, Ed. Interamericana.

Neto, W. M. D. F. S., & de Lima, C. P. (2019). Estágio curricular supervisionado em psicologia: aspectos legais, potencialidades e desafios para a formação do psicólogo. *Laplage em revista*, 5(1), 19-29.

<https://doi.org/10.24115/S2446-6220201951609p.19-29>

Pino, M. A. P. D. (2015). Do squiggle game ao pictograma grupal: a especificidade das cadeias associativas grupais. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 131-142. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v48n88/v48n88a11.pdf>

Pinto, E. B. (2004). A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. *Psicologia USP*, 15(1-2), 71-80. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100012>.

Quayle, J. (2010). Reflexões sobre a formação do psicólogo em psicoterapia: estado da arte e desafios. *Psicologia Ensino & Formação*, 1(1), 99-110. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v1n1/09.pdf>

Ramos, M. (1992). Terapia familiar: O lugar do terapeuta. In M. Ramos (Org.), *Terapia de casal e família: O lugar do terapeuta* (pp. 43-60). São Paulo: Brasiliense.

Reis, A. C. (2014). Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 142-157.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>

Ribeiro, D. P. D. S. A., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, (28), 135-145. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n28/n28a11.pdf>

- Safra, G. (1993). O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In M. E. Lino da Silva (Org.). *Investigação e psicanálise* (pp. 119-132). Campinas: Papyrus.
- Santos, Z., Joanny, M., & Gomes, I. C. (2018). O uso do genograma como recurso expressivo e objeto mediador em grupo de crianças e adolescentes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 39(2), 197-212. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2018v39n2p197>
- Sei, M. B. (2009). *Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi. 10.11606/T.47.2009.tde-30112009-093127
- Sei, M. B., & Gomes, I. C. (2007). Violência familiar, o transgeracional e a arteterapia com famílias: Aproximações. *Encontro: Revista de Psicologia*, 11(16), 133-140. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://revista.pgskroton.com.br/index.php/renc/article/view/2564/2448>
- Sei, M. B., & Paiva, M. L. D. S. C. (2011). Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor. *Psicologia Ensino & Formação*, 2(1), 9-20. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v2n1/02.pdf>
- Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-159. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n1/a08.pdf>
- Trachtenberg, A. R. C. (2005). Trauma, transgeracionalidade e

intergeracionalidade: uma transformação possível. In A. R. C. Trachtenberg, C. C.

Kopittke, D. Z. T. Pereira, V. D. M. Chem, & V. M. H. P. Mello (Orgs.), *Trasngeneracionalidade. De escravo a herdeiro: um destino entre gerações* (pp. 119-29). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde pública*, 39(3), 507-514. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>.

Vacheret, C. (2015). O grupo, o objeto mediador e o acesso ao pensamento metafórico. In: C. C. Abud (Org.), *A subjetividade nos grupos e Instituições: constituição, mediação e mudança* (pp. 81-113). Lisboa: Chiado Books.

Zanetti, S. A. S. (2013). O uso terapêutico da mediação: um entendimento psicanalítico a respeito da produção artística. *Revista de Arteterapia da AATESP*, 4(2), 48-55. Recuperado em 29 de julho de 2019, de [http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/16_09_2015_14_51_16_Revista_AATE SP_v4_n2.pdf](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/16_09_2015_14_51_16_Revista_AATE_SP_v4_n2.pdf)

Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2016). Grupo terapêutico de mediação e a formação clínica em casais e famílias. *Psicologia Clínica*, 28(3), 53-72. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://www.redalyc.org/html/2910/291052546004/>

Zaslavsky, J., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2003). A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre*. 25(2), 297-309. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082003000200006>.

Zimerman, D. E. (2010). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Zuanazzi, A. C., & Sei, M. B. (2014). Psicoterapia familiar psicanalítica: reflexões sobre os fenômenos transferenciais e contratransferenciais em um serviço-escola de psicologia. *Vínculo-Revista do NESME*, 11(1), 16-24. Recuperado em 29 de julho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v11n1/n1a04.pdf>

Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000200016>.

Winnicott, D. W. (2007) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1960).

ANEXOS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“Grupo de Reflexão na Formação Clínica em terapia familiar”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa “**Grupo de Reflexão na Formação Clínica em terapia familiar**”, a ser realizada na “Clínica Psicológica da UEL”. O objetivo da pesquisa é “investigar uma forma de intervenção que possa complementar a formação clínica dos estagiários de psicologia para o atendimento familiar”. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: 1) em duas entrevistas, uma inicial e outra devolutiva, que serão gravadas, transcritas, com o áudio sendo posteriormente descartado; 2) na participação em um grupo de reflexão que acontecerá em quatro encontros grupais, nos quais serão propostas atividades reflexivas. Os materiais produzidos a partir destas atividades serão digitalizados e os originais serão devolvidos a cada participante no momento da entrevista devolutiva.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o (a) senhor (a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos ainda, que o (a) senhor(a) não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são aprimorar as estratégias empregadas para a formação clínica de terapeutas psicanalíticos de casal e família. Quanto aos riscos, entende-se que estes podem estar vinculados a algum desconforto emocional aos participantes envolvidos na pesquisa, sendo possível interromper a participação a qualquer momento. Em caso de desconforto, os participantes serão auxiliados, por meio de atendimentos psicológicos efetuados pela pesquisadora em seu consultório particular, e terão amparo até que esse seja eliminado. No entanto, caso haja qualquer desconforto em participar da pesquisa, o participante poderá informar a pesquisadora a qualquer momento e o mesmo será atendido para o esclarecimento de possíveis dúvidas.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (**Danielle Cerci Mostagi, Avenida Bandeirantes, 657 - sala 108, telefone: 98804-5661; e-mail: danicerci@hotmail.com**), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao (à) senhor(a).

Londrina, ____ de _____ de 2018.

Pesquisador Responsável

Danielle Cerci Mostagi

RG::8.147.223-8

_____ (NOME POR EXTENSO DO SUJEITO DE PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: _____